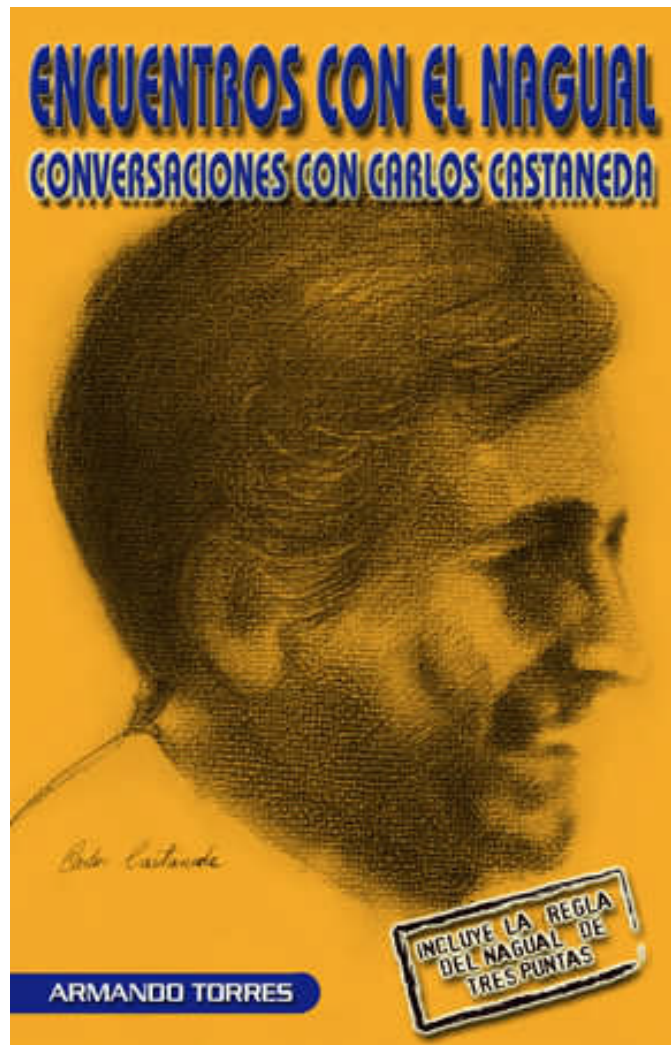




ENCONTROS COM O NAGUAL

ARMANDO TORRES



PRIMEIRA PARTE

UM ROMANCE COM O CONHECIMENTO

1 - A revolução dos bruxos.....	19
2 - A importância pessoal	27
3 - O caminho do guerreiro	42
4 - A consciência da morte	51
5 - A drenagem de energia.....	58
6 - Recapitulação	78
7 - O umbral do silêncio	87

SEGUNDA PARTE

DIÁLOGO DE GUERREIROS

1

- Saturação conceitual	101
- Um inventário de crenças.....	104
- Crer sem crer	106
- A prática do silêncio	110

2

- A oportunidade mínima	113
- Não são necessários mestres	114
- Conhecer-se a si mesmo	117

3

- Plantas de poder	119
- A armadilha da fixação	123
- Sonho e despertar	124
- A porta da percepção	130
- O duplo de ensonhos	134

4

- A transmissão da espreita	139
- A marca do nagual	142
- Espreitando o pequeno tirano	145

5

- A homogeneização perceptual149
- Depredadores de Consciência152
- Perdendo a razão158
- Os movimentos do ponto de aglutinação162

6

- A sobrevivência do ponto de aglutinação166
- Seres cíclicos170
- A alternativa do bruxo172
- A escolha final175

7

- Os videntes do México antigo.....177
- Viagem às raízes180
- As antenas da segunda atenção185

8

- Validando o nagual189
- Retorno à essência193
- Creio porque quero199

9

- Uma nova etapa do conhecimento203
- O compromisso é com o ensinho206
- A massificação do ensinamento210
- Os passes mágicos213

10

- O fim da linhagem215
- A evolução do caminho217
- Os videntes da nova era221
- Preparação intelectual224

11

- A tarefa do nagual226
- Encontro na cripta230

TERCEIRA PARTE

A REGRA DO NAGUAL DE TRÊS PONTAS

Introdução	5
O augúrio	39
O que é a Regra	241
A origem da Regra	243
Um organismo impessoal	245
A formação de um grupo	248
A ordem do grupo	250
O propósito da Regra	253
Os naguais de três pontas	256
A porção da Regra dos naguais de três pontas	258
A tarefa dos videntes atuais	261

QUARTA PARTE

O MUNDO DOS ANTIGOS VIDENTES HOJE EM DIA.....	263
---	-----

INTRODUÇÃO

Escrevo este livro no cumprimento de uma tarefa que me foi encomendada anos atrás.

Em outubro de 1984 eu conheci Carlos Castaneda, um controvertido antropólogo e escritor sobre temas de bruxaria.

Nessa época eu era ainda bastante jovem. Em minha busca de respostas, havia me envolvido em diversas tradições espirituais e ansiava achar um guia. Mas, desde o início, Carlos foi muito claro a esse respeito.

"Eu não prometo nada - ele dizia-, não sou um guru. A liberdade é uma escolha individual e é responsabilidade de cada um lutar por ela".

Em uma das primeiras conferências em que o ouvi, criticou duramente a idolatria humana que nos induz a seguir outros e a esperar que nos dêem as coisas já mastigadas. Ele disse que isso era um vestígio de nossa fase de rebanho.

"Quem sinceramente deseja entrar nos ensinamentos dos bruxos, não precisa de guias. Basta um interesse genuíno e culhões de aço. E por si mesmo achará tudo o que for necessário por meio de um intento inflexível".

Sob tais premissas se desenvolveu nossa relação.

Assim sendo, quero deixar claro que não sou um discípulo de Carlos, no sentido formal da palavra. Eu só conversei com ele em algumas ocasiões, e isso foi suficiente para

me convencer de que o verdadeiro caminho consiste em nossa determinação em sermos implacáveis.

A principal razão pela qual concordei em difundir parte de minha experiência ao seu lado é a gratidão. Carlos foi generoso com cada um dos que tiveram a sorte de conhecê-lo, já que é da natureza de um nagual dar presentes de poder. Estar perto dele era imbuir-se de seu estímulo e receber muitas histórias, conselhos e ensinamentos de todo tipo. Seria muito egoísta por parte daqueles que receberam esses presentes escondê-los, quando ele mesmo, como verdadeiro guerreiro da liberdade total, compartilhou tudo o que tinha com aqueles que estavam próximo dele.

Uma vez ele me contou que costumava anotar toda noite fragmentos da aprendizagem que recebia do nagual Juan Matus, um antigo bruxo que pertencia ao grupo étnico dos yaquis do norte do México, e de Don Genaro Flores, um poderoso índio mazateco que fazia parte do grupo de conhecimento liderado por DJ. Ele acrescentou que escrever era um aspecto importante de sua recapitulação pessoal e que eu deveria fazer a mesma coisa com tudo aquilo que ouvisse em nossas conversas.

"E se me esqueço?", perguntei a ele.

"Nesse caso o conhecimento não era para você. Concentre-se só naquilo que você possa se lembrar".

Ele me explicou que o verdadeiro sentido daquele conselho não era só para me ajudar a manter uma informação que poderia ser valiosa no futuro. O importante era que eu adquirisse um certo grau de disciplina, de forma que pudesse empreender verdadeiros exercícios de bruxos mais adiante.

Descreveu o propósito dos bruxos como "um empreendimento supremo: ajudar o homem moderno a sair da limitação perceptual, devolvendo-lhe o domínio de seus sentidos e permitindo-lhe entrar em um caminho de economia de energia".

Carlos insistia que tudo o que um guerreiro faz deve estar imbuído de um sentido de urgência em ser prático. Dito em outras palavras deveria estar inflexivelmente orientado para o verdadeiro propósito do ser humano: a liberdade.

"Um guerreiro não tem tempo a perder porque o desafio da consciência é total e exige vinte quatro horas diárias de alerta máximo".

Em meu relacionamento com ele e com outros homens de conhecimento, fui testemunha de eventos extraordinários quando vistos da perspectiva da razão. No entanto, para os bruxos, coisas como a visão remota, o conhecimento de eventos com antecedência ou a viagem para mundos paralelos ao nosso, são experiências normais no desempenho de suas tarefas. Enquanto nós não pudermos verificá-los por nós mesmos é inevitável que os tomemos como fantasias ou, no melhor dos casos, como metáforas típicas de sua linguagem.

O ensinamento de Carlos é assim: tome-o ou deixe-o. Você não pode racionalizá-lo. Não é possível verificá-lo intelectualmente. A única coisa que é possível fazer com eles é colocá-los em prática, explorando assim as extraordinárias possibilidades de nosso ser.

Armando Torres - autor

NOTAS DA TRADUTORA

Os livros de Carlos Castaneda usam algumas terminologias que na tradução para a língua portuguesa foram alterados por tradutores que não conhecem o tema com profundidade. Isso afeta de modo importante os significados de alguns conceitos da obra de Castaneda. Mas, por esses equívocos já terem se consagrado nas diversas edições dos livros de Carlos Castaneda, decidimos manter os termos com os quais os leitores já se habituaram. Entretanto, fazemos as seguintes observações:

1. Na versão em português, o termo "vontade" é usado em algumas ocasiões de forma incorreta. O mais preciso seria "intento".

2. Outro termo inadequado é o de "Ponto de Aglutinação". O correto seria "Ponto de Encaixe". Em espanhol, como em português, aglutinar não é o mesmo que encaixar.

3. Optamos por manter o termo original da língua espanhola "ensueño", criando a palavra "ensonho". Sonhar não é o mesmo que ensonhar. Como essa última palavra não existe na língua portuguesa e a diferença entre elas na língua espanhola é significativa, acreditamos que o leitor ganhará mais incorporando à bela língua portuguesa essa nova palavra: ensonhar.

4. E finalmente, a expressão usada em português "Pequenos Tiranos", procurando traduzir "Pinche Tiranos" não é adequada. O termo "pinche" originalmente significa algo entre "merda" e "maldito".

PREFÁCIO

Conheci Armando na ocasião em que ambos nos encontramos em um lugar de poder nas montanhas do México Central. A espontaneidade da amizade que se deu entre nós, assim como o tema de nossa conversa, levaram-me a comentar que eu tivera o privilégio de conhecer Carlos Castaneda. Ele me falou que também o conhecera e que estava escrevendo um livro sobre seus ensinamentos.

Minha curiosidade cresceu e eu o questionei a respeito. Ele não pareceu interessado em responder minhas indagações; disse tão somente que ainda não era o tempo apropriado. Eu não insisti, pois mal havia acabado de conhece-lo.

Durante anos de relação, eu o ouvi mencionar o assunto poucas vezes, sempre como referência a algum outro tópico que estávamos discutindo. Ainda que tenha me tornado amigo "daqueles que andam por lá", foi só até agora que se deram os eventos e tive acesso ao seu trabalho.

Quando li o manuscrito pela primeira vez, eu me senti profundamente emocionado, já que este me permitiu entender uma das mais obscuras premissas de Carlos:

o que ele chamava de "a porção da regra do nagual de três pontas" - um projeto para a renovação das linhagens de conhecimento que acontece em uma escala global.

Armando me assegurou que Carlos lhe tinha encomendado dar a conhecer essa informação na época apropriada, e me pediu que eu lhe ajudasse nessa tarefa. Porém, levando em consideração que se tratava de um manuscrito bastante curto - trinta páginas -, sugeri que ele o completasse com a descrição de algumas das numerosas conversações de Castaneda de que fora testemunha.

Aceitando minha proposta, ele selecionou um grupo de ensinamentos dados por Carlos em conferências públicas assim como em conversações privadas.

Para facilitar a leitura, ele me explicou que estruturou o conteúdo dos tópicos de acordo com os temas escolhidos e não por ordem cronológica.

Disse também que em algumas ocasiões fora forçado a sintetizar ou reconstruir as conversações, já que, no tratamento direto, Carlos era extremamente enfático, transmitia grande parte da informação por meio de gestos e expressões faciais; também lhe agradava misturar histórias pessoais e observações de todo tipo com os ensinamentos.

Como um presente extraordinário, Armando acrescentou no final uma breve história da sua própria experiência com um outro grupo de praticantes da bruxaria.

Devido à simplicidade e sinceridade de sua narrativa, este livro tem uma força que eu não encontrei em nenhum outro trabalho relacionado com este assunto. Por isso é, para mim, um enorme prazer auxiliar o Armando na tarefa de publicar esta obra. Não tenho a menor dúvida de que os amantes do legado de Carlos Castaneda desfrutarão intensamente deste trabalho.

Juan Yoliliztli

PRIMEIRA PARTE

UM ROMANCE COM O CONHECIMENTO

1 A REVOLUÇÃO DOS BRUXOS

Havíamos nos reunido no segundo andar de uma casa elegante para ouvir um conferencista famoso. Éramos um grupo de mais ou menos doze pessoas das quais eu não conhecia nenhuma, com exceção do amigo que tinha me convidado. Enquanto esperávamos a chegada do orador, conversamos amigavelmente.

Passaram-se quase duas horas e nosso convidado não aparecia. Nas faces das pessoas começaram a surgir sinais de cansaço. Alguns se desesperaram e partiram. Em um certo momento, senti o impulso de ir olhar para fora da janela. Então eu o vi chegar e nossos olhos se encontraram.

Inesperadamente, um forte vento entrou na sala e fez com que voassem papéis para todos lados. Quando Carlos entrou, alguns dos presentes ainda lutavam para fechar as janelas.

Sua aparência era diferente da que eu esperava. Ele era um homem de baixa estatura, ainda que parecesse muito forte; sua pele era morena e começava a mostrar sinais de rugas, estava vestido de um modo informal que lhe diminuía uns dez anos. O seu rosto era divertido, vivaz e irradiava simpatia. Parecia muito contente de estar entre nós e era um verdadeiro prazer estar perto dele.

Cumprimentou a todos com apertos de mão. Logo disse que nós tínhamos que aproveitar o tempo, porque lhe esperavam naquela mesma noite em um outro lugar. Ele se sentou em uma poltrona e nos perguntou:

"Vocês querem falar sobre o quê?"

Antes que tivéssemos tempo de responder, ele mesmo tomou a iniciativa e nos inundou de histórias. A conversa dele era direta e absorvente, cheia de piadas que completava com gestos expressivos.

Nessa ocasião ele se referiu às etapas históricas do nagualismo como um conjunto de práticas e idéias, garantindo que ao homem moderno foi dada uma oportunidade incrível com as revelações dos bruxos. Então falou algo sobre o movimento do ponto de aglutinação, uma manobra complexa a qual os videntes se dedicam. O tema era bastante novo para mim, e por conseguinte me limitei a escutar e tomar notas. Felizmente, Carlos costumava repetir as idéias essenciais, por isso era fácil seguir seu ritmo.

No final aceitou algumas perguntas. Um dos presentes quis saber qual era a posição dos bruxos diante da guerra. Seu rosto refletiu aborrecimento.

"O que você quer que eu diga? - perguntou - Que são pacifistas? Pois não são! A eles não interessa nosso destino como homens comuns e normais! Entendam de uma vez por todas! Um guerreiro é feito para o combate, seu descanso é a guerra".

Certamente, a pergunta tocou em um ponto sensível de Carlos, pois ele explicou demoradamente que, ao contrário das contendas mesquinhas, nas quais os humanos se envolvem diariamente, por interesses sociais, religiosos ou econômicos, a guerra do bruxo não está dirigida contra os outros, mas contra suas próprias fraquezas. Sendo assim, sua paz não se encontra na condição submissa a qual foi reduzido o homem moderno, mas sim em um estado imperturbável de silêncio interior e disciplina.

A passividade - disse - é uma violação da nossa natureza porque na essência todos nós somos formidáveis combatentes. Cada ser humano é por direito um soldado que alcançou seu lugar no mundo numa batalha de vida ou morte. Vejam assim: pelo menos uma vez, como espermatozóides, todos disputamos uma corrida pela vida - uma guerra sem igual contra milhões de outros competidores - e ganhamos! Agora a batalha continua, já que estamos presos nas forças do mundo. Uma parte de nós luta para desintegrar-se e morrer, e a outra quer a todo custo manter a vida e a consciência. Não existe paz! Um guerreiro percebe isso e usa a seu favor. O seu interesse continua sendo o mesmo que animou aquela centelha de vida que lhe deu origem: o acesso a um novo nível de consciência".

Continuou dizendo que ao nos socializarmos, fomos domesticados da mesma maneira como é domesticado um animal, por meio de estímulos e castigos.

Nós fomos treinados para viver e morrer docilmente, seguindo códigos de comportamento antinaturais que nos abrandam, fazendo com que percamos o ímpeto inicial, até que o espírito do homem já não possa ser notado. Considerando que nós nascemos da disputa, ao negar nossa tendência básica, a sociedade em que vivemos extirpa a herança guerreira que nos transforma em seres mágicos".

Acrescentou que o único caminho aberto à mudança, é aquele em que nós nos aceitamos tal e qual somos para trabalharmos a partir daí.

O guerreiro sabe que vive em um universo predatório. Não pode baixar a guarda. Por onde quer que olhe, ele vê uma luta incessante, e sabe que é merecedora de respeito, porque é uma luta mortal. Dom Juan sempre estava se movimentando, indo ou vindo, apoiando ou rejeitando, provocando tensões ou descarregando-se como um raio, gritando seu intento ou permanecendo calado, enfim, fazendo algo. Estava vivo, e a vida dele refletia a expansão e contração do Universo.

"Ele disse que, desde o momento em que ocorreu a explosão que nos deu origem até o momento de nossa morte, vivemos em um fluxo. Esses dois episódios são únicos, pois nos preparam para enfrentar o que está adiante. E o que nos alinha com esse fluxo? Uma batalha incessante que somente um guerreiro intenta; por isso vive em harmonia com o todo.

"Para um guerreiro, ser harmônico é fluir, não deter-se no meio da corrente para tentar um espaço de paz artificial e impossível. Ele sabe que pode dar o melhor de si sob condições de máxima tensão. Por isso procura seu adversário como o galo de rinha, com avidez, com deleite, sabendo que o próximo passo é decisivo. Seu adversário não é seu semelhante, mas seus próprios apegos e fraquezas. E seu grande desafio é apertar as camadas de sua energia de forma que ela não se expanda quando cessar a vida e assim consiga manter a sua consciência.

"Questionem-se: o que eu estou fazendo com minha vida? Ela tem um propósito? Está suficientemente ajustada? Um guerreiro aceita seu destino seja qual for. Porém, luta para mudar as coisas e faz do seu passo pelo mundo algo primoroso. Tempera sua vontade de tal modo que nada pode tirá-lo de seu propósito".

Outro dos presentes ergueu a mão e lhe perguntou como os bruxos conseguem conciliar os princípios do caminho do guerreiro com seus deveres sociais.

Respondeu:

"Os bruxos são livres, eles não aceitam compromissos com as pessoas. A responsabilidade é com eles próprios, não com os outros. Sabe por que razão foi colocado em você o poder da percepção? Já descobriu o propósito de sua vida? Anulará seu destino animal? Essas são perguntas de bruxos, as únicas que verdadeiramente podem mudar algo. Se lhe interessa os demais, responda isso!".

"Um guerreiro sabe que o que dá sentido à vida é o desafio da morte. E a morte é uma questão pessoal. É um desafio para cada um de nós que somente os guerreiros de coração aceitam. Desse ponto de vista, as inquietudes das pessoas são apenas egomania".

Carlos insistiu para que não perdêssemos de vista que o compromisso de um guerreiro é com o que chamou "o puro entendimento" - um estado de ser que surge do silêncio interior -, não com os apegos transitórios da modalidade da época em que foi destinado a viver. Sustentou que o interesse social é uma descrição que nos implantaram. Não faz parte de um desenvolvimento natural da consciência. Mas é produto da mente coletiva, do desajuste emocional, do medo e dos sentimentos de culpa, do desejo de dirigir os outros ou sermos dirigidos.

"O homem moderno não luta sua própria batalha, está envolvido em guerras que nada tem a ver com o espírito. É natural que um bruxo não se comova por isso!".

"Meu mestre dizia que ele não honrava acordos feitos na sua ausência: 'Eu não estava lá quando decretaram que eu tinha que ser um imbecil!.' Ele nasceu em circunstâncias particularmente difíceis, mas teve a grandeza de não se tornar um homem rancoroso. Afirmava que a situação da humanidade em geral é horrenda, e que enfatizar certos grupos é uma forma disfarçada de racismo.

Ele repetia que no mundo só há dois tipos de pessoas, os que têm energia e os que não têm. Ele vivia em uma luta permanente contra a cegueira de seus semelhantes. Mas, era impecável e não interferia com ninguém. Quando eu lhe expunha minha preocupação pelas pessoas, ele indicava minha incipiente papada e me dizia: 'não se engane, Carlitos, pois se você se interessasse de verdade pela condição humana, não trataria a si mesmo como a um porco'.

"Ele me ensinou que sentir pena dos outros é impróprio de um guerreiro, porque a piedade sempre parte do auto-reflexo. Ele me perguntava, sinalizando aqueles que nós encontrávamos em nosso caminho: 'Por acaso você se acha melhor que eles?' Ele me ajudou a entender que a solidariedade dos bruxos com aqueles que os cercam parte de um comando supremo, não de um sentimento humano".

"Espreitando minhas reações emocionais impiedosamente, ele me conduziu até a fonte de minhas preocupações e eu pude perceber que meu interesse pelas pessoas era uma farsa. Na verdade, eu queria escapar de mim mesmo transferindo aos outros meus problemas. Ele demonstrou que a compaixão, como a entendemos, é uma doença mental, uma psicose que nos aprisiona mais fortemente ao nosso ego".

Era evidente que a lembrança de Dom Juan comovia Carlos. Pude notar que ficava envolvido em uma onda de afeto.

Um dos assistentes ergueu a mão e comentou que, ao contrário de suas afirmações, a compaixão para com o próximo é a idéia essencial de todas as religiões.

Ele fez um gesto como se espantasse uma mosca.

"Sai dessa! Estas alegações baseadas na piedade são uma farsa! Por força de repetirmos as mesmas idéias, nós substituímos o interesse genuíno no espírito do homem por um sentimentalismo barato. Nós nos tornamos uns compassivos profissionais. E então? O que mudou?"

"Quando sentir que a mente coletiva o pressiona, tentando convencê-lo de que se concentre nas aparências do mundo, repita para seu interior esta tremenda verdade: 'eu vou morrer, não sou importante, ninguém o é!' Saber isso é a única coisa que importa".

Apresentou como exemplo de um esforço mal aplicado, um burro encalhado no lodo. Quanto mais se move, mais difíceis ficam as coisas. A única saída para ele é agir com indiferença, tentar livrar-se de sua carga e concentrar-se na urgência de seu problema.

A mesma coisa acontece conosco. Somos um ser que vai morrer. Nós fomos programados para viver como bestas, carregando um fardo de costumes e crenças alheias até o fim. No entanto, podemos mudar isso! A liberdade que nos oferece o caminho do guerreiro está ao alcance das mãos, aproveitem!"

Nos contou que, quando ele era um aprendiz, tinha um problema: era viciado em cigarro. Já tinha tentado deixá-lo várias vezes, mas sem sucesso.

"Um dia, Dom Juan me disse que iríamos colher plantas em uma área desértica e que a viagem duraria vários dias. Avisou: 'Será melhor que você leve um pacote inteiro de cigarros! Mas você tem que embrulhar muito bem, pois o deserto está cheio de animais que poderiam roubá-lo'".

"Eu agradei sua atenção e segui suas instruções cuidadosamente. Mas quando acordei no dia seguinte no meio do chaparral, eu descobri que o pacote havia desaparecido".

"Me desesperei; pois sabia que sem cigarros logo ficaria deprimido. DJ colocou a culpa da perda no coioote e me ajudou a procurar o pacote. Finalmente, depois de horas de angústia, ele encontrou o rastro do animal e o seguimos pelo resto do dia, entrando mais e mais nas montanhas. Ao chegar a noite, ele confessou que nós estávamos completamente perdidos".

"Sem cigarros e sem saber onde estava, eu me senti miserável. Para me consolar, ele me assegurou que perto dali tinha que haver algum povoado e que era questão de caminhar um pouco mais para chegar em algum lugar e estar a salvo. Mas perdemos o dia seguinte buscando um caminho, e então outro, e depois outro mais. Assim se passaram quase duas semanas".

"Chegou um ponto em que, quase morto de cansaço, eu me deixei cair sobre a areia e me dispus a morrer. Ao me ver nesse estado, ele tentou me animar a continuar, perguntando-me: 'Por acaso já não te interessa fumar?'".

"Olhei para ele com raiva, lançando em sua cara a sua incrível irresponsabilidade, e lhe respondi entre dentes que tudo o que eu queria era morrer. 'Muito bem! - respondeu com indiferença - então nós já podemos voltar.' Todo esse tempo nós havíamos estado a poucos metros da estrada!".

A anedota despertou uma explosão de riso. Quando finalmente nós nos acalmamos, Carlos observou:

"A tragédia do homem atual não é sua condição social, senão a falta de vontade de mudar a si mesmo. É muito fácil planejar revoluções coletivas, mas, mudar genuinamente, acabar com a autocompaixão, eliminar o ego, abandonar nossos hábitos e caprichos... ah, isso sim é outra coisa! Os bruxos dizem que a verdadeira rebeldia e a única saída do ser humano como espécie, é fazer uma revolução contra sua própria estupidez. Como, compreenderão, trata-se de um trabalho solitário".

"O objetivo dos bruxos é a revolução dos bruxos, o desdobramento irrestrito de nossas possibilidades perceptuais. Eu não conheci um revolucionário maior que DJ. Ele não propunha trocar as "tortillas" pelo pão, não! Ele foi fundo no assunto. Propôs o salto mortal do pensamento ao desconhecido, a liberação de todas as amarras. E demonstrou que é possível!".

"Ele me sugeriu que eu completasse minha vida com decisões de poder, com estratégias que me levassem à consciência. Ele me ensinou que a ordem do mundo não tem que ser como nos dizem, que eu posso deixá-lo de lado quando eu quiser. Eu não estou obrigado a manter uma imagem para os outros, a viver um inventário que não me convém. Meu campo de batalha é o caminho do guerreiro!".

Terminada a reunião, todos os seus ouvintes formaram uma fila para trocar algumas palavras com ele e lhe dizer adeus. Quando chegou minha vez, Carlos me olhou de cima a baixo e me perguntou como me chamava e por quê estava ali.

Eu lhe disse meu nome e lhe expliquei que um amigo, conhecendo meu interesse pelo assunto, tinha me avisado sobre a oportunidade.

Só comentou:

"Com você eu quero falar em particular".

Um pouco confundido por essas palavras, esperei que terminasse de cumprimentar a todos e eu o segui a um canto da sala. Ali ele me convidou a tomar o café da manhã no seu hotel no dia seguinte.

Eu disse que seria um prazer para mim.

Então ele me deu o endereço e me falou:

"Nos vemos amanhã às nove horas".

Acrescentou que eu não deveria comentar a ninguém sobre nosso encontro e que deveria ser pontual.

A IMPORTÂNCIA PESSOAL

Cheguei ao átrio do hotel na hora combinada. Não esperei nem um minuto e o vi descendo as escadas que davam acesso aos quartos. Nós nos cumprimentamos e então nos dirigimos ao restaurante onde nos serviram um delicioso café da manhã. Em dado momento quis perguntar-lhe algo, mas ele me fez sinais para ficar calado. Comemos em silêncio.

Ao terminarmos, saímos para caminhar pela rua Donceles, rumo ao Zócalo.

Enquanto passeávamos pelos sebos, ele me confessou que, geralmente, não falava em particular com as pessoas, mas que no meu caso era diferente porque ele tinha recebido uma indicação a respeito. Como eu não sabia a que se referia, preferi permanecer calado, já que qualquer comentário meu nada mais faria que sublinhar minha ignorância.

Acrescentou que de forma alguma eu deveria confundir sua deferência com um interesse pessoal.

"Eu disse muitas vezes que minha condição energética me impede de receber discípulos. Por isso, as pessoas se desapontam comigo. Mas eu não posso fazer nada!"

Conversamos sobre diversos temas. E eles fez muitas perguntas sobre minha vida, pediu o número de meu telefone e me avisou que na noite seguinte ele daria uma palestra na casa de uma amiga. Eu estava convidado a assistir, mas que a nossa relação deveria permanecer em segredo. Eu lhe respondi que adoraria estar presente e então ele me deu o endereço e o horário.

Em um dos sebos que visitamos, encontramos um exemplar de um dos seus livros intitulado - "Uma estranha realidade". Estava na estante das obras de ficção, o qual lhe aborreceu muitíssimo. Comentou que as pessoas estão tão comprometidas com o cotidiano que nem sequer podem conceber o mistério que nos cerca. Quando algo sai do conhecido, automaticamente nós o classificamos em uma cômoda categoria e então nos esquecemos disso.

Percebi que folheava os livros com interesse e que, às vezes, passava a mão neles com carinho, com um sentimento de respeito. Ele disse que aqueles, mais que livros, eram depósitos de conhecimento não se importando com a forma em que este se apresentasse. Acrescentou que a informação de que precisamos para ampliarmos a consciência se esconde nos lugares mais improváveis; e que se não fôssemos tão rígidos como normalmente somos, tudo à nossa volta nos contaria segredos incríveis.

"Somente precisamos nos abrir ao conhecimento e este chegará a nós como uma avalanche".

Vendo uma mesa que exhibia livros a um preço quase de graça, ficou admirado com o baixo custo que têm os livros já lidos comparados com os novos. Na opinião dele, isso provava que as pessoas não estão realmente procurando informação. O que procuram é o "status" do comprador.

Eu lhe perguntei que tipo de leitura ele preferia e me respondeu que gostava de saber sobre tudo. Porém, nessa ocasião, estava procurando um livro de poesia em particular; certa edição antiga que nunca havia sido re-impressa. Pediu-me que lhe ajudasse a encontrá-lo.

Durante um longo tempo, nós revolvemos muitos livros. Finalmente, saiu com um pacote deles, mas não com o qual procurava. Com um sorriso culpado, admitiu:

"Sempre me acontece a mesma coisa!"

Próximo ao meio-dia nos sentamos para descansar num banco de uma praça onde estavam os impressores oferecendo seus serviços. Aproveitei a oportunidade para lhe dizer que suas declarações da noite anterior tinham me deixado perplexo. Então lhe pedi que me explicasse com mais detalhes no que consistia a guerra dos bruxos.

Com muita cortesia, ele me explicou que era natural que esse tema me afetasse, já que eu, como o resto dos seres humanos, fui preparado desde meu nascimento para perceber o mundo do ponto de vista do bando das ovelhas. Ele me contou histórias de seus companheiros e como eles tinham conseguido, depois de muitos anos de luta tenaz contra suas fraquezas, superar à coerção coletiva. E me aconselhou a ser paciente, pois a seu devido tempo as coisas se explicariam.

Depois de um momento de conversa agradável, ele me deu a mão num gesto de adeus. Eu não pude conter minha curiosidade e lhe perguntei o que ele tinha desejado dizer com isso de que havia tido "uma indicação" sobre mim.

Em vez de me responder, ele olhou com atenção sobre meu ombro esquerdo. Imediatamente minha orelha ficou quente e começou a zumbir. Depois de um tempo, disse que ele mesmo não sabia, porque não pôde ler a natureza do sinal. Mas tinha sido algo tão claro, que tinha sido forçado a prestar atenção.

Acrescentou:

"Eu não posso guiá-lo, mas posso colocá-lo diante de um abismo que colocará à prova todas as suas habilidades. Dependerá de você se se lança ao vôo ou se corre para se esconder na segurança de suas rotinas".

Suas palavras despertaram minha curiosidade. Eu lhe perguntei a que abismo se referia.

Ele me disse que se referia ao meu próprio sonho.

Essa resposta me estremeceu. De alguma maneira, Carlos tinha notado meu dilema interior.

Faltando quinze para às sete, cheguei a uma bonita casinha em Coyoacán. Uma moça agradável, que parecia ser a dona da casa, veio me receber. Eu lhe expliquei que tinha sido convidado à conferência de Carlos e ela me convidou a entrar. Nós nos apresentamos e ela disse que se chamava Martha.

Na sala havia outras oito pessoas. Logo chegaram mais dois convidados e em seguida apareceu Carlos que, como sempre, saudou a todos efusivamente. Desta vez apareceu trajado de um modo muito formal, de terno e gravata, e trazia na mão uma pasta que lhe dava um ar intelectual. Começou a conversar sobre diversos assuntos e, quase sem que notássemos, entrou no tema: como apagar a importância pessoal.

Como preâmbulo, afirmou que o papel relevante que nos concedemos a nós mesmo em cada uma das coisas que fazemos, dizemos ou pensamos, consiste numa espécie de "dissonância cognitiva" que nubla nossos sentidos e nos impede de ver as coisas clara e objetivamente.

"Somos como pássaros atrofiados. Nascemos com todo o necessário para voar, porem, estamos permanentemente obrigados a dar voltas em torno de nosso ego. A corrente que nos aprisiona é a importância pessoal".

"O caminho para converter um ser humano normal num guerreiro é muito árduo. Sempre intervém nossa sensação de estar no centro de tudo, de sermos necessários e termos a última palavra. Nós nos sentimos importantes. E quando a pessoa é importante, qualquer intento de mudança se converte em um processo lento, complicado e doloroso".

"Esse sentimento nos segrega. Se não fosse por ele, todos nós fluiríamos no mar da consciência e saberíamos que nosso eu pessoal não existe para si mesmo: seu destino é alimentar a Águia".

A importância cresce na criança à medida em que ela aperfeiçoa sua interpretação da realidade. Fomos forçados a aprender a construir um mundo de concordâncias ao qual nos referir, para que possamos nos comunicar. Mas esse dom incluiu uma embaraçosa seqüela: nossa idéia do 'eu'. O eu é uma construção mental, veio de fora e está na hora de nos desfazermos dele".

Carlos afirmou que as falhas em que nós incorremos ao nos comunicarmos são uma prova de que a concordância que nós recebemos é absolutamente artificial.

"Depois de experimentar durante milênios situações que alteram nossos modos de perceber o mundo, os bruxos do México antigo descobriram um fato prodigioso: que nós não estamos obrigados a viver em uma única realidade, porque o universo está construído com princípios muito maleáveis que podem se acomodar em formas quase infinitas, produzindo incontáveis gamas de percepção".

"A partir desta constatação, eles deduziram que o que nós seres humanos recebemos de fora, foi a capacidade para fixar nossa atenção em um desses níveis para explorá-lo e reconhecê-lo, moldando-nos a ele e aprendendo a senti-lo como se fosse único. Assim surgiu a idéia de que nós vivemos em um mundo exclusivo e, conseqüentemente, gerou-se o sentimento de ser um 'eu' individual.

"Não há dúvidas de que a descrição que nos deram é uma possessão valiosa, semelhante a uma estaca à qual se amarra uma plantinha tenra para fortalecê-la e conduzi-la. E isso tem permitido que crescamos como pessoas normais numa sociedade modelada para essa fixação. Para isso, nós tivemos que aprender a 'desnatar', quer dizer, fazer leituras seletivas do enorme volume de informações que chegam a nossos sentidos. Mas, uma vez que essas leituras se tornam 'a realidade', a fixação da atenção funciona como uma âncora, pois nos impede de tomar consciência de nossas incríveis possibilidades".

"Don Juan sustentava que o limite da percepção humana é a timidez. Para poder manipular o mundo que nos cerca, nós tivemos que renunciar ao nosso patrimônio perceptivo que é a possibilidade para testemunhar tudo. Desse modo, nós sacrificamos o vôo da consciência pela segurança do conhecido. Nós podemos viver vidas fortes, audazes, saudáveis; podemos ser guerreiros impecáveis, mas não ousamos!

"Nossa herança é uma casa estável onde viver, mas nós a transformamos em uma fortaleza para a defesa do eu, melhor dizendo, em um cárcere onde condenamos nossa energia a consumir-se em prisão perpétua. Nossos melhores anos, sentimentos e forças se vão no conserto e na sustentação daquela casa porque nós acabamos nos identificando com ela".

"Quando uma criança se torna um ser social, ela adquire uma falsa convicção de sua própria importância. E aquilo que no princípio era um sentimento saudável de autopreservação, acaba se transformando em uma exigência ególatra por atenção".

"De todos os presentes que recebemos, a importância pessoal é o mais cruel. Converte uma criatura mágica e cheia de vida em um pobre diabo arrogante e sem graça".

Apontando para seus pés, falou que nos sentir importantes nos força a fazer coisas absurdas.

"Vejam eu! Uma vez eu comprei sapatos muito bons, que pesavam quase um quilo cada um. Gastei uns quinhentos dólares para andar arrastando meus sapatos por aí!

"Por causa de nossa importância, nós estamos cheios até as bordas de rancores, invejas e frustrações. Nós nos deixamos guiar pelos sentimentos de indulgência e fugimos da tarefa de nos conhecer a nós mesmos com pretextos como: 'me dá preguiça' ou 'que cansaço!'. Por trás de tudo isso há uma ansiedade que tentamos silenciar com um diálogo interno cada vez mais denso e menos natural".

Neste ponto da conversa, Carlos fez um intervalo para responder algumas perguntas e aproveitou para nos contar diversas histórias exemplares sobre como a auto-importância

deforma os seres humanos, transformando-os em couraças rígidas diante das quais um guerreiro não sabe se ri ou se chora.

"Depois de estudar durante alguns anos com don Juan, eu me senti tão perplexo com suas práticas que fui embora durante algum tempo. Não podia aceitar o que ele e meu benfeitor me faziam. Parecia desumano, desnecessário e ansiava por um tratamento mais doce. Eu aproveitei para visitar diversos guias espirituais do mundo inteiro a fim de achar nas doutrinas deles algum ensino que justificasse minha deserção".

"Em certa ocasião conheci um guru californiano que se achava grande coisa. Ele me admitiu como seu discípulo e me deu a tarefa de pedir esmolas em uma praça pública. Considerando que era uma experiência nova para mim e que provavelmente tiraria uma lição importante de tudo isso, eu me encorajei e cumpri o proposto. Quando voltei para vê-lo, disse a ele: 'agora faça isso você!'. Ele ficou furioso comigo e me expulsou da turma".

"Em outra de minhas viagens, fui ver um conhecido mestre hindu. Eu me apresentei em sua casa bem cedo e formei fila com outros curiosos. Mas o cavalheiro nos deixou esperando durante horas. Quando apareceu, no alto de uma escada, ele tinha um aspecto condescendente, como se nos estivesse fazendo um grande favor em nos admitir. Começou a descer os degraus muito meritariamente, mas seus pés se emaranharam em sua grande túnica, caiu no chão e quebrou a cabeça. Morreu ali mesmo, diante de nós".

Em outra ocasião, Carlos nos falou que o demônio da auto-importância não afeta somente aqueles que se acreditam mestres, mas que é um problema geral. Um dos seus estandartes mais firmes é a aparência pessoal.

"Esse era um ponto pelo qual eu sempre me senti incomodado. Don Juan costumava atizar meu ressentimento zombando de minha estatura. Ele me dizia: 'Quanto mais baixinho, mais egomaniaco! Você é pequeno e ruim como um percevejo; não pode fazer outra coisa senão ser famoso, porque do contrário você não existe!' Afirmava que o mero fato de me ver lhe dava vontade de vomitar, pelo que estava infinitamente agradecido comigo: 'cada vez que você vem eu me renovo!'

"Eu me ofendia com seus comentários, porque tinha a certeza de que exagerava meus defeitos. Mas um dia eu entrei em uma loja de Los Angeles e pude entender que ele tinha toda a razão. Ouvi um indivíduo que dizia ao meu lado: 'Shorty!' (pequeno). Eu me senti tão irritado que, sem pensar duas vezes, virei e lhe dei um forte soco na cara. Depois eu soube que o homem não tinha dito isso para mim, mas porque tinha recebido um troco menor".

"Um dos conselhos que nos deu Don Juan foi que durante nossa formação como guerreiros nos abstivéssemos de empregar o que ele chamava 'ferramentas para a perpetuação do eu.' Incluía nessa categoria objetos tais como os espelhos, exibição de títulos acadêmicos e os álbuns de fotos com história pessoal. Os bruxos do seu grupo tomavam esse conselho literalmente, mas os aprendizes não se importavam. Porém, por alguma razão, eu interpretei seu comando de forma extrema desde então eu nem permito ser fotografado".

"Certa vez, enquanto eu proferia uma conferência, expliquei que as fotos são uma perpetuação do auto-reflexo e que minha relutância tinha como objetivo manter uma cômoda incógnita ao redor de minha pessoa. Depois eu descobri que certa senhora que estava entre os assistentes e que se dava ar de guia espiritual, havia comentado que, se ela tivesse a minha cara de garçom mexicano, ela tampouco se deixaria fotografar".

"Ao observar as manhas da importância pessoal e o modo homogêneo com que contamina todo o mundo, os videntes dividiram aos seres humanos em três categorias, para as quais don Juan pôs os nomes mais ridículos que pôde achar: os mijos, os peidos e os vômitos. Todos nós nos ajustamos em um deles".

"Os mijos se caracterizam por seu servilismo; eles são adulateiros, pegajosos e enjoados. É o tipo de gente que sempre quer lhe fazer um favor; cuidam de você, o previnem, paparicam. Eles têm tanta compaixão na alma! Mas desse modo eles mascaram um fato real: eles não têm iniciativa própria e por si só nunca chegam a nada. Eles precisam de um comando alheio para sentir que estão fazendo algo. E, para sua desgraça, eles dão por certo que os outros são tão amáveis quanto eles; por isso sempre são feridos, decepcionados e chorosos.

"Os peidos, por outro lado, são o extremo oposto. Irritantes, mesquinhos e auto-suficientes, constantemente se impõem e interferem. Uma vez que agarram você, não o deixam em paz. Eles são as pessoas mais desagradáveis com quem você pode se encontrar. Se você está tranqüilo, chega o peido e o enrola em seus jogos, usando-o de toda forma possível. Eles têm um dom natural para serem os manda-chuvas e os líderes da humanidade. São os que chegam a matar para conservarem o poder.

"Entre essas categorias estão os vômitos. Neutros, nem se impõem nem se deixam guiar. São presunçosos, ostentosos e exibicionistas. Dão a impressão de que são grande coisa, mas não são nada. Tudo é alarde. São caricaturas de pessoas que pensam ser muito, mas, se você não lhes presta atenção, eles se desfazem em sua insignificância".

Alguém da platéia lhe perguntou se pertencer a uma dessas categorias é uma característica obrigatória, quer dizer, uma formação concreta em nossa luminosidade.

Respondeu:

"Ninguém nasce assim, nós nos fazemos assim! Caímos em um ou outra dessas classificações por causa de algum incidente mínimo que nos marcou quando éramos crianças, como pode ser a pressão de nossos pais ou outros fatores imponderáveis. A partir daí, e conforme crescemos, vamos nos envolvendo de tal modo na defesa do eu, que chega um momento em que nós já não nos lembramos do dia em que deixamos de ser autênticos e começamos a atuar. Assim, quando um aprendiz entra no mundo dos bruxos, sua personalidade básica está tão formada que já nada pode fazer para desfazê-la e só lhe resta rir de tudo isso".

"Mas, apesar de não ser nossa condição congênita, os bruxos podem perceber o tipo de importância que nós nos concedemos através de seu ver. E isso é possível porque modelar nosso caráter durante anos produz deformações permanentes no campo energético que nos cerca".

Carlos continuou explicando que a auto-importância se alimenta da mesma classe de energia que nos permite "ensonnhar". Portanto, perdê-la é a condição básica do nagualismo, porque libera para nosso uso um excedente de energia; porque sem essa precaução, o caminho do guerreiro poderia nos converter em umas aberrações.

"Isso é o que aconteceu a muitos aprendizes. Eles começaram bem, acumulando sua energia e desenvolvendo suas potencialidades. Mas eles não perceberam que, à medida em que conseguiam poder, eles também nutriam em seu interior um parasita. Se nós vamos ceder às pressões do ego, é preferível que o façamos como homens comuns e normais, porque um bruxo que se considera importante é a coisa mais triste que há.

"Considerem que a importância pessoal é traiçoeira; pode se disfarçar debaixo de uma fachada de humildade quase impecável porque não tem pressa. Depois de uma vida inteira de práticas, basta um mínimo descuido, um pequeno deslize e ali está ela, novamente, como um vírus que foi incubado em silêncio ou como essas rãs que esperam durante anos debaixo da areia do deserto e com as primeiras gotas de chuva despertam de sua letargia e se reproduzem".

"Tendo em conta sua natureza, é o dever de um benfeitor esporear a importância do aprendiz até que esta exploda. Não pode ter piedade. O guerreiro deve aprender a ser humilde pelo caminho mais árduo ou não terá a menor oportunidade frente aos dardos do desconhecido".

"Dom Juan fustigava seus discípulos até a crueldade. Ele nos recomendava uma vigilância de vinte e quatro horas diárias para manter distância dos tentáculos do eu. Claro que não lhe dávamos a devida atenção! Salvo Eligio, o mais adiantado dos aprendizes, todos os outros se entregavam de um modo vergonhoso às nossas tendências. No caso da Gorda isso foi fatal".

Contou a história de Maria Helena, uma discípula adiantada de don Juan que havia desenvolvido um grande poder como guerreira, mas que não soubera controlar os maus hábitos de sua etapa humana.

"Ela pensou que tinha tudo sob controle e não era assim. Ainda lhe restava um interesse muito egoísta, um apego pessoal; esperava coisas do grupo de guerreiros e isso acabou com ela".

"A Gorda se sentia ofendida comigo porque me considerava incapaz de dirigiros aprendizes até a liberdade e nunca me aceitou como o novo nagual. Uma vez que a força diretiva de DJ desaparecera, ela começou a reprovar minha insuficiência, ou melhor, minha anomalia energética, sem levar em consideração que isso era um comando do espírito. Pouco depois, ela se aliou com os genaros e as irmãzinhas e começou a se comportar como

se ela fosse a líder do grupo. Mas o que terminou de exasperá-la foi o sucesso público de meus livros”.

"Certo dia, em uma explosão de auto-suficiência, reuniu a todos, prostrou-se diante de nós e gritou: 'Bando de idiotas! Eu me vou!'”.

"Ela conhecia o exercício do fogo interior, por meio do qual podia mover seu ponto de aglutinação até o mundo do nágual para se reunir com don Juan e don Genaro. Mas naquela tarde ela estava muito agitada. Alguns dos aprendizes tentaram acalmá-la e isso a enfureceu ainda mais. Eu não podia fazer nada. A situação havia sobrepujado meu poder. Depois de um esforço brutal e nada impecável, acometeu-a uma embolia cerebral e caiu morta. O que a matou foi sua egomania”.

Como moral desta história estranha, Carlos acrescentou que um guerreiro nunca se deixa levar até a loucura, porque morrer de um ataque de ego é o modo mais estúpido para se morrer.

"A importância pessoal é homicida, trunca o livre fluxo da energia e isso é fatal. Ela é a responsável pelo nosso fim como indivíduos e chegará o dia em que nos elimine como espécie. Quando um guerreiro aprende a deixar sua auto-importância de lado, seu espírito se abre, jubiloso, como um animal selvagem que é liberado de sua jaula e posto em liberdade”.

"A importância pessoal se pode combater de diversos modos, mas primeiro é necessário saber que está aí. Se você tem um defeito e o reconhece, já é meio caminho andado!”.

"Assim, antes de mais nada, dêem-se conta disso. Peguem uma cartolina e escrevam nela: 'A importância pessoal mata', e pendurem-na no lugar mais visível da casa. Leia essa frase diariamente, tente se lembrar dela no seu trabalho, medite sobre ela. Talvez chegue o momento em que seu significado penetre em seu interior e você decida fazer algo. O dar-se conta é por si mesmo uma grande ajuda porque a luta contra o eu gera seu próprio impulso.

"Ordinariamente, a importância pessoal se alimenta de nossos sentimentos, que podem ir do desejo de estar bem e ser aceito pelos outros, até a arrogância e o sarcasmo. Mas sua área de ação favorita é a compaixão por si mesmo e pelos demais. De forma que para espreitá-la, temos, acima de tudo, que decompor nossos sentimentos em suas mínimas partículas, descobrindo as fontes das quais se nutrem”.

"Os sentimentos raramente se apresentam em uma forma pura. Eles se disfarçam. Para os caçar como coelhos, nós temos que proceder sutilmente, com estratégias, porque eles são rápidos e não se pode entrar em acordo com eles”.

"Podemos começar com as coisas mais evidentes, como por exemplo: por que me levo tão a sério? Quão apegado estou? A que dedico meu tempo? Estas são coisas que nós podemos começar a mudar, acumulando energia suficiente para liberar um pouquinho de atenção. E isso, por sua vez, permitirá que entremos mais no exercício”.

"Por exemplo, em vez de passar horas a fio vendo televisão, indo fazer compras ou conversando com nossos amigos sobre coisas transcendentais, nós poderíamos dedicar uma pequena parte desse tempo para fazermos exercícios físicos, recapitular nossa história ou então ir sozinhos a um parque, tirar os sapatos e caminhar descalços na grama. Parece algo simples, mas com essas práticas nosso panorama sensorial se redimensiona. Recuperamos algo que sempre esteve aí e que tínhamos dado por perdido".

"A partir dessas pequenas mudanças, podemos analisar elementos mais difíceis de detectar, nos quais nossa vaidade se projeta até a demência. Por exemplo: quais são minhas convicções? Eu me considero imortal? Sou especial? Mereço que me considerem? Este tipo de análise entra no campo das crenças, a mera fortaleza dos sentimentos. Assim devem empreender essa análise através do silêncio interno, estabelecendo um fervoroso compromisso com a honestidade. Caso contrário, a mente fará uso de todo tipo de justificativas".

Carlos acrescentou que estes exercícios devem ser feitos com um sentido de alarme, porque, verdadeiramente, trata-se de sobreviver a um poderoso ataque.

"Percebam que a importância pessoal é um veneno implacável. Nós não temos tempo e o antídoto é a urgência. É agora ou nunca!".

"Uma vez que vocês tenham dissecado seus sentimentos, devem aprender como canalizar seus esforços mais além da faixa do interesse humano, até o lugar da não piedade. Para os videntes, esse lugar é uma área de nossa luminosidade tão funcional como é a área da racionalidade. Nós podemos aprender a avaliar o mundo de um ponto de vista desapegado, da mesma que nós aprendemos, quando crianças, a avaliá-lo a partir da razão. Só que o desapego, como ponto de enfoque da atenção, está muito mais próximo da realidade energética das coisas".

"Sem essa precaução, a consulsão emocional resultante do exercício de espreitar a nossa auto-importância pode ser tão dolorosa que o aprendiz pode ficar louco ou ser levado ao suicídio. Quando ele aprender a contemplar o mundo a partir da não compaixão, intuindo que por trás de toda a situação que implique um desgaste energético há um universo impessoal, o aprendiz deixa de ser um nó de sentimentos e se torna um ser fluido".

"O problema da compaixão é que nos obriga a ver o mundo através da auto-indulgência. Um guerreiro sem compaixão é uma pessoa que conseguiu se colocar no centro da frieza e ele já não se compadece no "pobrezinho de mim". É um indivíduo normal, só que, como não tem piedade por suas fraquezas nem pelas das demais pessoas, conseguiu aprender a rir de si mesmo.

"Um modo de definir a importância pessoal, é entendendo-a como a projeção de nossas fraquezas através da interação social. É como os gritos e atitudes prepotentes que adotam alguns animais pequenos para dissimular o fato de que na realidade eles não têm defesas. Somos importantes porque nós temos medo, e quanto mais medo, mais ego.

"Porém, e afortunadamente para os guerreiros, a importância pessoal tem um ponto fraco: ela depende do reconhecimento para subsistir. Como a pipa, ela precisa de uma corrente de ar para ascender e ficar no alto; caso contrário, cai feito pedra e se quebra. Se nós não damos importância à importância, esta se acaba.

"Sabendo isto, um aprendiz renova suas relações. Aprende a escapar daqueles que o consentem e frequenta a esses a que nada humano lhes importa. Busca a crítica, não a lisonja. De vez em quando começa uma vida nova, apaga sua história, muda nome, explora novas personalidades, anula a sufocante persistência de seu ego e leva a si mesmo a situações limite nas quais o autêntico é forçado a assumir o controle. Um caçador de poder não tem piedade, não busca o reconhecimento ante os olhos de ninguém".

"A não compaixão chega de surpresa. A ela se intenta pouco a pouco, durante anos de pressão contínua. Mas acontece de repente, como uma vibração instantânea que quebra nosso molde e nos permite olhar para o mundo a partir de um sorriso sereno. E pela primeira vez em muitos anos, sentimo-nos livres do terrível peso de sermos nós mesmos e vemos a realidade que nos cerca. Uma vez aí já não estamos sozinhos; um incrível empurrão nos espera, uma ajuda que vem das entranhas da águia e nos transporta por um milissegundo a universos de sobriedade e sensatez".

"Ao não termos compaixão, podemos enfrentar com elegância o impacto de nossa extinção pessoal. A morte é a força que dá ao guerreiro valor e moderação. Só olhando através de seus olhos nos damos conta de que nós não somos importantes. Então ela vem viver ao nosso lado e começa a nos transmitir seus segredos".

"O contato com sua transcendência deixa uma marca indelével no caráter do aprendiz. Este entende de uma vez por todas que toda energia do Universo está conectada. Não há um mundo de objetos que se relacionam entre si através de leis físicas. O que existe é um panorama de emanções luminosas inextrincavelmente ligadas, no qual nós podemos fazer interpretações na medida em que o poder de nossa percepção o permita. Todas as nossas ações contam, porque elas desencadeiam avalanches no infinito. Por isso nenhuma vale mais que outra, nenhuma é mais importante que outra".

"Essa visão corta de uma vez só a tendência que nós temos de ser indulgentes com a gente mesmo. Ao ser testemunha do vínculo universal, o guerreiro cai presa de sentimentos descontraídos. Por um lado, júbilo indescritível e uma reverência suprema e impessoal por tudo que existe. Por outro, um sentido de fim inevitável e tristeza profunda que nada tem que a ver com a auto-compaixão; uma tristeza que vem do seio do infinito, uma rajada de solidão que nunca desaparece".

"Esse sentimento depurado dá para o guerreiro a sobriedade, a fineza, o silêncio de que ele precisa para intentar aí onde todas as razões humanas fracassam. Em tais condições, a importância pessoal fenece por si mesma".

O CAMINHO DO GUERREIRO

Certa manhã eu recebi um telefonema e, para minha surpresa, era o Carlos. Ele me disse que chegaria ao aeroporto da cidade do México em umas quatro horas e perguntou se eu poderia recebê-lo. Respondi que me daria muito prazer. Então ele me deu o número do voo. Calculei que ele estava me ligando do aeroporto de Los Angeles, já que esse é o tempo necessário para a viagem.

Quando chegou, eu o acompanhei para resolver alguns assuntos relacionados com a impressão do livro dele. Depois nós fomos conversar em um café. Antes de nos despedir, combinamos que nos veríamos na conferência que ele daria nessa noite.

O clima estava terrível; talvez por isso, quando eu cheguei à casa onde nós tínhamos o compromisso, notei que só haviam chegado uns poucos convidados. Coloquei meu casaco encharcado de água na parte de trás de uma cadeira e me sentei em um canto, perto de Carlos.

A essência de suas afirmações dessa noite foi que o universo em sua grande totalidade é feminino e de natureza predatória, e que nele se dá uma tenaz batalha pela consciência onde, como sempre, o mais forte absorve o mais fraco.

"Só que, numa escala cósmica, a força de um ser não se mede por seus alcances físicos, mas por sua capacidade de manipular a consciência. Por conseguinte, se havemos de dar o seguinte passo evolutivo, haverá de ser por meio de disciplina, determinação e estratégia. Essas são nossas armas".

"Através do VER deles, os bruxos testemunham esse enfrentamento e tomam seu devido lugar nele, preparados para o pior e sem se queixar pelos resultados. Por sua pronta disposição para o combate, eles ganham o título de 'guerreiros'".

"Um guerreiro considera que o mundo em que vivemos é um grande mistério, e esse mistério está aí para ser revelado por aqueles que o buscam com deliberação. Essa atitude de ousadia comove em algumas ocasiões os tentáculos do desconhecido, fazendo com que o espírito se manifeste".

Explicou que a ousadia do guerreiro nasce do contato com sua morte iminente.

Narrou a história de uma moça que chegou um dia no escritório de seu editor, pôs uma esteira no chão, sentou-se sobre ela e disse: "Daqui eu não saio até falar com Carlos Castaneda!" Todas as tentativas com o fim de desencorajá-la desse propósito foram inúteis, pois ela permaneceu inflexível. Então o editor chamou a Carlos pelo telefone e o avisou que uma louca exigia sua presença.

"O que eu podia fazer? Fui para lá e me coloquei diante dela. Quando eu lhe perguntei a razão de seu estranho comportamento, ela me falou que, estando mortalmente doente, tinha ido ao deserto para morrer. Mas, enquanto meditava em solidão, entendeu que ainda não tinha esgotado tudo e decidiu jogar sua última carta. Que, para ela, significava conhecer pessoalmente o nagual".

"Impressionado por sua história eu lhe fiz uma proposta sem igual: 'Deixe tudo e venha para o mundo dos bruxos. E ela respondeu imediatamente: 'Jogo!' Quando eu escutei sua resposta me eriçaram os pelos, porque isso mesmo era o que me falava don Juan: 'Se vamos jogar, ora, joguemos! Mas joguemos a morte'".

"Assim é o sentimento do bruxo diante do seu destino: 'Aposto minha vida neste intento, nada menos. Eu sei que o meu fim me espera em qualquer parte e não há nada que eu possa fazer para evitá-lo. Portanto, estando definido o meu caminho, aceito a responsabilidade de viver plenamente e arriscar tudo numa única jogada".

"Um guerreiro sabe que não existe nenhuma garantia de vitória diante da morte. Mesmo assim, libera sua batalha, não porque acredite que vá ganhar, mas pela emoção da guerra por si mesma. Para ele, efetivar sua guerra já é uma vitória. E enquanto luta se regozija, porque, para quem já morreu, cada segundo de vida é um presente".

Continuou dizendo que o que faz possível que o mundo exista tal qual nós o vemos, é a atenção de si mesmo e a de todos os nossos semelhantes, vertida ao mesmo tempo e enlaçada em uma apertada rede de interpretações cuja fortaleza é o estar de acordo.

Um dos presentes lhe pediu que esclarecesse esse assunto.

Explicou:

"Você verá, o domínio da atenção é de suma importância no caminho dos bruxos, porque é a matéria-prima da criação. Em todos os mundos, os graus de evolução são medidos pela capacidade de dar-se conta".

"Com o intuito de manipular e entender as emanções que chegam a nossos sentidos, os bruxos desenvolvem o poder de sua atenção, aguçando-a por meio da disciplina até níveis primorosos que lhes permitem transcender as limitações humanas e consumir todas as possibilidades da percepção. Sua concentração é tão intensa, que eles podem perfurar a grossa couraça das aparências, expondo a verdadeira essência das coisas. A esse grau de consciência acrescentada os videntes chamam 'ver'".

"Ainda que aos olhos alheios à fixação da atenção possa se manifestar como teimosia, obsessão ou fanatismo, para o praticante não é mais que disciplina".

Nos advertiu para que não confundíssemos a disciplina dos bruxos com os esquemas repetitivos das pessoas.

"A disciplina, tal como a entende um guerreiro, é criativa, aberta e produz liberdade. É a capacidade de encarar o desconhecido, transformando a sensação de saber em assombro reverente; de traçarmos objetivos que excedam o alcance de nossos hábitos e nos atrevermos a enfrentar a única guerra que vale a pena: a do conhecimento. É o valor para aceitar as consequências de nossas ações, sejam quais forem, sem sentimentos de auto-compaixão ou culpa.

"Ter disciplina é a chave na manipulação da atenção, porque nos leva à VONTADE. E esta nos permite modificar o mundo até que fique tal e como nós queremos, e não como nos foi imposto. Por essa razão, para os guerreiros, a vontade é a antesala do intento. Seu poder é tão grande que, ao focalizá-la em um objetivo, eles podem produzir os mais assombrosos efeitos".

Como exemplo, nos contou diversas histórias sobre eventos extraordinários dos quais afirmou haver sido testemunha. Sustentou que, no fundo de cada uma das prodigiosas ações dos bruxos, há uma vida inteira de disciplina, sobriedade, desapego e capacidade de análise. Tais atributos, os mais apreciados de um guerreiro, constituem em seu conjunto o estado de ser que eles chamam impecabilidade.

Continuou nos explicando que a impecabilidade não tem nada a ver com uma posição mental, uma crença ou algo pelo estilo. É consequência da economia da energia.

"Um guerreiro aceita com humildade aquilo que ele é, e não perde seu poder lamentando que as coisas não tenham sido de outro modo. Se uma porta está fechada, o guerreiro não a esmurre ou lhe dá pontapés, mas examina com atenção a fechadura e procura uma maneira de abri-la. Da mesma forma, se sua vida não é satisfatória, o guerreiro não se ofende nem se queixa. Pelo contrário, desenha estratégias para alterar o curso de seu destino".

"Se nós aprendemos a eliminar nossa auto-compaixão, e ao mesmo tempo sitiamos a fortaleza do eu, nós nos tornaremos condutores do intento cósmico e canalizaremos a nosso favor torrentes de energia.

"Para fluir dessa maneira, devemos aprender a confiar em nossos recursos e compreender que nascemos com tudo o que necessitamos para a extravagante aventura que é nossa vida. Como guerreiro, cada homem ou mulher que entra nos caminhos da bruxaria sabe que é responsável por si mesmo. Não olha para os lados procurando aprovação ou descarregando nos outros suas frustrações".

"Don Juan me dizia: 'O que você busca está em si mesmo. Lute de forma que suas ações sejam finais e seu brilho próprio. Comprometa-se interiormente antes que seja muito tarde!'"

"O aspecto da impecabilidade que mais concerne à nossa vida diária, é saber até onde o exercício de nossa liberdade afeta a outros e evitar os esbarrões a todo custo. Ocasionalmente, nossas relações com os demais geram fricções e expectativas. Um bruxo em pé de guerra se previne contra tais esbarrões e se converte em um caçador de sinais. Se

não há sinais, ele não interage com as pessoas; limita-se a esperar, porque, assim como não tem tempo, tem toda a paciência do mundo. Sabe que há muito em jogo e não está disposto a arruinar tudo por um passo em falso”.

"Como não se desespera por relacionar-se com ninguém, o guerreiro pode escolher seus afetos com sobriedade e desprendimento, tomando cuidado a todo momento para que as pessoas com as quais consente em ter relações sejam compatíveis com sua energia. O segredo para ter tal clareza de visão consiste em se identificar e não se identificar. O bruxo se identifica com o abstrato, não com o mundo. Isso lhe permite ser independente e cuidar-se sozinho".

Logo nos contou uma história sobre um tipo que se considerava um grande guerreiro, mas cada vez que tinha problemas em sua casa e sua esposa não lhe fazia algo para comer ou ela não lhe lavava e passava as roupas, ele se desmoronava no caos. Depois de muito lutar com essa situação, o homem decidiu introduzir uma mudança radical na vida dele; mas, em vez de reformar seu caráter, como era devido, ele mudou de esposa.

"Percebam que, diante do destino, cada um de nós está sozinho. Assim, que tomem o comando da sua própria vida. Um guerreiro lapida os detalhes, desenvolve sua imaginação e põe à prova seu engenho para resolver as situações. É inconcebível que se sinta inválido, porque tem auto-domínio e não necessita nada de ninguém. Ao se concentrar nos detalhes, aprende a cultivar a fineza, a sutileza e a elegância.

"Don Vicente Medrano dizia que a beleza desta guerra reside nos pontos que não se vêem. Essa é a marca registrada do bruxo, os arremates do intento”.

A CONSCIÊNCIA DA MORTE

Durante anos, a necessidade de entender o mundo tinha me levado a armazenar grande quantidade de explicações científicas ou religiosas sobre quase tudo, cujo denominador comum era uma grande confiança na continuidade do homem. Ao me ajudar a focalizar o universo com os olhos de bruxo, Carlos destruiu em mim essa sensação. Ele me fez ver que a morte é uma realidade inapelável e que ignorá-la com crenças de segunda mão é vergonhoso.

Em um certo momento, alguém lhe perguntou:

"Carlos, que expectativas você tem para o futuro?".

Saltou:

"Não há expectativas! Os bruxos não têm amanhã!".

Nessa noite havíamos reunido, no auditório de uma residência privada, pela região de San Jerônimo, um grupo bastante grande de interessados. Quando eu cheguei, Carlos já tinha feito seu ato de presença e se dedicava, muito sorridente, a responder algumas perguntas.

O tópico inicial foi o que definiu como "não fazer", uma atividade especialmente projetada para banir de nossas vidas todo o vestígio de cotidianidade. Afirmou que o não fazer é o exercício favorito dos aprendizes, porque os introduzem em um ambiente de maravilha e desconcerto muito refrescante para a energia, cujo efeito sobre a consciência eles chamam de "parar o mundo".

Respondendo a algumas questões, explicou que o não fazer não pode ser racionalizado. Qualquer esforço para tentar entendê-lo, é na realidade uma interpretação do ensino e cai automaticamente no campo de fazer.

"A premissa dos bruxos para tratar com este tipo de prática é o silêncio mental. E a qualidade de silêncio requerido para algo tão descomunal quanto parar o mundo, só pode vir de um contato direto com a grande verdade de nossa existência: que todos nós vamos morrer".

Ele nos aconselhou:

"Se vocês querem conhecer a si mesmos, sejam conscientes de sua morte pessoal. Ela não é negociável e é a única coisa que vocês realmente têm. Todo o resto poderá falhar, mas a morte não, a ela podem dar por certo. Aprendam a usá-la para produzir efeitos verdadeiros em suas vidas.

"Também, parem de acreditar em contos da carochinha, ninguém os quer lá fora. Nenhum de nós é tão importante para que hajam inventado algo tão fantástico como a imortalidade. Um bruxo que tem humildade sabe que o destino dele é o de qualquer outro ser vivo desta terra. Assim, em vez de se iludir com falsas esperanças, ele trabalha concreta e duramente para sair de sua condição humana e tomar a única saída que nós temos: a quebra de nossa barreira perceptual".

"Ao mesmo tempo em que escutam o conselho da morte, façam-se responsáveis por suas vidas, da totalidade das suas ações. Explore-se, reconheçam-se e vivam intensamente, como vivem os bruxos. A intensidade é a única coisa que pode nos salvar do aborrecimento".

"Uma vez alinhados com a morte, estarão em condições de dar o seguinte passo: reduzir ao mínimo a bagagem. Este é um mundo prisão e é necessário sair como fugitivos, sem levar nada".

"Os seres humanos são viajantes por natureza. Voar e conhecer outros horizontes é nosso destino. Por acaso você sai de viagem com sua cama ou com a mesa em que come? Sintetiza sua vida!".

Comentou que a humanidade de nosso tempo adquiriu um hábito estranho que é sintomático do estado mental em que vive. Quando viajamos, compramos todo o tipo de artefatos inúteis em outros países, coisas que, certamente, não adquiriríamos em nossa própria terra. Uma vez que voltamos para casa, os amontoamos em um canto e terminamos esquecendo da sua existência até que um dia os descobrimos, por casualidade, e os atiramos ao lixo.

"Assim acontece com nossa viagem pela vida. Nós somos como asnos carregando um fardo de porcarias. Não há nada valioso ali. Tudo o que fizemos só serve para que, no fim, quando a velhice nos assalta, repitamos alguma frase, como um disco riscado".

"Um bruxo se pergunta: que sentido tem tudo isso? Porque investir meus recursos no que não me ajuda em nada? O compromisso de um bruxo é com o desconhecido, não pode comprometer sua energia em nulidades. Em sua passagem pela terra, tire algo verdadeiramente valioso, caso contrário, não valeu a pena".

"O poder que nos rege nos deu escolhas. Ou nós passamos a vida dando voltas ao redor de nossos hábitos, ou nos animamos a conhecer outros mundos. Só a consciência da morte pode nos dar a sacudidela necessária".

"A pessoa comum passa a existência inteira sem parar para meditar, porque ela pensa que a morte está ao término da vida; afinal de contas, nós sempre teremos tempo para ela! Mas um guerreiro sabe que isso não é certo. A morte vive a seu lado, a um braço de distância, permanentemente alerta, olhando-nos disposta a saltar à menor provocação. O guerreiro transforma seu medo animal à extinção em uma oportunidade de prazer, porque ele sabe que tudo aquilo que ele tem é este momento. Pensem como guerreiros, todos vamos morrer!"

Um dos presentes lhe perguntou:

"Carlos, em uma conferência passada você nos falou que possuir o ânimo de um guerreiro consiste em ver a morte como um privilégio. O que significa isso?"

Respondeu:

"Significa sair de nossos hábitos mentais".

"Estamos tão acostumados à coexistência que, até mesmo diante da morte nós continuamos pensando em termos de grupo. As religiões não falam do indivíduo em contato com o absoluto, mas de rebanhos de ovelhas e de cabras que vão para o céu ou para o inferno, de acordo com seu merecimento. Até mesmo se nós somos ateus e não acreditamos que aconteça nada depois da morte, esse 'nada' é genérico, é o mesmo para todos. Nós não podemos conceber que o poder de uma vida impecável possa mudar as coisas".

"Com tal ignorância, é normal que o homem comum tenha pânico de seu fim e tente conjurá-lo com orações e medicamentos ou se atordoando com o ruído do mundo".

"Os humanos têm uma visão egocêntrica e extremamente simplista do universo. Jamais paramos para considerar nosso destino como seres transitórios. Porém, a obsessão pelo futuro nos delata".

"Não importa a sinceridade ou o cinismo de nossas convicções, no fundo, todos sabemos o que acontecerá. Por isso, todos deixamos sinais. Nós construímos pirâmides, arranha-céus, fazemos filhos, escrevemos livros ou, no mínimo, desenhemos nossas iniciais no tronco de uma árvore. Atrás desse impulso subconsciente está o medo ancestral, a convicção calada da morte".

"Mas existe um grupo humano que pôde enfrentar esse medo. Ao contrário do homem comum, os bruxos estão ávidos de qualquer situação que os leve além da interpretação social. Que melhor oportunidade que a própria extinção? Graças às suas freqüentes incursões pelo desconhecido, eles sabem que a morte não é natural, é mágica. As coisas naturais estão sujeitas a leis, a morte não. Morrer é sempre um evento pessoal, e por essa única causa, é um ato de poder".

"A morte é o pântico do infinito. Uma porta feita sob medida a cada um de nós que a cruzaremos um dia para voltarmos à nossa origem. Nossa falta de compreensão nos impele a vê-la como o redutor comum. Mas não, não há nada de comum nela; tudo ao seu alcance se torna extraordinário. Sua presença dá poder à vida, concentra os sentidos".

"Nossas existências estão repletas de hábitos. Ao nascermos, já estamos programados como espécie e nossos pais se encarregam de estreitar ainda mais esse programa ao nos conduzir àquilo que a sociedade espera de nós. Mas ninguém pode morrer como rotina,

porque a morte é mágica. Ela faz você saber que é sua inseparável conselheira e lhe diz: 'seja impecável; a única opção é ser impecável'".

Uma mocinha que participava da reunião, visivelmente emocionada pelas palavras dele, comentou que a presença obsessiva da morte em suas lições era um detalhe que contribuía para obscurecê-las. Ela teria gostado de uma posição mais otimista, mais focalizada na vida e suas realizações.

Carlos sorriu e replicou:

"Ah coração de melão!, em suas palavras se nota uma profunda falta de experiência com a vida. Os bruxos não são negativos, eles não procuram o fim. Mas eles sabem que o que lhes dá valor à vida é ter um objetivo pelo qual morrer".

"O futuro é imprevisível e inevitável. Algum dia você já não estará aqui, assim já se foi. Você sabe que a árvore de seu caixão provavelmente já foi cortada?"

"Tanto para o guerreiro como para o homem comum a urgência de viver é a mesma, porque nenhum dos dois sabe quando seus passos terminarão. Por isso é necessário estar atento ante à morte; pode nos surpreender de qualquer canto. Eu soube de um tipo que subiu numa ponte e urinou sobre um trem elétrico que ia passando. A urina tocou os cabos de alta tensão, lhe deu uma descarga e o queimou ali mesmo.

"A morte não é brincadeira não, é de verdade! Se não fosse por ela não haveria força alguma no que os bruxos fazem. Ela o envolve pessoalmente, queira ou não. Você pode ser tão cínico a ponto de descartar outros tópicos dos ensinamentos, mas você não pode debochar de seu fim, porque está além de sua decisão e é implacável".

"A carroça do destino nos levará a todos igualmente. Mas há dois tipos de viajantes: os guerreiros que podem partir com sua totalidade, porque eles afinaram cada detalhe de suas vidas; e as pessoas comuns, com existências enfadonhas, sem criatividade, cuja única espera é a repetição de seus estereótipos de agora até o final; pessoas cujo fim não encontrará diferença alguma, aconteça hoje ou em trinta anos. Todos estamos ali, esperando na plataforma da eternidade, mas nem todos sabem disso. A consciência da morte é uma arte maior".

"Quando um guerreiro põe em cheque suas rotinas, quando já não lhe importa estar acompanhado ou estar só, porque tem escutado o sussurro silencioso do espírito, então a pessoa pode dizer que, verdadeiramente, está morto. A partir dali, as coisas mais simples da vida se tornam para ele extraordinárias".

"Por isso um bruxo aprende uma nova maneira de viver. Saboreia cada momento como se fosse o último. Não se consome em desgostos nem joga fora sua energia. Não espera ficar velho para meditar sobre os mistérios do mundo. Se adianta, explora, conhece e se maravilha".

"Se vocês querem dar espaço ao desconhecido, dêem entrada à sua extinção pessoal. Aceitem seu destino como o fato inevitável que é. Purifiquem esse sentimento, fazendo-se responsáveis pelo incrível evento de estarem vivos. Não implorem à morte; ela não é condescendente com os que hesitam. Invoquem-na conscientes de que vieram à este mundo para conhecê-la. Desafiem-na, ainda sabendo que, façamos o que façamos, não temos a menor possibilidade de vencê-la. Ela é tão gentil com o guerreiro como é impiedosa com o homem comum".

Depois desta conferência, Carlos nos deu um exercício.

"É inventariar seus entes queridos e todo mundo que lhes interesse. Uma vez que os classifiquem, de acordo com o grau de sentimentos que vocês têm por eles, vão pegar um por um e passá-los pela morte".

Eu pude notar um murmúrio de consternação que sacudiu seus ouvintes.

Fazendo um gesto tranquilizador, Carlos acrescentou:

"Não se assustem! A morte não tem nada de macabro. O macabro é que não possamos enfrentá-la com deliberação".

"Vocês devem levar a cabo o exercício à meia noite, quando a fixação de nosso ponto de aglutinação se move e estamos dispostos a acreditar em fantasmas. É muito fácil, vocês evocarão os seus entes queridos através de seu fim inevitável. Não pensem em como ou quando eles morrerão. Simplesmente, tomem consciência de que algum dia eles já não estarão aqui. Um por um eles partirão, só Deus sabe em que ordem, e não importará o que você possa fazer para evitá-lo".

"Ao evocá-los assim, vocês não os prejudicarão, pelo contrário!, estarão os colocando na perspectiva apropriada. O ponto de enfoque da morte é prodigioso, restabelece os verdadeiros valores da vida".

A DRENAGEM DE ENERGIA

Nas diversas ocasiões em que eu pude escutar Carlos, ele se referiu ao tema da energia. Em cada uma das vezes, explicou aspectos diferentes desse assunto, alguns dos quais eu reuni neste capítulo para dar ao leitor um panorama mais coerente.

Seu ensinamento, ou melhor, o da tradição dos videntes a que ele pertencia, parte do fato de que o universo é dual, formado por duas forças que os antigos videntes simbolizavam por meio de duas serpentes que se entrelaçavam. Mas essas forças não têm nada a ver com as dualidades que chamamos bem e mau, deus e diabo, positivo e negativo, ou qualquer outro tipo de oposição na qual nós possamos pensar coerentemente. Na verdade, conformam uma inexplicável onda de energia que os toltecas denominaram o tonal e o nagual.

De um modo axiomático, eles estabeleceram que tudo aquilo que nós podemos interpretar ou representar de alguma maneira é o tonal, e todo o resto, o inominável, é o nagual.

Para enfatizar que não se trata de duas realidades antagônicas, mas de dois aspectos complementares de uma força única, a que eles apelidaram "a águia", aqueles videntes reconheceram o tonal e o nagual como os dois lados de nosso corpo físico, o lado direito e o lado esquerdo. E viram que, assim como a conformação básica dos organismos está estruturada quase em sua totalidade a partir de uma simetria bilateral, também estão as formas em que se manifesta a energia no Cosmo, e com isto, o modo como a percebemos.

A vida se forma quando uma porção de energia livre do infinito, que os antigos chamavam "as emanções da águia", é encapsulada por uma força externa, convertendo-se em um novo ser individual, consciente de si mesmo. E eles viram que a percepção do mundo ocorre quando entra em jogo algo a que denominaram "o ponto de aglutinação da percepção".

Ainda que esse centro seletor esteja em operação em cada ser vivo do universo, a consciência de liberada de si mesmo, nesta terra, só a adquirem por completo os humanos e um conjunto de espécies desprovidas de organização física, às quais os antigos chamavam "aliados". A interação entre o homem e estes seres não só é possível, mas é algo que ocorre frequentemente em nossos sonhos. Os bruxos a cultivam, já que a consciência inorgânica, sendo muito mais antiga que a nossa, está cheia de algo que todos desejamos: conhecimento.

Dando-se ao trabalho de investigar os modos da energia, os sábios do antigo México sentiram a urgência de descrever aos contemporâneos deles o que tinham descoberto. No afã de encontrarem os termos mais apropriados, disseram que tudo o que existe está dividido em claro e escuro, à semelhança do dia e da noite. Dalí derivam todas as

descrições binárias que podem ocorrer à mente. É um comando que reflete a grande dualidade cósmica.

Através de seu VER descobriram que o mundo energético é composto de extensas zonas de escuridão borrifadas por diminutos pontos de luz, e perceberam que as zonas escuras correspondem à parte feminina da energia, enquanto que as áreas claras correspondem ao masculino. A conclusão inevitável à qual chegaram é que o universo é quase em sua totalidade feminino e que a energia clara, o masculino, é uma raridade.

Por definição, eles associaram a escuridão com o lado esquerdo, o nagual, o desconhecido e o feminino; e a claridade com o lado direito, o tonal, o conhecido e o masculino.

Continuando sua observação, eles viram que o ato de criação galáctico tem origem quando a escuridão cósmica se contrai sobre si mesma e dela surge uma explosão de luz, uma faísca que se expande, dando origem à ordem do tempo e do espaço. A lei desta ordem é que as coisas sempre têm um fim, o qual implica que o único e perene princípio do universo é a energia escura, feminina, criadora e eterna.

Igualmente, o homem está dividido em tonal, representado pelo período da vigília diurna, e em nagual, nos sonhos dele durante a noite.

Dessa consideração se deriva o resto da sabedoria dos naguais. Eles ensinam que o sonho é uma porta para o poder porque, no final das contas, o que nos alimenta é a energia escura, para a qual nós vamos periodicamente para nos renovar. Em conseqüência, eles dirigiram todas as suas forças para aperfeiçoar a arte de tomar consciência dentro do estado do sonho. Àquele tipo especial de atenção, eles o chamaram "ensonho", e o usaram para explorar a energia escura com deliberação e entrar em contato com a fonte do universo. Dessa maneira, a observação inicial dos sábios toltecas se converteu num conhecimento prático.

Uma das afirmações mais freqüentes de Carlos era que os juízos que nós fazemos sobre todas as coisas transformam nosso mundo em algo cada vez mais previsível, até que a possibilidade de visitar outros mundos se torna um conto de fadas.

"Para o homem moderno - disse em uma ocasião - absolutamente tudo o que existe cai dentro de certas categorias. Somos máquinas de etiquetar. Classificamos o mundo e o mundo nos classifica. Se uma vez você matou um cachorro, você é o mata-cachorros para toda sua vida, embora você nunca mais tenha voltado a tocar outro. E essas classificações são herdadas!"

Mencionou uma série de sobrenomes engraçados e expressivos que no seu momento estiveram relacionados com as características de uma pessoa em particular, mas logo foi legado como uma imposição a seus descendentes. Sustentou que, energeticamente, as pessoas ficam marcadas.

Afirmou que o exemplo máximo dessa tendência absurda para nos classificar é o que os crentes chamam "o pecado de Adão e Eva". E por causa dele todos nós somos pecadores, e ademais, comportamo-nos como tal.

"Nós nos tornamos carcereiros perceptuais dos outros. A corrente do pensamento humano é poderosíssima".

"Até nossos sentimentos mais profundos estão catalogados e ordenados de forma que não nos escape nada. Um exemplo disso é o modo como nos alienamos do tempo real para cair na repetição de estereótipos. Temos uma coleção de dias prefixados: o dia das mães, o dos mortos, o do amor, aniversários e casamentos... São como estacas onde amarramos nossa vida para não perdermos, e, assim, seguimos pelo mundo, dando volta em nossas descrições como bestas amarradas pelo pescoço".

Ele nos contou que, em certa ocasião, ele e don Juan passavam por uma pequena cidade no norte do México e se sentaram para descansar no banco do pátio de uma igreja. De repente eles viram uns dez ou doze jovens que traziam um judas feito de trapos e taquaras, vestido de manta e sandálias, como um índio. Eles o instalaram na praça da cidade e essa noite houve queimação. Todo mundo bebeu e um a um insultaram o boneco, como parte do ritual.

"Com costumes semelhantes, as pessoas mantêm vivo o judas. Eles o rememoram, o alimentam, o sustentam em um verdadeiro inferno com suas recordações. E depois de queimá-lo, elas o ressuscitam de novo no ano seguinte para matá-lo mais uma vez. A fixação do comportamento humano se revela nessas rotinas".

Uma pessoa do público pediu permissão para falar e lhe perguntou se sua afirmação a respeito de que, ao recordar o Judas as pessoas o mantêm vivo, era literal ou só uma metáfora.

Respondeu:

"Os bruxos afirmam que enquanto houver memória haverá consciência de ser, já que a corrente do pensamento é uma injeção de vida. A verdadeira morte é o esquecimento".

"A idéia de que o tempo corre em linha reta de trás para frente é completamente primitiva, algo que vai contra a experiência dos bruxos e até mesmo da ciência moderna. Devido a essa interpretação limitada, a maior parte da humanidade é prisioneira do túnel do tempo cujo destino é a repetição infinita da mesma coisa".

"A realidade de nossa condição é que nós estamos presos energeticamente devido àquilo que os bruxos chamam 'a fixação coletiva do ponto de aglutinação'".

"Uma consequência notável dessa fixação é o modo como nos especializamos. Ao nos preparar para uma profissão, por exemplo, em vez de aumentar nossos alcances, o habitual é que terminemos nos transformando em indivíduos sedentários, aborrecidos, sem

criatividade e sem motivação. Em uns poucos anos nossa vida fica tediosa. Mas, longe de assumir a responsabilidade e mudar, nós lançamos a culpa nas condições”.

"Um dos hábitos mais graves que nos impõe nosso inventário é o de contar aos outros tudo o que nós fazemos ou deixamos de fazer. É parte importante da socialização. Nós queremos gerar uma imagem exclusiva de nós, mas essa imagem acaba moldando-nos à expectativa das outras pessoas, convertendo-nos em imitações do que nós poderíamos ter sido. Uma vez que os outros nos dão por certo, nós temos que seguir determinados esquemas de comportamento, mesmo quando eles nos cansam ou não acreditamos neles, porque qualquer intenção de mudar nos põem de cara contra a parede”.

"A maioria das pessoas se sentem vazias quando elas não têm amores ou amigos, porque elas construíram suas vidas sobre uma base superficial de relações e não lhes sobra nenhum tempo para analisar seu destino. O mau é que, comumente, a amizade está baseada na troca de intimidades; mas uma premissa das relações mundanas é que tudo aquilo que nós dizemos será algum dia usado contra nós. É triste que aqueles que mais nos importam sejam ao mesmo tempo nossas piores dores de cabeça!”.

“Os bruxos sustentam que falar de nós mesmos nos faz acessíveis e fracos, enquanto que aprender a estar quieto nos enche de poder. Um princípio do caminho do conhecimento é fazer da própria vida algo tão imprevisto que nem mesmo o próprio sujeito sabe o que vai acontecer”.

“O único modo de sair do inventário coletivo é nos distanciando daqueles que nos conhecem bem. Passado um tempo, as muralhas mentais que nos aprisionam se abrandam um pouco e começam a ceder. É então que se apresentam oportunidades genuínas de mudança e nós podemos tomar o controle de nossas vidas”.

"Se fôssemos capazes de transcender a interpretação, enfrentando-nos sem preconceitos à percepção pura, acabaria a impressão de um mundo de objetos e em seu lugar nós atestaríamos a energia tal como flui no Universo. Em tais condições, a corrente do pensamento alheio já não teria o menor efeito sobre nós e não nos sentiríamos obrigados a nada. Por conseguinte, nossos sentidos não teriam limites. Isso é VER”.

Definiu:

“O objetivo dos bruxos é romper com a fixação da interpretação social para ver a energia diretamente. VER é uma experiência perceptual total”.

“VER a energia tal como flui é uma necessidade imperiosa no caminho do conhecimento. Em última instância, todo o esforço dos bruxos se dirige a ele. Ao guerreiro não basta saber que o Universo é energia, ele tem que averiguá-lo por si mesmo”.

"VER é um assunto prático que tem conseqüências imediatas e do maior alcance em nossas vidas. O mais dramático deles é que os bruxos aprendem a ver o tempo como uma dimensão objetiva”.

Continuou dizendo que a energia se distribui pelo universo na forma de camadas. Todos os seres conscientes pertencem a uma delas e nós podemos sintonizar a energia de outras faixas graças a um fenômeno conhecido como "o alinhamento da percepção".

Em alguns pontos as camadas se cruzam, gerando vórtices de energia, onde se dão lugar fenômenos da maior importância para os bruxos que Vêem. Lá as condições para o alinhamento são ótimas e isto ocorre de um modo espontâneo. Os videntes falam de passagens, pontes e barreiras no espaço onde as coordenadas do tempo se anulam e a consciência do viajante penetra em mundos estranhos. Seres inorgânicos provenientes de todos os cantos do universo aproveitam esses pontos para cruzarem a fronteira para a Terra. E nós também podemos fazer a mesma coisa.

"Para vocês podem parecer incríveis tais fenômenos, mas para mim caem do céu. Em certa ocasião me levaram para um lugar no norte do México, no deserto, e me mostraram um espaço onde o intento cósmico forma um redemoinho. Durante horas todos nós lutamos para penetrar na área, mas foi impossível. Era como se houvesse uma barreira ali!"

Nós lhe perguntamos o que era aquilo e respondeu:

"Eu nunca pude decifrá-lo. Mas quem sabe que uso tiraria disso um bruxo com suficiente poder!".

"Em outra ocasião eu pude testemunhar os mais extraordinários efeitos de uma dessas passagens de energia. Eu dirigia no meio do deserto quando uma tempestade caiu sobre a rodovia, nublando completamente minha área de visão. De repente apareceu um reboque próximo a meu carro. O motorista me fez sinais para que o seguisse e durante uma longa distância eu avancei com ele, protegido pela enorme lateral do caminhão. Finalmente, a tempestade se acalmou e ambos paramos. Nós estávamos em um caminho de pedras que eu não conhecia.

"O motorista do caminhão desceu e me cumprimentou. Eu o reconheci; era um xamã índio da área, a quem eu já tinha conhecido previamente. Ele me falou que, ao me proteger desse modo, estava me pagando o presente que eu lhe tinha feito anos antes e que não tentasse identificar o lugar onde nós estávamos, porque era um esconderijo da segunda atenção".

"Eu fiquei assombrado pelas palavras dele. Aquele guerreiro tinha suficiente energia para me transportar com carro e tudo para o outro mundo! Depois de uma breve conversa, ele me disse que era tempo de sair dali, porque a tempestade já tinha terminado. Eu o segui por um caminho desconhecido e novamente eu estava na rodovia. Do caminhão reboque não havia nem rastro".

Estas histórias tiveram o efeito de excitar nossa imaginação. Assim, nós o importunamos com todo tipo de perguntas. Mas Carlos ficou imperturbável. Disse que esse tipo de fenômeno acontece com mais frequência do que poderíamos acreditar, e que não é para racionalizá-los, mas para experimentá-los.

Continuou explicando que outro efeito impactante e muito útil de ver a energia tal como flui, é que os bruxos percebem os sentimentos dos outros diretamente, como ondas térmicas que nós expelimos de nossas massas luminosas emanadas pelas emoções. Eles até mesmo descobrem sentimentos que nem o próprio possuidor sabe que estão ali.

“É como se eles tivessem visão infravermelha, eles podem se orientar onde seus semelhantes não vêem mais que uma impenetrável escuridão. Isto lhes permite se colocar em guarda frente ao comportamento alheio. Por isso é impossível enganar um vidente e é extremamente difícil pegá-lo de surpresa”.

“Porém, o verdadeiro valor de VER é que nos ajuda a entender o intento”.

"Uma vez que testemunhamos a totalidade da existência como níveis de energia, vemos que há algo mais aí, um propósito ulterior, certa regra de ação que organiza tudo. Os bruxos identificam esse propósito com uma vontade suprema e impessoal com a qual conseguem sintonizar através do silêncio interior. Naturalmente, um homem de conhecimento com tal ferramenta à sua disposição combina as coisas do modo mais apropriado para sua energia. Uma energia transbordante e serena é a marca do bruxo que VÊ”.

Em outra conferência nos falou que todos trazemos a totalidade de nossa energia ao nascermos, mas geralmente morremos como uns desastres.

“É como se nascêssemos com certa quantidade de dinheiro no banco, uns com um milhão, outros mais e outros menos. Não importa a diferença; na maioria dos casos, é uma quantidade suficiente, que poderia nos ajudar a levar uma vida digna até o fim. Mas, por falta de uma cultura energética adequada, a maioria das pessoas começa a gastar como loucos esse patrimônio a partir do primeiro momento e, quando morrem, estão em um estado de miséria lamentável”.

"Porém, algum poucos aprendem a economizar e até multiplicar seus lucros. Eles também morrem, mas com mais capital. Esses chegam mais longe.

"A diferença entre morrer com todos os nossos lucros, como um guerreiro cheio de poder, ou morrer pelado como um vira-latas, deve-se ao modo como tratamos a nossa energia”.

Explicou que o campo luminoso que nos cerca é como uma gigantesca bola de algodão doce, um denso entrelaçado de fibras que emana energia como um radiador.

“Quando duas pessoas entram em relação, o que acontece é um intercâmbio de emanções. Nossas fibras de luz interagem, ainda que nós não queiramos, ou ainda sem que sequer percebamos. É uma lei que a energia flua de onde há mais para onde há menos. Como nós passamos a vida em uma constante interação, o normal é que, ao fim, a pessoa seja muito pouco de si mesmo e muito do que os outros deixaram em nós”.

“Porém, os guerreiros aprendem a violar a lei da troca energética por meio de exercícios como a recapitulação, cujo fim é recuperar a energia. Dessa maneira eles ficam auto-suficientes, eles recuperam seu capital e devolvem escrupulosamente tudo o que ‘emprestaram’. Como já não há desgaste, pode ser dito que seus ovos luminosos são térmicos”.

“Para se proteger da irradiação, os bruxos adotam costumes estranhos. Alguns usam objetos de poder para desviar o peso da atenção alheia. Outros se separam das pessoas e se tornam ermitões. Juan Tuma costumava usar óculos escuros ‘para não dissipar a energia pelos olhos’. O verdadeiro valor dessa precaução era que assim criava uma barreira entre ele e os outros, deixando assim de ser acessível”.

“O tema dos intercâmbios é da mais séria implicação em nossas vidas e deu lugar ao dito ‘diga-me com quem andas e eu te direi quem és’. Esse ditado que não só descreve um estado de afinidade psicológica entre duas pessoas, mas um efeito energético mensurável que um bruxo pode perceber. Se você quiser ser você mesmo, aprenda a andar sozinho”.

"O ponto crucial são nossas interações, já que elas podem nos libertar ou nos escravizar. Nem todo o intercâmbio é indesejável. Os guerreiros buscam a companhia daqueles que lhes ajudam a crescerem. Tratar com os bruxos nos força a estar alertas e ser impecáveis. Por outro lado, as relações comuns são desgastantes, porque nos exigem um padrão de comportamento predeterminado. Pensem, por exemplo, nas relações de casal onde os níveis de exigências são normalmente tão altos que às vezes acabam com a própria vida da pessoa".

Um dos presentes lhe perguntou como ocorre o intercâmbio de emanções luminosas nas relações sexuais.

Respondeu que, posto que a vida começou com um ato sexual, nós podemos considerar que a energia da qual dispomos é energia sexual. Portanto, a consideração primária no tratamento de nossa luminosidade está relacionada com essa dimensão fundamental do ser.

“A primeira coisa que nós temos que saber é que nossas conexões emocionais com as pessoas são consequência do modo como fomos feitos. Naquele momento se definiu de uma vez por todas nossa disponibilidade luminosa. No âmbito da energia nós somos unidades lacradas. Somos a soma da paixão e o desejo que nossos pais juntaram no momento de nos conceber. Tudo o que vem depois, seja o desgaste e compromissos ou o caminho da economia e recuperação da energia, é uma manipulação dentro desses limites”.

"Neste ponto surge o primeiro problema, já que as relações sexuais entre os humanos costumam normalmente ser atos rotineiros. A socialização nos aprisiona de tal forma, que entra em nossa intimidade, convertendo a possibilidade mágica de uma união energética consciente em uma rotina obscena, obrigatória e de consequências indesejáveis. E isso é refletido vividamente nos filhos".

Como apoio para esta afirmação, contou-nos uma piada sobre um indivíduo que diz à sua esposa: "Querida, na segunda-feira eu não posso estar com você porque eu jogo cartas com os amigos; na terça-feira eu vou jogar boliche; na quarta me esperam na academia". Assim ele continuou enumerando suas ocupações para toda a semana. Finalmente, ela responde: "Nesta casa se faz amor diariamente às oito da noite, com você presente ou não!"

"O problema não é fazer amor, mas sim fazê-lo por hábito. O efeito de toda a rotina é dissipar a energia e isso se nota tragicamente na rotina do sexo, porque seu resultado, na maioria dos casos, são filhos que vêm ao mundo com um sério déficit de vitalidade. Nós estamos tão adaptados a esta situação que, quando uma criança nasce com todo seu poder, a consideramos anormal e a levamos ao psiquiatra para que a tranquilizem".

"Devido à casualidade do modo como se seleciona o casal reprodutor, don Juan chamava à geração da sociedade moderna de 'os filhos da aberração'".

"Há dois tipos de relações sexuais: a aborrecida e a energética. Por questões sociais, é muito difícil ser produto de uma relação energética. Quase todos nós viemos de uma relação rotineira e, segundo os videntes, nós temos a energia recolhida, com pregas, como se desde o nascimento já fôssemos velhinhos. Considerando que não podemos mudar nossa herança, é uma questão de sobriedade aprendermos a economizar nossos recursos".

"De acordo com os bruxos, a fuga principal de energia num homem ou mulher é a reprodução. Esse é um grande investimento, porque afeta de maneira permanente nossa luminosidade. Portanto, o propósito de trazer crianças a este mundo deveria ser deliberado e considerado com a maior seriedade".

"Se somos produto de uma relação aborrecida e, ao mesmo tempo, nós nos dedicamos ao impulso reprodutivo, o resultado é a fragmentação inevitável de nossa unidade de energia. O ovo luminoso dos pais é como uma represa com buracos por onde é drenada a água; esses buracos são os filhos. Uma pessoa destas nunca chegará a acumular o bastante para mudar por si mesmo, a menos que aplique em sua vida os princípios do caminho do guerreiro".

Alguém do público lhe perguntou como ocorria o intercâmbio entre pais e filhos.

Respondeu que cortar o cordão umbilical do recém nascido não significa que automaticamente rompa a conexão com seus progenitores. O "cordão" de luz se mantém ativo durante toda a vida, como um canudo energético. É uma conexão real que os videntes vêem como uma fibra que sai do casulo luminoso dos pais e vai para seus filhos.

"Como a drenagem não acontece de forma consciente, não há nenhum modo de podermos evitá-la. Não importa quanto amor se professa entre pais e filhos; do ponto de vista da energia, esse amor é só preocupação pela luminosidade que foi intercambiada. Por isso os pais normalmente são assim tão exigentes com seus filhos, tentando moldá-los por todos os meios de forma que acabem sendo como eles. Trazê-los para este mundo não é uma entrega limpa, é um investimento".

"Os videntes podem ver como, devido à depredação de que foram objetos, a energia dos pais está rasgada e fragmentos do tecido luminoso são projetados para fora, como se fosse uma camisa velha e desfiada, ou como se lhes houvessem esparramado os intestinos. Uma coisa horrorosa!".

As descrições de Carlos, acompanhadas com uma gesticulação gráfica, tiveram o efeito de afundar a quase todos os seus ouvintes em um estado de alarme. Eu pude notar isto na cara que fizeram os que estavam ao meu redor.

Com voz trêmula, um dos assistentes lhe perguntou como pode um guerreiro tapar seus pontos de drenagem.

Respondeu que a única possibilidade que nós temos de cancelar o comando da socialização é abandonando pai e mãe e não olhando para trás. E quanto aos filhos, afirmou, não há outro remédio que os comer.

"Se você não puder comer um menino, ele te comerá".

Estas palavras foram demais e eu notei que alguns dos presentes abandonaram a sala.

Sem se alterar, Carlos nos contou como, em certa ocasião, viu-se envolvido em um extraordinário encontro com um ser consciente de outro reino ao qual ele quis libertar de uma condição de escravidão. Como resultado de sua imprudência, foi obrigado a gerar um corpo para a energia forasteira.

"Quando sua mãe deu à luz, don Juan pegou a criatura que era uma fêmea, e a levou com ele. Ao regressar, pôs diante de nós uma bandeja de carnes e nos disse: 'Aqui está sua filha. Comam-na!'. Não pudemos fazer outra coisa; forçados por seu olhar imperioso, a mãe e eu acatamos a ordem".

"Para nós esse foi um ato monstruoso, mas que teve um efeito inestimável: nós restabelecemos de uma vez por todas nossa integridade luminosa. Ao comungar com a carne tenra, ambos recuperamos todo o carinho, toda a luz que nós tínhamos vertido sobre a criatura e fechamos nossos buracos. Desse modo voltamos a estar completos novamente".

"Oito anos depois don Juan trouxe de volta a menina. A apresentou a nós como 'o Explorador Azul' e disse que ele a tinha escondido durante todo aquele tempo e que o que havíamos comido tinha sido um leitão".

Ao escutar este resultado, um suspiro de alívio percorreu a sala.

Carlos continuou:

"Eu não posso dizer que o retorno de minha filha me tenha inspirado nada, nem amor, nem consolo ao saber que tudo tinha sido uma piada, nem nada. Minha energia não se comoveu".

Por curiosidade, alguns dos presentes quiseram saber o que tinha acontecido com a menina durante esses oito anos.

Respondeu:

"Ah! Meu mestre a criou consigo no norte do México, entre os yaquis. Ele a transformou em um ser feroz. Não era uma criatura normal, sua energia vinha de outra parte. Usava plantas de poder sem discriminação. Era tão indomável que, para tirá-la do México e levá-la para os Estados Unidos, eu tive que amarrá-la e introduzi-la no portamalas do carro como se fosse uma valise. Nós, seus pais físicos, nunca pudemos tocá-la. Ela só se mostrava um pouco mais dócil com don Juan".

"Eu me lembro que em uma ocasião, por sua própria vontade, a pequena pôs a cabeça dela em meus joelhos. A mãe e eu nos olhamos surpreendidos, sem podermos acreditar. Tudo isso foi efeito da manobra do nagual. A menina soube que ela estava sozinha, que não ia ter um par de pais a que parasitar. Ele a transformou em um ser à medida de sua verdadeira constituição".

"Nós somos seres agressivos, territoriais; não somos animais domésticos. Aquela menina é o vivo exemplo do que pode alcançar uma manobra dos bruxos no sentido de recompactar nossa energia".

Em outra ocasião em que voltou a tocar o tópico das relações sexuais aborrecidas, sua conversação derivou para a manipulação da energia sexual.

Ele nos falou que a força geradora que foi colocada em nós é transcendente e tem muitos usos dos quais não estamos completamente conscientes. É lamentável que a maioria das pessoas só saibam pensar no sexo em termos de prazer corporal. É como o uso que pode fazer um selvagem quando por casualidade tropeça com um livro muito valioso; tudo o que ele vê ali é um material apropriado para acender fogo.

"Gastamos a maior parte de nossa vida nos preocupando com o modo como nos verão os membros do sexo oposto. Isso implica, em primeiro lugar, uma atenção constante com a aparência física. E, além disso, freqüentar lugares para onde vão as pessoas que estão na nossa mesma situação, estabelecer compromissos e investir muitas e muitas horas falando de coisas periféricas, mas com a mente fixa em nosso objetivo material. Tal investimento é exagerado".

"Os bruxos sabem que o fundamento do sexo não é o prazer e nem a reprodução. Como vocês acreditam que o poder que nos rege se preocupou em criar algo tão importante quanto a força geradora, só para nos prover de breves momentos de distração ou de forma que nos perpetuássemos como cogumelos sobre a terra?".

"O propósito do sexo vai mais além, pois nos conecta com o mistério da origem de todas as coisas, porque o universo surgiu de uma única explosão que dura até hoje e se expressa toda vez que fazemos amor. Se a fonte do que nós somos é o poder germinal, então o centro de nosso trabalho interior é a recanalização da energia sexual".

Fazendo um gesto muito expressivo com as mãos, exclamou:

"Percebam o que vocês têm e não o desperdicem! O sexo é dinheiro, dinheiro vivo! Nosso destino cósmico é expandir a consciência, por isso fomos dotados com uma porção do poder criativo da águia. O sexo foi feito para ensonhar".

Afirmou que teoricamente, o intercâmbio sexual dos casais não tem porque afetar a disponibilidade luminosa de cada um dos participantes, já que o homem toma da mulher tanto quanto ela toma dele. E o resultado é um equilíbrio neutro. Em todo caso, o indesejável da operação é que a energia se mistura, razão pela qual são gerados laços de dependência que restringe nossa liberdade e que exigem longos anos de recapitulação para serem desfeitos.

Mas, na prática, esse tipo de intercâmbio é do mais extenuante para nossa vitalidade, porque, quando nós fazemos amor, o movimento da energia não ocorre num sistema fechado; sempre há uma fissura lá.

"Ter sexo com uma pessoa é fazê-lo com a cadeia genética inteira que lhe deu origem, pois, devido às fibras de drenagem que nos conectam com nossos progenitores, os seres humanos não são autônomoas luminosas, mas elementos terminais. De forma que, embora o ato sexual aconteça entre indivíduos, é o molde humano, a fixação coletiva do ponto de aglutinação, quem leva a maior parte da energia processada deste modo".

"Essa fixação é responsável pelos sentimentos de ciúmes, dependência e apegos que nós estabelecemos com nossos companheiros sexuais. E isso az com que nos transformemos em investidores empedernidos, pervertendo até à vileza uma palavra tão nobre quanto 'amor.'".

"A atitude do homem comum diante da possibilidade de amar é a de uma fria máquina calculadora: eu amo meus filhos porque eles são o depósito de minha energia; a minha esposa porque lava a roupa, cozinha e me dá sexo; ao meu cachorro porque cuida da casa; ao meu país porque aqui eu nasci; ao meu Deus porque vai me salvar".

O rosto dele se contraiu num gesto de desagrado.

"Como é difícil dar sem esperar algo em troca!".

"O amor cotidiano termina se transformando em dívida quando os outros nos reivindicam a atenção que nos prestaram. E uma dívida de sentimentos é algo fatal!".

"Por essa razão, uma das prioridades do mestre é destruir os esquemas sexuais de seu aprendiz".

Este é um assunto crucial que requer um trabalho vitalício, mas que é necessário começar desde o primeiro momento, porque um grupo de bruxos de nenhuma maneira pode servir de pretexto às carências sexuais. Se não resolvemos esse assunto como homens e mulheres comuns e normais, temos muito poucas possibilidades para avançar no caminho do guerreiro.

“Os bruxos têm muitos modos de corrigir um aprendiz. Alguns não têm escrúpulos em submeter o discípulo a verdadeiras torturas, atacando suas fraquezas até que se cura ou se racha. Outros, como meu mestre, são extremamente delicados nesse ponto e preferem trabalhar a energia a partir de dentro, fazendo com que o aprendiz tome consciência de si mesmo e reaja. Qualquer método é lícito se produz os resultados desejados”.

“O nagual Julian, por exemplo, unia uma eficiência impiedosa com uma tremenda habilidade para se transformar no que ele quisesse. Não é que ele usasse disfarces, mas que realmente se transformava, movendo o ponto de aglutinação dele até a posição que corresponde à forma de um animal ou de outra pessoa. Uma das personalidades favoritas dele era a de mulher. Certa vez seduziu seu aprendiz Juan Matus, que naquele tempo tinha um pouco mais de vinte anos e estava quente como um touro jovem. Quando ambos estavam na cama, colocou seu ponto de aglutinação na posição habitual e novamente tornou-se homem, fazendo com que o jovem fugisse apavorado do quarto”.

“Para uma mentalidade como a que tinha Juan Matus naquele tempo, o impacto foi devastador e esmagou seus estereótipos. Foi uma piada grotesca, mas de uma efetividade sem igual. De um só golpe cortou sua tendência para se entregar à primeira fêmea que se lhe insinuasse”.

"Dom Juan nunca lhe perdoou tamanha brincadeira de mau gosto, mas com o tempo ele aprendeu a rir da história".

Neste ponto, Carlos permitiu uma pequena rodada de perguntas.

Um dos presentes o interrogou sobre o celibato, se era indispensável ou não para os bruxos e quais eram suas vantagens.

Respondeu:

"A priori, os bruxos não estão nem a favor nem contra nada. Eles vêem que tudo depende de qual seja a disposição congênita de energia. Há quem nasce com a paixão necessária para fazer amor diariamente, enquanto outros não tem nem mesmo para uma masturbação. Alguns recuperam sua totalidade luminosa por meio da disciplina, outros têm a aparência de peneiras e morrerão incompletos. Vocês podem entender que todos esses fatores modificam e determinam o comportamento dos bruxos com relação ao sexo”.

"O que caracteriza os bruxos é sua renúncia a serem vítimas do comando reprodutor coletivo e sua capacidade para eleger um uso responsável. E nenhum deles pode ser apanhado em uma classificação sexual. Eles são livres, procedem em cada momento de

acordo com o que lhes indica o poder. Para ter essa visão, eles precisam de uma sobriedade que a pessoa comum não conhece".

Explicou que, geralmente, os novos videntes optam por uma posição de celibato e auto-suficiência, porque eles são muito avaros com a energia deles e preferem dedicá-la ao aumento de sua consciência. Os mundos de que são testemunhas em suas viagens pelo infinito fazem com que todas as outras coisas, até mesmo o ato sexual, pareçam pálidas e carentes de atrativos.

"Don Juan dizia que fazer amor é para aqueles que não têm apegos".

Respondendo a outra pergunta, ele disse que não há um "problema sexual" em si, mas indivíduos com seus próprios e muito particulares dilemas para resolver.

"Ver isto de forma genérica é uma armadilha, porque faz com que diluamos nossa responsabilidade e nos desculpemos, dizendo que o resto das pessoas é igual a nós. Como nascer e morrer, procriar é um ato individual que por dádiva da águia, podemos compartilhar. O que os bruxos demandam é algo muito simples: responsabilidade.

"A sociedade em que nós vivemos é uma escola onde nos forçam a seguir ordens de uma crueldade alucinante. Nós ficamos velhos e fazer amor se torna uma paródia grotesca. Mas esta sociedade nos impõe uma drenagem, um comportamento prefixado que não pára até que já não exista mais nem uma única gota de luz em nós".

"Eu tive um exemplo disto em meu avô. O velho dizia: 'não se pode pegar todas, mas é necessário tentar!'. Já tinha um pé na tumba e ainda continuava agindo do modo como lhe ensinaram. Passou a metade do seu tempo procurando uma fêmea e a outra metade trabalhando para mantê-la, e nunca percebeu que não lhe mostraram suas autênticas opções".

"No fim, já no seu leito de morte, o velho se amargava com a idéia de que suas amantes já não lhe queriam por sua virilidade, mas pelo seu dinheiro. 'Ela não me ama!', choramingava, e nós, os seus netos, assegurávamos: 'ela te ama sim, avôzinho!'. Assim morreu o baboso, gritando: 'Estou indo pra você, mamãezinha!'".

"Por acaso é necessário ser bruxo para entender que isso não é tudo o que nós podemos alcançar como seres humanos?".

Admitiu que, antes de decidir praticar a vida de guerreiro, ele se acreditava um sedutor e se comportava como tal, impedido pelo estereótipo do macho latino.

"Em uma ocasião, seduzi uma moça e a coloquei em meu carro. Ambos ficamos tão quentes que até o pára-brisa ficou cheio de vapor de tantos beijos e abraços que demos. Quando eu estava no máximo da excitação, descobri que a suposta moça era um homem!.

"Em outra ocasião eu me apaixonei sinceramente por uma jovem, mas com o tempo eu comecei a suspeitar que ela me enganava com outro. Então eu mudei de carro e fiquei

vigiando da esquina de sua casa. Nisso, chegou o outro. Quando eu lhe pedi explicações, ela me falou: ‘é que com você é amor e com ele é só sexo!’”.

"Este tipo de encontro me fez decidir a me comportar com mais moderação em meus encontros amorosos. Porém, a pressão de meu estereótipo era muito forte. Eu continuei dando minha energia ao molde sexual de minha raça até que don Juan me pôs na alternativa de me tranquilizar ou abandonar o ensinamento".

Atendendo a outra pergunta, sustentou que o melhor modo de cortar a drenagem de energia que acontece pela sexualidade é aprendendo a ter expressões magnânimas, que contradigam e recanalizem a fixação de nossa atenção.

“Nós recebemos a vida como um presente cósmico e é nosso privilégio refletir aquele gesto com desprendimento total. Graças a seu desapego, o guerreiro está em posição de fazer do amor dele um cheque em branco, incondicional, um afeto abstrato, porque não parte do desejo. Que maravilha!”.

“Contra tudo que o homem médio possa pensar, a natureza dos bruxos é teluricamente passional. Só que seu objetivo já não é carnal. Eles viram a cola que une todas as coisas, uma onda de paixão que inunda o universo e que não pode ser detida, porque, se fosse, tudo seria reduzido a nada”.

“Através de seu ver, eles estabeleceram sua base na pedra angular da consciência: o mais poderoso estado da atenção individual. O amor deles é uma realidade demolidora que vibra em cada respiração, intenta em cada gesto e adquire sentido em cada palavra; uma força que os impelem a explorar, a correr riscos e a evoluir, dando o melhor de si a cada momento”.

"Os bruxos descobriram a forma mais refinada de amor, porque eles amam a si mesmos. Eles sabem que tudo aquilo que nós damos para fora é um reflexo do que nós temos dentro. Eles puseram o poder da paixão ao serviço do ser, e isto lhes dá o impulso necessário para empreender a única busca que conta: a de si mesmo".

A RECAPITULAÇÃO

Ao revisar minhas notas, descobri que outros dos tópicos a que Carlos se referiu com mais insistência nas conversas dele foi sobre a recapitulação. Afirmou que é o exercício ao qual os bruxos dedicam a maior parte do seu tempo.

Em uma determinada ocasião, comentou que apesar da drenagem de energia a que a interação social nos expõem, todos nós temos uma opção, pois a característica lacrada de nossa constituição luminosa nos permite reiniciar continuamente do zero para recuperar nossa totalidade.

“Nunca é tarde afirmou. Enquanto nós estivermos vivos, sempre há um modo de conquistar qualquer tipo de bloqueio. O melhor modo para recuperar as fibras luminosas que temos dissipado é chamando de regresso à nossa energia. A parte mais importante é dar o primeiro passo. Para esses que estão interessados na economia e recuperação da energia, o único caminho aberto é a recapitulação”.

“Um bruxo sabe que se nós não formos por nossos fantasmas, eles vêm por nós. Por isso, não deixa assuntos pendentes. Reconta seu passado, busca a conjuntura mágica - o momento exato onde se envolveu com os destinos das pessoas -, aplica toda sua concentração nesse ponto e desata os nós do intento”.

“Os bruxos dizem que levamos nossa existência à distância de uma lembrança. Passamos a vida enganchados, doídos por algo que aconteceu trinta anos atrás e carregando um fardo que já não faz sentido. 'Não o perdão!', gritamos. Mas não é correto, pois o que nós não perdoamos é a nós mesmos!

“Os compromissos emocionais que contraímos com as pessoas são como investimentos feitos ao longo do caminho. É preciso ser muito insensato para deixar nosso patrimônio jogado por aí!”.

“A única forma através da qual podemos estar completos de novo é recolhendo esse investimento, reconciliando-nos com nossa energia e dissipando a carga dos sentimentos. O melhor método que os bruxos descobriram para isto, é recordando os eventos de nossa história pessoal até a sua completa digestão. A recapitulação nos ajuda a sair do passado e nos insere no agora”.

“Não podemos evitar o fato de termos nascido como resultado de sexo aborrecido, e nem ter investido a maioria de nossa luminosidade em fazer filhos ou manter relações extenuantes. Mas nós podemos recapitular; isso cancela o efeito energético desses atos”.

“Afortunadamente, no âmbito da energia não existem coisas como o tempo e o espaço. Dessa forma, é possível voltar ao lugar e ao momento mesmo onde aconteceram os

eventos a serem revividos. Não é muito difícil, já que todos sabemos muito bem onde nos dói”.

“Recapitular é espreitar nossas rotinas, submetendo-a a um escrutínio sistemático e impiedoso. É a atividade que nos permite visualizar nossa vida como totalidade e não como uma sucessão eventual de momentos. Porém, e ainda que isto possa parecer estranho, só os bruxos recapitulam como norma; o resto das pessoas apenas o faz por casualidade”.

"A recapitulação é a herança dos antigos videntes, a prática básica, a essência da bruxaria. Sem ela não há nenhum caminho. Don Juan se referia depreciativamente aos aprendizes que não tinham recapitulado como 'radioativos'. Don Genaro nem mesmo me dava a mão, e se eu o tocasse por casualidade, ele corria para se lavar como se o houvesse infectado. Dizia que eu estava cheio de porcarias e que me escorria por cada poro da pele. Com essa paródia, ele me inculcou a idéia de que recapitular é um ato elementar de higiene”.

Em outra conferência, Carlos se referiu à estagnação luminosa que descreveu como uma fixação de nossa atenção que bloqueia o fluxo da energia. Ele disse que isto acontece quando nós nos recusamos a enfrentar os fatos e nos escondemos atrás de ações evasivas. E também quando deixamos assuntos pendentes ou contraímos compromissos que nos amarram.

A consequência da estagnação é que a pessoa deixa de ser ela mesma. Ao ficar pressionada pela cadeia de decisões pela qual foi tomada durante sua vida, já não pode agir de um modo deliberado e se emaranha nas circunstâncias. Esta situação pode chegar ao ponto de se transformar em uma doença mental ou física, e só se pode resolver isso através da recapitulação.

Sustentou que, em essência, recapitular consiste em fazer uma lista das feridas causadas por nossas interações. O passo seguinte é viajar de retorno ao momento quando aconteceram os fatos para absorver de volta o que nos pertence e devolver o alheio.

“O guerreiro começa a rebobinar seu dia. Reconstrói as conversações, decifra os significados, recorda os rostos e os nomes, procura matizes, insinuações, dissecas as reações emocionais próprias e das outras pessoas. Não deixa nada ao acaso, agarra as lembranças do dia uma por uma e as limpa através da respiração”.

“Também examina capítulos e categorias completas de sua vida. Por exemplo, as namoradas que teve, as casas onde viveu, escolas, lugares de trabalho, amigos e inimigos, brigas e momentos felizes, e assim por diante. O ideal é atacar a tarefa por ordem cronológica, da memória mais recente até a mais distante que for possível evocar. Mas, para começar, é mais fácil fazê-lo por tópicos”.

"Uma forma muito rentável do exercício, acessível a todos nós, é a recapitulação fortuita. Se vocês perceberem, nós estamos constantemente recapitulando. Todas as recordações que conformam nosso diálogo interno podem ser classificadas como tal. Porém, nós os evocamos de forma involuntária. Em vez de os observar em silêncio, nós os

julgamos, interagimos visceralmente com eles. Isso é lamentável. Um guerreiro tira proveito da oportunidade, porque essas recordações, aparentemente ao acaso, são avisos de nosso lado silencioso".

Mostrou quem para recapitular não são necessárias condições especiais. A pessoa pode tentar o exercício em qualquer momento e lugar em que se sinta animado a fazê-lo.

"Os guerreiros recapitulam quando vão caminhando, no banheiro, ao trabalhar ou ao comer, quando for possível! O importante é fazê-lo".

Acrescentou que não há uma posição definida. O único requisito é estar confortável, de forma que o corpo físico não demande atenção nem interfira com as recordações.

"Porém, os bruxos levam o exercício mais seriamente. Alguns usam para esse propósito caixas de madeira, armários ou cavernas. Outros fazem um assento nos ramos mais altos de grandes árvores ou cavam um buraco na terra e o cobrem com ramos. Uma prática boa é recapitular sentado na cama, na obscuridade, antes de deitar para dormir. Qualquer meio que nos isole do ambiente serve para recapitular formalmente".

"Uma vez que localizamos um evento e recriamos cada uma de suas partes, é necessário inalar para recuperar a energia que deixamos para trás e exalar as fibras que os outros depositaram em nós. A respiração é mágica porque é uma função que dá a vida".

Carlos nos explicou que esse tipo de respiração deve ser acompanhada por um movimento lateral de cabeça à qual os bruxos chamam "ventilar o evento".

Alguém perguntou a ele se era necessário respirar da direita para esquerda ou vice-versa.

Respondeu:

"O que importa isso? É um trabalho energético, não há um padrão fixo. O que vale é o intento. Aspirem quando queiram recuperar algo e soprem de regresso tudo o que não seja de vocês. Se fizerem isso com a totalidade de suas histórias, vocês deixarão de viver amarrados a uma cadeia de recordações e se focalizarão no agora. Os videntes descrevem esse efeito como enfrentar aos fatos tais como são ou ver o tempo objetivamente".

Perguntaram-lhe o que é necessário fazer com as recordações uma vez que as localizemos; se é para examiná-las com algum método psicanalítico ou algo assim.

Respondeu:

"Não é necessário fazer nada em particular. As próprias recordações buscam seu curso e a luminosidade se reordena por si só através da respiração. Você só o intenta, põe-se disponível; o espírito lhe dirá como fazê-lo.

“A recapitulação parte de dentro e se sustenta sozinha. É uma questão de silenciar a mente e então nosso corpo energético toma o controle, fazendo o que para ele é uma delícia fazer. Você se sente bem, confortado; longe de dar trabalho, o deixa descansado. Seu corpo percebe isso como uma ducha inefável de energia”.

“Mas você deve ter a atitude correta. Não confunda o exercício com uma questão psicológica. Se o que você necessita são interpretações, vá até o psiquiatra! Ele dirá o que fazer para que você continue sendo o idiota que é. E menos ainda você deveria andar atrás de uma lição. As histórias com moral só existem nos contos para crianças”.

“A recapitulação é uma forma especializada de espreita e vocês devem empreender isto com um alto sentido de estratégia. Trata-se de entender e pôr em ordem nossas existências, vendo-as tal e qual são, sem remorsos, repreensões ou felicitações, com desapego total e um ânimo leve, até de humor, porque nada em nossa história é mais importante que nada e todas as relações, afinal, são efêmeras”.

“O importante é começar, porque a energia que nós recuperamos desde o primeiro intento nos dará forças para continuar recapitulando aspectos mais e mais intrincados de nossas vidas. Primeiro, é necessário começar pelo investimento mais forte que são os sentimentos mais desgarrados. Depois seguimos por aquelas memórias tão profundas que nós já acreditávamos esquecidas, mas que estão ali.

“No princípio, recapitular pode nos dar algum trabalho, porque nossa mente não está acostumada à disciplina. Mas, depois de fechar as feridas mais dolorosas, a energia se reconhece a si mesma e nós vamos ficando viciados no exercício. Dessa maneira, cada partícula de luz que recuperamos nos ajuda a ganhar mais”.

“No momento em que vocês se disponham a desemaranhar voluntariamente o enredo das suas histórias pessoais, estarão dando o passo decisivo”.

Respondendo a outra pergunta, ele disse que a recapitulação não tem fim, deve durar até o final de nossos dias e mais adiante.

“Eu estiro minhas fibras ao rememorar cada noite o que ocorreu durante o dia. Assim, minha lista de eventos se mantém atualizada. Mas uma vez por ano eu realizo um exercício mais completo e total, para o qual eu me distancio de tudo durante várias semanas”.

Advertiu que, não por ser cotidiano, nós devemos ver o exercício como uma rotina.

“Se nós não recuperarmos a totalidade de nossa energia, nunca chegaremos ao poder de nossas decisões; sempre haverá um ruído de fundo, um comando estrangeiro ali. E sem o poder de suas decisões um homem não é nada”.

“Atualizar os eventos é o ideal porque limpa as feridas do passado e descongestiona os canais energéticos. Desse modo, você rompe a fixação do olhar alheio,

desmascara os padrões do comportamento das pessoas e já nada pode te enganar novamente. Você se torna um ser soberano; decide o que fazer de você mesmo".

Outra das perguntas que lhe fizeram foi concernente aos efeitos da recapitulação sobre a consciência.

Sustentou que o exercício tem dois efeitos principais.

“De imediato, corta nosso diálogo interno. Quando um guerreiro consegue parar seu diálogo está estreitando relações com sua energia. Isso o libera da obrigação da memória e da carga dos sentimentos, e deixa um resíduo energético que pode ser investido no aumento das fronteiras da percepção. O guerreiro começa a apreciar a coisa genuína, não a interpretação. Pela primeira vez, faz contato com o consenso dos bruxos que é a descrição de uma realidade inconcebivelmente integrada”.

“É normal que um guerreiro nesta fase ria à toa, porque a energia provê alegria. Graças à recapitulação, está contente, transbordante, salta como um menino. Por outro lado, começa a ser uma pessoa temível, já que, ao ter intacta sua luminosidade e sua vida limpa, as decisões já não serão um obstáculo para ele. Vai decidir o que seja necessário no momento em que queira e isso assusta aos outros”.

“Também é aqui que se requer do guerreiro uma dose extra de sobriedade e sensatez, porque do contrário ele correrá riscos desnecessários, pondo em perigo a segurança dele e de outros”.

"Outro efeito da recapitulação é que funciona como um convite ao espírito para que venha e faça morada conosco. Dito em outros termos, relembrar nosso passado é o método mais efetivo para unificar os corpos físico e energético que estiveram separados durante anos”.

Continuou dizendo que o bruxo que logra recompactar o mais grosso de sua energia está em condições de se propor uma proeza perceptual: intentar uma cópia de sua experiência vital para enganar a morte.

“Tal é o objetivo final da recapitulação: criar um duplo e se preparar para ir. Não é necessário ser um bruxo para entender a importância de tudo isso. Morrer em dívida é uma forma lamentável de morrer. Por outro lado, ter um duplo para oferecer à águia é a garantia de seguir adiante”.

“A luta dos bruxos é heróica. Ao recapitular impecavelmente o conteúdo de suas vidas, eles apanham as fibras que drenaram sua atenção e devolvem para aqueles que conheceram toda a atenção que estes lhes deram. Desse modo, eles chegam a um equilíbrio que lhes permite partir com toda sua consciência. Suas recordações, coerentes, polidas e integradas, funcionam como um ser independente que servirá como um ingresso em troca da consciência. A águia recebe esse esforço como um pagamento e se põe de lado, porque lhe basta nossa réplica para satisfazer sua demanda”.

"Os videntes vêem esse momento como uma explosão de energia que alinha a consciência encapsulada do bruxo com a totalidade das emanções de fora, e seu ponto de aglutinação se alonga infinitamente, como um turbilhão de luz".

Em outra de suas conversas, referiu-se a um método desenhado pelos novos videntes que pode ajudar no exercício da recapitulação.

Afirmou:

"Uma das tarefas dos bruxos é analisar constantemente as insinuações do espírito. Para isto, eles costumam elaborar um livro de eventos memoráveis, uma mapa das ocasiões em que o espírito interveio em suas vidas, obrigando-lhes a tomarem decisões de um modo voluntário ou involuntário".

Explicou que a vantagem desta técnica é que, ao escrever, nós nos desapegamos um mínimo das coisas e conseguimos focalizá-las com mais objetividade.

"Não se trata de descrever nossa rotina diária, mas de estar atentos aos raros momentos em que o intento se manifesta. Essas são conjunturas mágicas, porque produzem mudanças e nos põem diante do sentido de nossa existência".

A pedidos, apresentou alguns exemplos de eventos desse tipo.

"Embora os sinais do espírito sejam um assunto do mais pessoal, há eventos comuns que em geral marcam a vida das pessoas, como nascer, escolher uma carreira, entrelaçar o destino com o de outra pessoa ou ter filhos. Também as doenças e acidentes graves, porque eles estabelecem uma ligação com a morte. Para aqueles que têm a fortuna de achar um conducto do espírito sob a forma de um nagual, este é sem dúvidas o evento mais memorável de todos".

"As intervenções do intento são precursoras, memórias muito significativas para um guerreiro e podem ser usados como marcos de referência de onde partir para explorar os episódios da história pessoal. É necessário ter a velocidade e a clareza para os selecionar e os sintetizar, extraindo o lado pessoal e deixando a essência mágica. Desse modo, transformam-se naquilo que os novos videntes chamam os centros abstratos da percepção, uma matriz de intento que um guerreiro tem o dever de decifrar".

O UMBRAL DO SILÊNCIO

Uma das características de Carlos era não ser previsível. Às vezes chegava pontualmente aos compromissos, outras vezes se atrasava mais de uma hora. O sistema tinha suas vantagens; fazia com que os menos interessados se levantassem e partissem, enquanto que os mais comprometidos eram obrigados a cultivar a paciência.

Aquela tarde o compromisso foi na Universidade do México.

Entre outras muitas questões, perguntaram-lhe se ele acreditava em Deus.

Como resposta, Carlos nos pediu que não confundíssemos as palavras dele com uma mensagem religiosa.

“Os bruxos - disse - se baseiam em suas experiências. Eles mudaram o acreditar pelo VER. Eles falam do espírito, não porque acreditem em sua existência, mas porque o VIRAM. Mas eles não o VÊEM como um pai amoroso que cuida de todos lá do alto. Para eles, o espírito é algo muito mais direto e mais imediato, um estado de consciência que transcende a razão”.

"Tudo o que chega a nossos sentidos é um sinal. Só é necessário ter a velocidade necessária para silenciar a mente e captar a mensagem. Por meio dessas indicações, o espírito fala conosco com uma voz muito clara”.

Um dos presentes notou que, ainda que se tratasse de uma metáfora, a idéia de escutar o espírito ou falar com ele tinha um ar excessivamente religioso.

Porém, Carlos foi taxativo na definição dele:

“Essa voz não é uma metáfora! É literal! Às vezes se compõe de palavras, outras vezes só sussurra ou desdobra uma cena diante de nossos olhos, como um filme. Desse modo, o espírito nos transmite seus comandos que podem ser resumidos em uma única expressão: ‘Intenta, Intenta!’”.

"A voz do espírito nos fala a todos por igual, mas não percebemos. Estamos tão ocupados com nossos pensamentos que em vez de fazer silêncio e escutar, preferimos recorrer a todo o tipo de subterfúgios. Por isso existem os CONVOCADORES”.

Perguntaram-lhe o que era um convocador.

Respondeu:

“É um recurso da atenção, uma maneira de aceder a outro nível de consciência. Podemos usar quase qualquer coisa para sintonizar o espírito, pois ele está por trás de tudo o que existe. Mas algumas coisas nos atraem com mais força que outras”.

“Em geral, as pessoas têm suas orações, suas rezas e amuletos ou elaboram rituais privados e coletivos. Os bruxos da velha guarda eram propensos ao misticismo; eles usavam a astrologia, oráculos e conjuros, varas mágicas, qualquer coisa que enganasse a vigilância da razão”.

"Mas para os novos videntes, esses recursos são um desperdício e ocultam um perigo: podem desviar a atenção da pessoa que, em vez de se focalizar em seu vínculo imediato com o espírito, termina por se acostumar ao símbolo. Os guerreiros atuais preferem métodos menos ostentosos. Don Juan recomendava intentar diretamente o silêncio interior”.

Enfatizando as palavras, especificou que a bruxaria é a arte do silêncio.

“O silêncio é uma passagem entre os mundos. Ao calar nossa mente, emergem aspectos incríveis de nosso ser. A partir desse momento, a pessoa se torna um veículo do intento e todos os seus atos começam a exudar poder”.

"Durante minha aprendizagem, meu benfeitor me mostrou prodígios inexplicáveis que me espantavam, mas, ao mesmo tempo, despertavam minha ambição. Eu também queria ser poderoso como ele! Frequentemente lhe perguntava como eu poderia aprender seus truques, mas ele colocava um dedo sobre seus lábios e ficava me vendo. Foi apenas muitos anos mais tarde que eu pude apreciar completamente a magnífica lição de sua resposta. A chave dos bruxos é o silêncio”.

Um dos presentes lhe pediu que definisse esse conceito.

Respondeu:

“Não é definível. Quando você o pratica, você o percebe. Se o tenta entender, você o bloqueia. Não o veja como algo difícil ou complexo, porque não é nada do outro mundo; é simplesmente silenciar a mente”.

"Poderia dizer-lhes que o silêncio é como um porto onde chegam os navios; se o porto está ocupado não cabe nada novo. Tal é minha visão do assunto, mas, verdadeiramente, eu não sei como falar disso”.

Explicou que o silêncio mental não é só a ausência de pensamentos. Realmente, trata-se de suspender os juízos, de testemunhar sem interpretar. Sustentou que entrar no silêncio pode ser definido, de acordo com o modo contraditório dos bruxos, como "aprender a pensar sem palavras”.

“Para muitos de vocês o que eu estou dizendo não faz sentido, porque estão acostumados a consultar tudo com a mente. O irônico é que, para começar, os pensamentos

nem mesmo são nossos, eles soam através de nós, o que é diferente. E, como nos acossam desde que temos feito uso de razão, nós terminamos nos acostumando com eles”.

“Se perguntam à mente, ela lhes dirá que o propósito dos bruxos é tolice, porque não se pode demonstrá-lo com a razão. Em vez de lhes aconselhar que vão e verifiquem honestamente esse propósito, ela os ordenará que se escondam atrás de um sólido bloco de interpretações. Portanto, se querem ter uma oportunidade, só lhes resta uma saída: desconectem a mente! A liberdade se consegue sem pensar”.

"Eu conheço pessoas que conseguiram parar o diálogo interno e já não interpretam, são pura percepção; nunca se desiludem ou se arrependem, pois tudo o que fazem parte do centro da decisão. Eles aprenderam a manejar a mente em termos de autoridade e vivem no mais autêntico estado de liberdade".

Continuou dizendo que o silêncio é nossa condição natural.

“Nós nascemos do silêncio e para lá voltaremos. O que nos contamina são as idéias supérfluas que se infiltram em nós a partir de nossa forma coletiva de viver”.

“Nossos parentes, os primatas, têm costumes sociais muito arraigados cujo objetivo é diminuir os níveis de tensão dentro do grupo. Por exemplo, eles dedicam muito do seu tempo para se acariciarem, se cheirarem ou extraírem mutuamente os piolhos”.

"Esses costumes são genéticos, portanto não morreram; estão aqui dentro, com vocês e comigo. Só que nós humanos aprendemos a substituí-los por intercâmbios de palavras. Cada vez que temos uma oportunidade, nós nos tranquilizamos uns aos outros conversando sobre qualquer coisa. Depois de milênios de coexistência, temos interiorizados esses intercâmbios ao ponto de, estando dormindo ou acordados, nossa mente não ficar quieta e estar sempre falando consigo mesma.

"Don Juan afirmava que somos animais predadores que, à força de nos amansarmos, acabamos nos transformando em ruminantes. Passamos a vida regurgitando uma lista interminável de opiniões sobre quase tudo. Os pensamentos nos chegam em torrentes e se encaixam um no outro até encher o espaço da mente. Esse barulho não tem nenhuma utilidade porque praticamente em sua totalidade é dirigido ao engrandecimento do ego.

"Devido ao fato de que vai contra tudo o que nos foi ensinado desde crianças, o silêncio deve ser intentado com ânimo de combate. Neste momento, vocês têm uma grande vantagem: a experiência dos espreitadores. Os bruxos de agora pretendem passar pelo mundo sem chamar a atenção, tratando a todos igualmente. Um guerreiro espreitador é o dono da situação, para o bem ou para o mal, porque há algo terrivelmente efetivo em atuar sem a mente".

Então lhe pediram que nos desse alguns exercícios práticos para chegar ao silêncio.

Respondeu que esse era um assunto muito privado, porque as molas do diálogo interno se nutrem de nossa história pessoal.

“Porém, através de milênios de práticas, os bruxos observaram que, no fundo, somos muito parecidos e há situações que têm o efeito de nos silenciar igualmente a todos”.

“Meu mestre transmitiu diversas técnicas para me silenciar que, bem entendidas, se reduzem a uma: o intento. O silêncio se intenta cruamente através do esforço. É coisa de insistir uma e outra vez. Isso não significa que reprimamos nossos pensamentos, mas que aprendamos a controlá-los”.

“O silêncio começa com uma ordem, um ato de vontade que se converte no comando da água. Porém, nós temos que lembrar que no momento em que nos impomos o silêncio nunca estaremos verdadeiramente ali, mas na imposição. É necessário aprender a transformar a vontade em intento”.

“O silêncio é tranquilo, é um abandonar-se, deixar-se ir. Produz uma sensação de ausência, como a que tem um menino quando fica olhando para o fogo. Que maravilha lembrar-se desse sentimento e saber que se pode evocá-lo novamente!”.

“O silêncio é a condição fundamental do caminho. Eu passei longos anos batalhando para conseguí-lo e tudo o que eu alcancei foi me enrolar com minha própria tentativa. Além da conversa habitual que sempre tinha lugar em minha mente, eu comecei a me recriminar por não poder entender o que era que don Juan esperava de mim. Tudo mudou um dia, enquanto eu estava contemplando distraidamente umas árvores; o silêncio saltou delas como um animal selvagem, parando meu mundo e me lançando a um estado paradoxal, para algo novo e ao mesmo tempo já conhecido”.

“A técnica de observar, quer dizer, de contemplar o mundo sem idéias preconcebidas, funciona muito bem com os elementos. Por exemplo, com as chamas, as quedas de água, as formas das nuvens ou o pôr do sol. Os novos videntes o chamam ‘enganar a máquina’, porque, em essência, consiste em aprender a intentar uma nova descrição”.

“A pessoa tem que lutar corajosamente para conseguir isto, mas, depois que ocorre, o novo estado de consciência se sustenta naturalmente. É como por o pé na porta; já que está aberta, é questão de acumular energia suficiente para passar ao outro lado”.

“O importante é que nosso intento seja inteligente. De nada vale que nos esforcemos para chegar ao silêncio se primeiro não criarmos condições favoráveis para que se sustente. Portanto, além de treinar na observação dos elementos, um guerreiro é obrigado a fazer algo muito simples, mas muito difícil: ordenar sua vida”.

“Todos vivemos em uma cadeia de intensidade a qual nós chamamos ‘tempo’. Como não divisamos sua fonte, tampouco paramos para pensar no seu fim. Enquanto somos jovens nos sentimos eternos e, quando envelhecemos, só resta nos queixarmos pelo

‘tempo perdido.’ Mas isso é uma ilusão, o tempo não se perde, somos nós que perdemos a nós mesmos!”.

“A sensação de que nós temos tempo é um engano que nos leva a desperdiçar energia com todo tipo de compromissos. Quando um homem se conecta com o silêncio interno, reavalia o tempo dele. Assim, uma outra forma de definir isto, é dizer que o silêncio é uma aguda consciência do presente”.

"Um método infalível para conseguir o silêncio é através do "não fazer", uma atividade que nós programamos com nossa mente, mas que tem a virtude de silenciar os pensamentos uma vez que é começado. Don Juan chamava esse tipo de técnica de 'tirar um espinho com outro'".

Apresentou como exemplos de não fazer: escutar na escuridão, trocando a prioridade de nossos sentidos e o comando que nos força a dormir assim que nós fechamos os olhos. Também, conversar com as plantas, parar de ponta cabeça, caminhar para trás, observar as sombras, a distância ou os espaços entre as folhas das árvores.

“Todas essas atividades são das mais efetivas para silenciar nosso diálogo interno, mas elas têm um defeito: não as podemos sustentar durante muito tempo. Depois de um momento, somos forçados a recuperar nossas rotinas. Um não fazer que é exagerado, automaticamente perde o poder e cai dentro de fazer”.

“Se o que nós queremos é acumular silêncio profundo, de efeitos duradouros, o melhor não fazer é a solidão. Junto com a economia da energia e o abandono desses que nos dão por feitos. Aprender a estar só é o terceiro princípio prático do caminho”.

“O mundo do guerreiro é a coisa mais solitária que há. Até mesmo quando vários aprendizes se unem para viajar pelas rotas do poder, cada um sabe que está sozinho, que não pode esperar nada do outro nem depender de ninguém. O máximo que ele pode fazer é compartilhar o caminho com aqueles que o acompanham”.

"Estar só requer um grande esforço, porque nós ainda não aprendemos a superar o comando genético da socialização. No princípio, o aprendiz deve ser forçado a isto pelo seu mestre, através de armadilhas se for necessário. Mas com o tempo aprende a desfrutá-lo. É normal que os bruxos busquem o silêncio na solidão da montanha ou do deserto e que vivam sozinhos durante longos períodos".

Alguém comentou que essa era "uma perspectiva horrorosa".

Carlos respondeu:

“Horroroso é chegar à velhice como umas crianças choronas!”.

"Uma das ironias da vida moderna é que, quanto mais aumentam as comunicações, mais solitários nos sentimos. A existência do homem comum é de uma desolação horripilante. Procura companhia, mas não se encontra a si mesmo. O amor dele foi

desvalorizado, seu sonho é pura fantasia. Sua curiosidade natural se tornou um interesse muito pessoal e só lhe restaram os apegos.

"Por outro lado, a solidão do guerreiro é como o retiro dos enamorados, desses que procuram um nicho remoto para escrever poemas a seu amor. E seu amor está em todos os lugares, porque é esta terra que por tão pouco tempo veio pisar. Assim, onde quer que vá, o guerreiro se entrega a seu romance. É natural que, às vezes, evite lidar com o mundo; o silêncio interior é solitário".

Carlos continuou dizendo que os bruxos antigos usavam plantas de poder para parar o diálogo interno. Mas os guerreiros atuais preferem condições menos arriscadas e mais controladas.

"Podemos obter os mesmos resultados produzidos pelas plantas quando nos colocamos contra a parede. Ao enfrentar situações limite, como o perigo, o medo, a saturação sensorial e a agressão, algo em nós reage e toma o controle. A mente se põe em alerta e suspende a tagarelice automaticamente. Colocar-se a si mesmo deliberadamente nessas situações se chama espreita".

"Porém, o método favorito dos guerreiros é a recapitulação. A recapitulação pára a mente de um modo natural".

"O principal combustível de nossos pensamentos são os assuntos pendentes, as expectativas e a defesa do ego. É muito difícil de achar uma pessoa cujo diálogo interno seja sincero; o comum é que nós dissimulemos nossas frustrações indo até o extremo oposto. Deste modo, o conteúdo de nossa mente se torna uma ode ao eu".

"Recapitular acaba com tudo isso. Depois de um tempo de esforço contínuo, algo cristaliza aí dentro. O diálogo habitual fica incoerente, incômodo; não existe outro remédio senão pará-lo".

"É normal que um aprendiz nesta fase se depare com um fogo cruzado. Por um lado, está a homogeneização do seu ponto de aglutinação; e por outro, uns enormes parênteses de silêncio que se metem em sua mente, fragmentando-a".

"Quando se esgota a inércia do diálogo interno, o mundo se refaz novamente. A onda de energia se sente como um insuportável vazio que se abre debaixo dos pés. Por tal motivo, o guerreiro pode passar anos de instabilidade mental. A única coisa que o conforta em tal situação é manter claro o propósito do seu caminho e não perder, de nenhuma maneira, sua perspectiva de liberdade. Um guerreiro impecável jamais perde a sensatez".

"Se ao aplicar algumas destas técnicas vocês sentirem que a mente se estremece e uma voz que não é a habitual começa a sussurrar-lhes coisas nos ouvidos, isso é normal e não devem se assustar. Vocês não estão enlouquecendo, estão entrando no consenso dos bruxos".

Perguntaram-lhe se mover o ponto de aglutinação também atrai o silêncio.

Respondeu:

"É ao contrário. O silêncio interno induz deslocamentos do ponto de aglutinação, que são cumulativos. Uma vez alcançado certo umbral, o silêncio pode por si mesmo mover o ponto a grande distância, mas não antes".

Explicou que a força do consenso coletivo tem certa inércia, que varia de pessoa para pessoa de acordo com suas características energéticas. A resistência da descrição do mundo pode ir de uns segundos a uma hora ou mais; contudo, não é eterno. Vencê-la por meio de um intento contínuo é o que os bruxos chamam de "chegar ao limiar do silêncio".

"Essa ruptura se sente fisicamente, como um ruído na base do crânio ou como o som de um sino. A partir daí, é uma questão de quanta força foi acumulada".

"Há aqueles que param o diálogo por alguns segundos e imediatamente se assustam, começam a se perguntar coisas ou a descrever a si mesmos o que sentem. Outros aprendem a permanecer nesse estado durante horas ou dias, e inclusive o empregam para atividades úteis. Como exemplo, vocês têm os meus livros; por exigências de don Juan, eu os escrevi a partir de um estado básico de silêncio. Mas os bruxos com experiência vão ainda mais longe, eles podem entrar de forma definitiva no outro mundo".

"Conheci um guerreiro que vivia quase permanentemente ali. Quando eu lhe perguntava algo, ele respondia o que estava vendo, sem se preocupar que essa resposta fosse coerente com minha pergunta. Vivia mais além de minha sintaxe. Do meu ponto de vista de aprendiz, ele evidentemente estava louco!".

"Apesar de ser indefinível, podemos medir o silêncio pelos seus resultados. Seu efeito final, o que os bruxos procuram com avidez, é que ele nos sintoniza com uma dimensão magnífica de nosso ser, onde temos acesso a um conhecimento instantâneo e total que não é composto de razões, mas de certezas. As velhas tradições descrevem esse estado como 'o reino do céu', mas os bruxos o preferem chamar por um nome menos pessoal: o conhecimento silencioso".

"Pode ser dito que um homem que domina o silêncio conseguiu limpar seu vínculo com o espírito e o poder desce caudalosamente sobre ele. Um estalo de dedos e zás!, o mundo se faz outro. Don Juan se referia à esse estado como 'o salto mortal do pensamento' porque começamos no mundo cotidiano, mas nunca voltamos a cair nele novamente".

O estranho poder de fascinação que exerciam sobre mim as palestras de Carlos, fazia com que a simples idéia de perder um desses encontros me resultasse insuportavelmente doloroso.

Em certa ocasião eu fiz um comentário sobre o assunto e me respondeu:

"Você já está enganchado! Don Juan sempre incitava aqueles que o rodeavam a sustentar um romance com o conhecimento".

Eu lhe perguntei o que ele queria dizer com isso.

E me explicou:

“É o puro desejo de saber, não sentir apatia, se interessar vivamente com o que o espírito vem lhe contar, sem esperar nada disto. Só sustentando um apaixonado romance com conhecimento podemos obter a força necessária para não esmorecermos quando os sinais apontam na direção do desconhecido”.

“Quando seu caminho já não corresponde às expectativas humanas, quando o leva a situações que desafiam a razão, então se pode dizer que um guerreiro estabeleceu uma relação íntima com o conhecimento”.

"Você teve uma sorte extraordinária ao silenciar sua mente por um momento e permitir que o poder lhe sinalizasse. Mas isso não basta; agora você tem que se ajustar à sua mensagem, de forma que sua vida seja a vida de um guerreiro. De agora em diante, seu trabalho consistirá em cultivar um vínculo honesto e limpo com o infinito".

SEGUNDA PARTE

DIÁLOGO DE GUERREIROS

1

SATURAÇÃO CONCEITUAL

Em certa ocasião eu expus a Carlos a dificuldade que estava sendo para mim entender os postulados da bruxaria e lhe pedi algumas definições que orientassem um pouco minha racionalidade. Mas ele me disse que não era possível nem útil, já que ele não vivia em uma realidade de consenso ordinário.

"Nem eu mesmo me entendo" - assegurou com absoluta seriedade.

Sustentou que 'compreender' é fixar nossa atenção em um ponto específico a partir do qual as coisas podem ser explicadas. Enquanto mais aceito é esse ponto pela maioria das pessoas, mais verdadeiro nos parece.

"Mas o Universo não é razoável, sua essência está mais além de toda a descrição. A segurança e o sentido comum são como ilhas que flutuam em um mar sem fundo, aos quais nos agarramos só por temor.

"Se você continua no caminho do conhecimento, logo você descobrirá que as explicações são um placebo, já que nunca cumprem com o que prometem. Por cada coisa que nos aclaram, geram um rastro de contradições. Na realidade, nós nunca entendemos nada; o verdadeiro ensino é físico e nos chega depois de anos de luta. Tal é a natureza das lições do nagual".

"Porém, os bruxos têm comprovado que existe uma forma de entender as coisas sem racionalizá-las, e é levando-as à prática. Uma hora de práticas arrasa com anos de explicações e produzem resultados reais, que são duradouros. À medida em que você se faz testemunha do poder, a obsessiva pressão de sua mente para estar no comando será anulada e em seu lugar renascerá o espírito infantil da aventura e da descoberta. Nesse estado você já não pensa, você age".

Na continuação, ele me perguntou até que ponto o meu interesse pelo conhecimento dos bruxos do México antigo era sincero. Eu assegurei que de minha sinceridade não havia dúvidas, e que estava disposto a levar a cabo qualquer esforço, excluindo transgredir meus princípios, baseados na honestidade e nas boas ações.

Ele apertou efusivamente minha mão.

"Você é o candidato ideal!" - exclamou. Mas não sei se com zombaria ou com sinceridade.

Para minha surpresa, afirmou que meus princípios, que não eram meus, mas de qualquer pessoa inteligente e normal, eram uma base muito boa para começar o trabalho.

"São tua matéria-prima. Mas agora você tem que transformá-los em intento inflexível, porque se você permanece nas boas intenções não te servirá de nada".

Fazendo uma pausa, acrescentou:

"Eu posso ajudá-lo a elucidar as convicções dos videntes do México antigo por meio de uma combinação de estudo e experiências".

Tomando meu silêncio como um acordo, continuou descrevendo um programa de ação que eu deveria incorporar em meu mundo diário, baseado em três pontos: parar meu diálogo interno à base de puro intento, compactar minha energia por meio da acomodação de meu modo de vida e soltar as amarras de minha mente para ensonhar. Disse que esse programa estava projetado para me ajudar a soltar um pouco as fixações coletivas e me animar a contrair um compromisso prático com os postulados dos bruxos.

Aceitei a proposta dele e me preparei para escutar. Mas Carlos era qualquer coisa, exceto um bom instrutor. Quando eu lia os livros dele, pelo menos tinha a oportunidade de parar, reler uma oração ou deixar tudo para depois. Mas, ao seu lado, sua impaciência e sua torrente de palavras me inundavam. E também me dava a impressão de que evitava por todos os meios que estabelecêssemos uma relação humana.

Quando eu o fiz saber que aquele método não funcionava, respondeu que era uma estratégia deliberada de caçador. Ao que parecia, ele estava espreitando as rotinas de minha mente através do que chamou de "saturação conceitual".

Eu lhe perguntei o que ele queria dizer com isso e me explicou:

“A razão se satura quando você lhe dá demasiado trabalho. Don Juan costumava dizer que os conceitos estranhos, como os que manejam os bruxos, devem ser repetidos até o cansaço, para que assim eles ganhem um lugar definido em nossa consciência, carregada pelo peso de tantos assuntos triviais”.

“O que nos assusta frente às lições dos bruxos é que, embora nós não queiramos, constantemente estamos avaliando tudo aquilo que chega até nós. Quando o objeto dessa análise é uma proposição irracional, é necessário ter muita força para não cair no preconceito”.

"Se você quer conhecer o lado mágico do mundo, seja implacável com seus raciocínios, não permita que eles se acomodem, leve-os até o limite, ao ponto mesmo de ruptura. Em tais circunstâncias, sua mente terá só duas opções: se impor, obrigando-o a abandonar a aprendizagem, ou ficar calada, deixando-o em paz".

UM INVENTÁRIO DE CRENÇAS

"Como vai sua recapitulação?".

A pergunta dele me pegou desprevenido. Respondi que ainda não havia tentado o exercício porque estava esperando para ter condições favoráveis em minha casa.

Lançou-me um olhar muito sério, quase de repreensão, e comentou que, para os bruxos, a totalidade de um caminho se resume em seu primeiro passo.

"Isso significa que as condições ideais são aqui e agora".

Suavizando o tom da voz, concedeu:

“Assim se passa com todo mundo no primeiro momento. Observar nossa vida é um exercício perturbador, porque nos assusta chegar até o fundo e fica fácil ir deixando isto de um dia para outro. Mas, se insistirmos, depois de certo tempo de escrutínio começamos a descobrir que o que sempre pareceram formas óbvias e corretas de pensar, na realidade são crenças implantadas”.

"As idéias com as quais nos tornamos viciados constituem a matéria mais densa de nossa contaminação mental. Em geral, todas elas partem de um defeito de sintaxe. Se muda a forma de falar, estas param de fazer sentido e são substituídas por novas idéias. Por isso há tantos sistemas de crenças no mundo.

“A partir do centro do conhecimento silencioso todos nós sabemos disso. Por isto, poucas vezes estamos dispostos a praticar nossas crenças. Nós podemos passar a vida falando de amar ao próximo ou de dar a outra face... Mas, quem ousa cumprir com isso? Aí você tem as guerras por motivos religiosos, essas em que as pessoas se matam pela forma com que pronunciam o nome de Deus”.

"Os bruxos sabem que as crenças baseadas em idéias são falsas".

Ele me explicou que o ponto de partida de nossas convicções normalmente é algo que nos disseram em um tom imperativo ou persuasivo quando nós éramos crianças, antes que tivéssemos um registro de experiências para comparar, ou talvez o efeito da propaganda massiva e subliminar à qual o homem atual é submetido. Frequentemente, provêm de um súbito e profundo arranque emocional, como o que sofrem esses que se deixam arrastar pela histeria religiosa. Essa modalidade de crenças é meramente associativa.

"Considerando que no núcleo de cada uma de nossas ações, costumes ou reações se esconde uma crença, então a tarefa inicial no caminho do conhecimento é fazer um inventário de todas essas coisas em que depositamos nossa fé".

Sugeri que dedicasse um bloco de notas novo a esse exercício, onde eu deveria apontar todas as minhas crenças. Assegurou que esta prática serviria para fazer um mapa de minhas motivações e apegos.

"Em cada caso - falou -, você deve buscar a fonte de suas crenças e analisar cada uma delas com profundidade. Determinar quando e porque surgiram, o que havia antes disso e como se sentia; e quanto mudou sua fé com o passar dos anos. A intenção não é a de que justifique nada, mas que, simplesmente, deixe as coisas claras. Este exercício se chama 'espreitando o crente'".

Previu que o resultado da prática levaria a me libertar de minhas convicções de segunda mão, e reafirmou que no mundo dos bruxos só é válida a experimentação direta.

CRER SEM CRER

Aceitei o exercício porque me pareceu inofensivo. Durante um par de semanas me dediquei a classificar tudo aquilo como o que eu me sentia mentalmente identificado. Esperava que o meu inventário fosse simples e claro, mas logo me surpreendeu verificar que foi se tornando uma lista interminável de padrões de pensamento, às vezes não muito coerentes entre si.

Por exemplo, uma de minhas crenças era que só as coisas demonstráveis são certas; ao mesmo tempo, outra delas sustentava que existe uma realidade suprema, um ser divino mais além de toda a forma de experimentação. Não importa quanto tentei, eu não pude conciliar essa contradição.

No campo das não crenças tive também minhas surpresas. A coisa mais desagradável foi descobrir o modo como uma simples sugestão havia bloqueado para mim uma área enorme de possibilidades. Quando eu comecei a investigar porque não era honestamente possível aceitar as declarações de Carlos relativas a que, através do sonho, se pode atingir outros mundos reais e completos, lembrei-me de que, quando era muito pequeno e tinha algum pesadelo, minha mãe repetia o refrão de uma história infantil que dizia: "Sonho é sonho".

Quando nos encontramos de novo lhe contei superficialmente o resultado de minhas pesquisas. Carlos me falou que era suficiente, que já havia bastante material para entrar na segunda fase do exercício. Então ele sugeriu que eu selecionasse a mais importante de minhas crenças; aquela que servia de base a todas as outras, e que deixasse de acreditar nela por um momento. Assim deveria fazer com cada uma delas, de acordo com o grau de importância.

"Eu lhe asseguro que não é difícil! - ele acrescentou, observando meu rosto em confusão - e sobretudo, não prejudica a sua fé. Recorde que é só um exercício".

Protestei. Com tom resolutivo, eu lhe falei que a base de meus princípios era minha certeza de que Deus existe, e que não estava disposto a pôr em dúvida ou sequer analisar esse assunto.

“Não está certo! - gritou - sua convicção mais profunda é que você é um pecador e por isso você está justificado! Você pode se equivocar, desperdiçar sua energia, se entregar à raiva, à lascívia, aos caprichos e ao medo; afinal de contas, você é humano. Deus sempre o perdoa!”.

"Não se engane. Ou você escolhe sua crença ou ela o escolhe. No primeiro caso é autêntica, é sua aliada, o sustenta e se deixa manipular por sua vontade. No segundo, é uma imposição e não vale a pena".

Respondi que o exercício que ele propunha - tratar minha fé com a mesma naturalidade de quem muda de camisa - não só era uma atitude blasfema e mercenária, mas que sua prática provavelmente acabaria por me enviar a um estado de confusão interna.

Observou:

“Você não tem que estar esclarecido para entrar no mundo dos bruxos!”.

"A idéia que temos de que a verdade anda de mãos dadas com a claridade é uma armadilha, porque o espírito é algo demasiado inacessível para ser entendido com nossa frágil mente humana. Como você bem sabe, a essência da religião não é a clareza, porém a fé. Mas a fé não vale nada comparada com a experiência!

"Os bruxos são práticos; do ponto de vista deles, aquilo em que nós acreditamos ou deixamos de acreditar é absolutamente irrelevante. Não importa a história que nós contemos, o que importa é o espírito. Quando existe poder o conteúdo da mente é algo secundário. Um bruxo pode ser ateu ou crente, budista, muçulmano ou cristão, e mesmo assim, cultivar a impecabilidade que o levará automaticamente ao poder".

Suas palavras me irritaram muito além do razoável. Ao perceber isto, fiquei surpreso em verificar até que ponto tinham penetrado em mim as doutrinas católicas aprendidas durante minha infância. Agora que Carlos as questionava, sentia como se me estivesse roubando injustificadamente algo muito valioso.

Ele notou meu dilema e começou a rir.

"Não confunda as coisas - falou -, as religiões não são um remédio, mas uma consequência do lamentável estado de consciência em que permanece o ser humano. Elas estão repletas de boa intenção, mas muito poucas pessoas se dispõem a segui-las. Se os compromissos delas significassem algo realmente valioso, o mundo estaria cheio de santos, não de pecadores!

“No momento em que se massificam, todas as ideologias, inclusive o nagualismo, tornam-se máfias culturais, escolas para adormecer o homem. Por mais sutis que sejam suas

proposições e por mais que tentem validá-las com a corroboração pessoal, elas terminam condicionando nossas ações na forma de recompensa ou castigo, e com isso distorcem a essência mesma da busca. Se o pilar de minha fé é um salário, que mérito possui?”.

“Os bruxos amam a pureza do abstrato. Para eles, o valioso do caminho com coração não é tanto para onde nos leva mas sim quão intensamente o desfrutamos. A fé tem certo valor em uma vida comum, mas não serve para nada diante da morte. Nossa única esperança frente ao inevitável é o caminho do guerreiro”.

"À capacidade de manipular seus apegos mentais os bruxos chamam 'crer sem crer.' Eles aperfeiçoaram essa arte até o ponto em que podem se identificar sinceramente com qualquer idéia, e vivê-la, amá-la e descartá-la se for o caso, sem remorsos de consciência. E dentro dessa liberdade de escolha, fazem perguntas de bruxos; por exemplo, por que me aceitar como pecador se posso ser impecável?"

Depois de alguma resistência, concordei com Carlos que não podia haver nada de mal em submeter minhas crenças a uma sacudida.

Como pude testemunhar, o principal efeito da técnica de "crer sem crer" foi pôr em evidência a incrível fragilidade do meu catálogo de idéias, disposto a se desintegrar ao menor golpe. Entendi porque don Juan afirmava que o mundo em que vivemos é um tecido mágico, a magia do "primeiro anel de poder".

A PRÁTICA DO SILÊNCIO

Como base para o silêncio mental, Carlos me sugeriu que lutasse contra o que chamou minha "condição doméstica", quer dizer, o fato de que pertença a um meio social. Referiu-se a isso como um primeiro passo para a liberdade.

"Pôr em relevo nossas interações significa analisar de novo uma grande quantidade de coisas que nós sempre demos por certo, começando por nossos hábitos sexuais, e terminando pelos compromissos familiares, religiosos e cívicos que costumamos contrair. Não se trata de julgar ou subverter nada, mas de observar. A observação, por si mesma, tem um efeito sobre as coisas".

Eu lhe pedi que explicasse como o ato passivo de observar pode modificar as coisas.

Respondeu que a atenção nunca é passiva por mais tênue que seja, porque é formada da mesma matéria que forma o universo. O simples ato de exercitá-la implica uma transferência de energia.

"É como a velocidade que, ao ser aplicada a um objeto, aumenta sua massa. Similarmente, o enfoque da atenção acrescenta realidade às coisas, e essa realidade tem um limite depois do qual o mundo que conhecemos se desintegra".

"O segredo dos prodígios dos bruxos é a canalização da atenção. Não importa como a apliquem, seja para bem ou para o mal, o que difere é a intenção, não a força do enfoque. Para os novos videntes, a magia da bruxaria não está nos seus resultados, mas nos modos como chegamos a eles. Então, seu melhor intento como aprendiz é calar sua mente".

Quando eu o vi novamente, admiti que embora já levasse um bom tempo tentando seguir seu conselho, ainda não notava nenhum avanço significativo quanto à realização de um estado de silêncio interior. Pelo contrário, tinha notado que meus pensamentos estavam mais agitados e confusos do que nunca.

Explicou que essa sensação era uma consequência normal da prática.

"Como todo novato, você está tentando classificar o silêncio como um elemento a mais de seu inventário de crenças".

"O objetivo de seu inventário foi de fazer com que se desse conta do peso que têm os nossos preconceitos. Usamos quase toda a energia disponível para sustentar um esquema do mundo, e conseguimos isso por meio de sugestões conscientes ou inconscientes.

"Quando um aprendiz é liberado dessa prisão, a sensação que tem é que caiu em um oceano de paz e silêncio. Não importa que fale, cante, chore ou medite, essa sensação permanece".

“Nas primeiras fases do caminho é muito difícil de encarar o silêncio como prática, pois assim que nós descobrimos a ausência de pensamentos, surge uma voz travessa que nos felicita pelo logro. Isso automaticamente rompe o estado”.

“O problema ocorre porque você confunde o objetivo dos bruxos com um ideal. O conceito de ‘silêncio’ é demasiado tênue para uma mente como a sua, acostumada às classificações. É óbvio que você pensou no exercício em termos auditivos, como falta de som. Mas não é assim”.

“O que os bruxos querem é algo mais simples. Eles tentam resistir às sugestões, só isso. Se você pode ser o dono de sua mente e pensar corretamente, sem preconceitos nem falsas convicções, você poderá cancelar a parte doméstica de sua natureza. Uma realização suprema. Caso contrário, você nem mesmo vai entender o que é o exercício”.

“Uma vez que aprendamos a eliminá-los, sem nos batermos com eles, nem prestar-lhes qualquer tipo de atenção, os comandos da mente ficarão em nosso interior durante algum tempo e depois partirão. Assim, não se trata de 'tirá-los' dali, mas de matá-los de aborrecimento.

“Para alcançar esse estado você tem que sacudir seu inventário de idéias. Eu pedi que você começasse por suas crenças, mas teria funcionado igual se, por exemplo, você listasse todas as suas relações e afetos, ou os elementos mais atrativos de sua história pessoal, ou suas esperanças, objetivos e preocupações, ou seu gostos, preferências e aversões. O importante é que você se dê conta de seus esquemas de pensamento.

“A magia de todo o inventário está baseado na ordem de seus componentes. Quando nós sacudimos essa ordem, quando falta alguma das peças que nós sempre damos por certo, todo o esquema começa a desmoronar. Assim se dá com as rotinas da mente; você muda um parâmetro e de repente há uma porta aberta onde deveria ter uma parede, e isso muda tudo. A mente se estremece!”.

“Isso é o que você tem experimentado como uma ativação extraordinária de seu diálogo interior. Antes você nem mesmo o notava, mas agora você sabe que está aí. Algum dia essa presença será tão pesada que você fará algo a respeito. Nesse dia você deixará de ser um homem comum e normal e se tornará um bruxo”.

A OPORTUNIDADE MÍNIMA

Em uma conferência onde ele esteve explicando os métodos dos naguais para ajudar aos aprendizes, um dos presentes o interrompeu e lhe jogou na cara:

"Carlos, você sempre diz que sem nagual não há liberdade! Mas é que você teve um mestre! Que podemos fazer nós, os que não tivemos essa sorte?".

Explodiu:

"Não é certo, vocês têm toda a informação necessária! Que mais querem? Esperam receber tudo grátis, sem nenhum esforço? Se acreditam que outro fará o trabalho por vocês, estão fodidos!"

Com um tom de repreensão, ele satirizou a frouxidão humana que nos leva a esperar que outros façam as coisas para então tirar vantagem como for possível. Qualificou essa tendência como "a antítese do comportamento de um guerreiro".

"Tudo o que um homem necessita é a oportunidade mínima de estar consciente das possibilidades descobertas pelos bruxos. Um guerreiro não espera que lhe venham chutar o traseiro para se mover; ele se adianta e diz: 'eu posso! E posso fazer isto sozinho!'"

NÃO SÃO NECESSÁRIOS MESTRES

Em outra oportunidade eu lhe perguntei:

"Carlos, o que determina que um homem comum tenha acesso ao conhecimento dos bruxos?".

"O intento respondeu. O intento do homem tem que fazer uma oferta ao espírito, e este deve aceitá-lo, pondo os meios de evolução em seu caminho. Em tempos passados o único meio disponível era ser mostrado diretamente a um nagual. Hoje em dia o homem comum tem a possibilidade de se orientar através das publicações.

"Para intentar o acesso ao mundo dos bruxos é necessário estar preparado. Um encontro acidental com o poder não levará a nada, exceto a um susto brutal para o pesquisador que, a partir dali, jurará que a bruxaria é obra do demônio, ou então que tudo é pura falsidade".

"Mas uma preparação mal dirigida, que fomente a importância pessoal em vez de aumentar o assombro e o desejo de aprender, se transforma em um estorvo quase total para

o aprendiz. Aqueles que chegam ao nagual saturados de convicções em quase tudo não têm nenhuma oportunidade de continuar em frente”.

“Então, a exigência para entrar no caminho do conhecimento é a mais profunda honestidade. É necessário desocupar o porto para que o navio chegue, reconhecendo que, no fundo, nós não sabemos nada. Uma vez que se alcança esse grau de preparação é assunto de sorte. O espírito determina quem será escolhido e quem não”.

"A resposta do espírito é inescrutável. Acontece de forma imprevista e em condições que são quase sempre incompreensíveis para a razão. Do nosso lado só nos resta estar atentos aos sinais, colocando-nos deliberadamente em seu caminho. Quando o intento do homem faz uma aliança com o espírito é inevitável que o mestre apareça”.

Eu lhe perguntei se o nagual podia ser considerado um mestre pelo estilo dos instrutores orientais.

Respondeu com ênfase:

“Não! Não há nenhuma comparação por uma razão muito simples: um nagual jamais escolhe seus aprendizes. É o espírito quem determina através de augúrios quem pode e quem não pode ser parte de uma linhagem”.

“Um verdadeiro mestre é um guerreiro impecável que já perdeu a forma humana e tem um vínculo muito claro com o abstrato. Assim, não aceita voluntários”.

"Os sistemas de ensino baseados no desejo espontâneo do pesquisador não chegam muito longe, porque eles não estão orientados para a realização, mas pelos interesses do ego. Tudo o que fazem os seguidores é imitar e isso não leva a nada. Portanto, não são necessários mestres.

"Depois de anos de aprendizagem, convenci-me de que a única coisa que requer um pesquisador é a oportunidade de estar consciente de suas possibilidades e um compromisso até a morte com seu propósito”.

Observei que suas declarações eram contraditórias com suas contínuas referências a que sem Don Juan, ele não teria alcançado nada.

Respondeu:

“Os bruxos estabelecem uma diferença significativa entre os conceitos de ‘guia espiritual’ e ‘mestre nagual.’ Uma coisa é um indivíduo que se profissionaliza em dirigir rebanhos, e outra é um guerreiro impecável que sabe que seu papel se limita a servir de conexão com o espírito. O primeiro dirá o que você quer ouvir e lhe dará os milagres que você quer ver porque lhe interessa como seguidor; enquanto que o segundo se guiará pelos comandos de um poder impessoal. Sua ajuda não é altruísta, mas um modo de pagar sua velha dívida com o espírito do homem”.

"O nagual não é um tipo benevolente; não vem para nos agradar, mas para nos despertar, e o fará à base de pauladas se for necessário, porque não sente compaixão. Ao intervir na vida do aprendiz, pode produzir tal agitação em seu interior que sua energia latente se põe em ação".

CONHECER-SE A SI MESMO

A conversação versava sobre a tendência que têm os seres humanos de se comportarem de forma imitativa, algo que ele qualificou como "um assunto de primatas".

"Nossa grande oportunidade e ao mesmo tempo nossa inquietação, é o resquício de conhecimento silencioso que ainda há dentro de cada um de nós. Debaixo do ruído da mente, todos nós temos a sensação de que há algo indefinido, algo que nos leva a agarrar qualquer coisa que alivie a pressão do desconhecido. Frequentemente esse sentimento nos leva ao fanatismo, e sempre existem aqueles que estão dispostos a lucrar com a fé das outras pessoas".

"Então, todos os mestres são fraudes?"

"O que eu tenho visto é que a maioria deles estão tão adormecidos quanto seus seguidores, mas eles aprenderam a disfarçar. Imagine um planeta onde todos os residentes são cegos; entre eles circula o mito de que é possível ver, mas nenhum deles o verificou. Um dia chega uma pessoa e diz: 'eu, sim, vejo!' O que podem fazer os outros? Só podem acreditar ou não acreditar, e sempre haverá aqueles que concebem esperanças. Não importa que o mestre também seja cego, para ele é muito fácil tirar proveito da situação".

"A águia não pede que você a venere, apenas que você transborde de consciência. Cair de joelhos ante o desconhecido é totalmente inútil, mas fazê-lo ante outro ser humano é o cúmulo da idiotice".

"O símio que levamos dentro de nós anseia ter algo que o guie, necessita crer que existem entidades superiores que podem resolver magicamente os problemas dele. Como crianças, sempre estamos esperando que outro venha e assuma a responsabilidade. Daí nascem os cultos que, em essência, são formas de deixar a responsabilidade do próprio crescimento em mãos alheias".

"Fomos enganados. Foi dito que somos especiais porque somos racionais, mas isso não é correto. O ser humano se desespera por obedecer. Eles morrem de medo quando lhes removem suas apreciadas convicções. Somos como peixes limpa-aquários, sempre com a boca aberta, devorando qualquer tipo de detrito que nos lancem. Enquanto isso, desconhecemos a fonte da vida e conhecimento que temos em nosso interior".

"Vou contar uma história bem antiga e conhecida, mas sempre nova. Os deuses ponderaram sobre onde esconder a sabedoria para tirá-la do alcance do homem. Nas montanhas? Eles as escalariam. No oceano? Terminariam por encontrá-la. O espaço sideral, a lua e as estrelas foram igualmente rechaçados, algum dia seriam explorados. Finalmente os deuses chegaram à conclusão de que o melhor lugar para escondê-la era dentro do próprio homem, porque ali ele nunca procuraria.

"O que fez o homem então? Em vez de examinar a si mesmo com total honestidade, chegando até o mais escuro segredo do seu subconsciente, foi procurar um mestre".

"Ser responsável pela própria existência é uma anomalia, uma violação de leis, um estado de paixão nada ordinário, uma luta que requer toda a vida. É o único procedimento que renova nossa energia. Eu não sei se você entenderá este detalhe: conhecer a si mesmo é um intento de guerreiros. Ninguém pode intentá-lo por você!".

PLANTAS DE PODER

Em um banco, quase escondido atrás de uma banca de jornais, estava sentado um indivíduo. Ele chamou minha atenção, mas de uma forma tão subconsciente que reagi somente após vinte metros de distância. Virei-me; o indivíduo me olhava sorrindo. Era Carlos.

Abraçou-me efusivamente e comentou que um encontro dessa natureza tinha que ser tomado como um augúrio.

"Agora sim, sou todo seu!, exclamou. Pergunta!"

Vi chegar minha oportunidade.

Em diversas conversas, Carlos afirmou categoricamente que as plantas alucinógenas não são aconselháveis para um buscador de conhecimento. Porém, nos primeiros livros ele tinha escrito exatamente o oposto; e inclusive deu exercícios extensos sobre seu uso, pondo a si mesmo como exemplo do poder dessas plantas.

Este era um assunto que me interessava vivamente, já que nunca tinha experimentado na própria pele as incríveis formas de percepção que ele descrevia, e sentia uma grande curiosidade. De forma que, aproveitando seu bom ânimo, pedi que me explicasse essa contradição.

Ao escutar minha pergunta, o entusiasmo dele se esfriou. Pelo visto, este tópico o afetava profundamente. Depois de alguns segundos de reflexão me contou que sua mudança de perspectiva tinha sido determinada por um sinal do espírito.

“No ano de 1971, depois de publicar meu segundo livro, recebi uma incômoda visita. Aproximaram-se, em uma de minhas apresentações, uns agentes do governo dos Estados Unidos e me informaram que eu estava me tornando o ídolo da juventude drogada e que eles me expulsariam do país a menos que eu modificasse minha atitude”.

“No princípio eu considerei que não valia a pena levar em conta esta ameaça. Mas depois fiz algumas verificações e fiquei surpreso com a situação. Muitos estudantes estavam tomando as lições de Don Juan como de uma permissão acadêmica para se doparem. Meu nome era citado por todas as partes como se eu fosse uma autoridade em matéria de drogas. Mas eu não queria ser o santo padroeiro de nada!”.

“Fui com meu dilema ver Don Juan. Ele riu do assunto e falou que um princípio dos espreitadores é não se confrontar com ninguém, e menos ainda com pessoas mais poderosas que eles. ‘Você se meteu entre as patas dos cavalos e tem que sair sozinho daí. Sugiro que cuide de sua aprendizagem; o resto, o que importa?’ Esse conselho me fez ter uma atitude mais cautelosa em minhas demais publicações”.

“Pessoalmente não aprovo nem desaprovo nada, já que não sou ninguém para julgar o assunto e, ademais, minha aprendizagem foi o resultado de tais técnicas. Porém, em público não posso estimular o uso das plantas, porque meus livros chegam a todo tipo de pessoas e cada um os interpreta a seu próprio modo”.

"Sem vigilância especializada, as plantas de poder podem produzir resultados lamentáveis, já que elas movem o ponto de aglutinação com rudeza e de forma irregular, e com o tempo, terminam cobrando a saúde, e a cordura, e às vezes a própria vida do praticante. Em certa ocasião, advertiram-me de que o pai de um estudante estava me procurando com uma arma para me matar porque me responsabilizava pela morte do filho dele que estivera experimentando drogas.

“O assunto das plantas é muito delicado. Se quiser entendê-lo, você tem que abandonar a visão folclórica que tem quase todo mundo sobre os bruxos. O verdadeiro guerreiro tolteca não é fanático da dopagem nem de nada; o comportamento deles é estritamente ditado pela impecabilidade”.

"Eu já expliquei que don Juan só usou plantas comigo no começo de minha aprendizagem. E o fez porque eu era excepcionalmente fixo em minhas rotinas. Quanto mais obstinado eu era, mais plantas me dava. Desse modo conseguiu soltar meu ponto de aglutinação um mínimo necessário para captar as premissas do ensino. Porém, apesar de sua cuidadosa condução, isso teve um altíssimo custo para mim e é uma das principais causas pela quais minha saúde hoje em dia está tão deteriorada.

"As plantas de poder têm um limite e um bruxo o encontra muito rapidamente. São um estímulo inicial, mas elas não podem se tornar a base do trabalho, porque não têm capacidade para nos levar a mundos completos, que é o que busca o vidente”.

"Quer dizer que o movimento que elas induzem sobre o ponto de aglutinação não é suficientemente amplo?"

“Pelo contrário, elas produzem uma sacudida profunda e desmesurada. Um bruxo verdadeiro pode manejar isso, mas não um aprendiz. Se as usa para romper os limites perceptuais, o principiante se verá tentado a classificar tudo aquilo que está vendo como uma alucinação; afinal de contas, tudo partiu de uma planta! Desse modo, nunca alcançará o grau de compromisso suficiente para fixar o seu ponto de aglutinação em uma nova posição. As plantas o levam rápida e facilmente ao outro mundo, mas elas não lhe permitem espreitar ali; essa é sua limitação”.

“O melhor modo de desdobrar nossa percepção é através do ensonhar. Como método, o ensonhar é igualmente simples, mas menos arriscado; é mais inclusivo e, principalmente, muito mais natural”.

"O objetivo do aprendiz é tomar as rédeas de seu ponto de aglutinação. Uma vez que consegue deslocá-lo, está obrigado a repetir esses movimentos sem ajuda externa, por meio de disciplina e impecabilidade. Então pode ser dito que o guerreiro encontrou um aliado”.

A ARMADILHA DA FIXAÇÃO

Em uma de suas conferências, Carlos explicou que nada é tão frágil como a fixação do ponto de aglutinação. Sustentou que a arte de concordar é tão especial que nos leva quase vinte anos de treinamento diário. Chamamos "adultos" àqueles que conseguem e "loucos" os que não.

"Porém, nada é mais fácil para nós do que ir a novos universos. Para isto, basta retornar ao que éramos".

Explicou que a fixação do ponto de aglutinação consome enormes quantidades de energia e produz uma visão estática do mundo. A energia processada desse modo se esparrama por toda nossa luminosidade e termina acumulando-se em suas bordas, onde forma massas densas que criam um reflexo do eu. Em tais circunstâncias, mover essa fixação se torna uma tarefa exaustiva.

"Para romper a armadilha da fixação é válido, em princípio, apelar a qualquer recurso. Na maioria dos casos, só um empurrão proveniente do exterior pode provocar em uma pessoa o movimento do ponto de aglutinação. Quando nós temos muita, mas muita sorte, esse empurrão nos chega pelo golpe de um nágual.

"Uma vez conseguido o deslocamento inicial, o guerreiro deve lutar pelo domínio de sua atenção, e deve fazê-lo por meio do exercício do intento e a prática do ensonho. Ensonhar é a porta de escape para a raça humana e é a única coisa que dá à nossa existência sua dimensão apropriada".

SONHO E DESPERTAR

Carlos tinha uma grande habilidade para conduzir as conversações para o lado prático. Apesar da extraordinária agudez de seu intelecto, repugnava-lhe que suas conversas derivassem para o plano das especulações. Muitas vezes eu pude atestar o modo engenhoso e firme com que ele se desfazia dos interlocutores mais rígidos, enfrentando-os com os resultados.

Em meu caso, seu método para calar meus ataques de raciocínio era reduzir tudo a uma proposição imediata e, de acordo com ele, nada difícil: o controle dos sonhos.

Porém, o ensonho era para mim o aspecto mais duro de seus ensinamentos. Em primeiro lugar, porque eu não podia diferir entre os conceitos de "sonho" e "ensonho" que para um bruxo é totalmente diferente. E em segundo, porque a idéia de concentrar minha atenção em dormir em vez de em despertar, era contrária a tudo aquilo que eu tinha aprendido em minha procura filosófica.

Ambas as considerações, totalmente apressadas, faziam com que eu evitasse o ensinho, sem nunca me propor isto como uma possibilidade autêntica e ao alcance de minha mão. Sempre que o ouvia falar desse assunto eu ficava cheio de apreensão e justificava a mim mesmo que um tópico tão irracional nem mesmo valia a pena ser analisado.

E nessa tarde ele me perguntou como andava minha prática. Eu admiti que meus preconceitos me haviam impedido de enfrentá-la com decisão e, naturalmente, que não havia obtido nenhum resultado positivo.

Comentou:

"Talvez você não tenha tido boa sorte. Meu mestre dizia que cada ser humano traz sua tendência de nascença. Nem todos são bons ensinhadores; alguns têm maior facilidade para a espreita. A questão importante é que você insista".

Mas as palavras dele não me consolaram. Eu comecei a explicar-lhe que minha incredulidade parecia mais a consequência de algum bloqueio mental implantado na mais tenra infância.

Ele não me deixou terminar. E fazendo uma expressão imperativa com a mão, replicou:

"Você não tem feito o suficiente. Se tiver o propósito de não comer ou não pronunciar uma única palavra até que ensone, verá o que acontece! Algo em seu interior se abrande, o diálogo interior cede e... cabum!".

"Lembre-se que, para você, ensinar não é uma opção, é algo básico. Se não o consegue não vai poder continuar no caminho".

Alarmado com estas palavras, perguntei:

"Mas, o que tenho que fazer para alcançar isto?"

"Querer fazer!, respondeu. É tão simples quanto isso. Você está exagerando a dificuldade do exercício. O ensino está aberto a todo mundo, pois, em seu grau inicial, requer apenas um mínimo de deliberação, aquele que é necessário para aprender a datilografar ou dirigir um carro".

Comentei que era muito difícil entender como a manipulação dos sonhos pode nos levar ao despertar interno.

Observou:

"Você se confunde com as palavras. Quando os bruxos falam de sonhar e despertar, esses termos não têm nada a ver com os estados fisiológicos que você conhece. Eu não tenho outra alternativa senão usar sua linguagem, pois do contrário não me entenderia.

Porém, se você não fizer sua parte, deixando de lado os significados diários e tentando penetrar no sentido daquilo que digo, então nunca vai sair de seu estado de desconfiança”.

“Só posso garantir que, uma vez que você descarte a preguiça que o impede de enfrentar esse desafio e trabalhe o ensonho diretamente, sem hesitações, seus enredos mentais se clarificarão por si mesmos”.

Eu me desculpei por minha teimosia e lhe pedi que elucidasse o significado do ensonho novamente.

Em vez de se meter em uma enorme explicação teórica que era o que eu queria, Carlos apresentou algo equivalente.

“Imagine um crente confirmado, desses que não podem fazer nada sem pedir permissão antes para seu Deus. Uma vez que dorme, o que se passa com suas convicções, para onde vão?”

Eu não soube o que responder.

Ele continuou:

“Elas se apagam, como a chama de uma vela ao vento. No sonho, você não é o dono de si mesmo. Suas visões são bolhas isoladas, sem conexões entre si e sem memória do eu. No entanto, a força do hábito quase sempre o levará a sonhar que você é você mesmo, mas também pode ser um sujeito valente ou um covarde, jovem ou velho, homem ou mulher. Verdadeiramente, você é só um ponto de aglutinação que se move ao acaso, nada pessoal”.

“Para o homem comum, a diferença entre estar desperto e dormir é que no primeiro estado sua atenção flui com continuidade, e no segundo, de forma errática; mas, em ambas as experiências, o grau de participação da vontade é mínimo. A pessoa desperta ali, no lugar de sempre, veste sua personalidade como uma camisa e sai para cumprir as tarefas rotineiras. E ao dormir se desconecta novamente, porque não sabe que pode fazer outra coisa”.

“A vigília cotidiana não nos deixa parar e nos perguntar se este mundo que estamos percebendo agora é tão real quanto parece. E a mesma coisa cabe dizer do sonho ordinário; enquanto dura, nós o aceitamos como um fato inquestionável, nunca o julgamos; ou, dito de maneira prática, nunca pretendemos nos lembrar dentro do sonho de alguma ordem ou acordo feito na vigília”.

“Mas existe outro modo de canalizar a atenção, e seu resultado já não pode chamar ‘sonho’ ou ‘vigília’ porque parte do uso deliberado do intento. O que acontece ali é uma tomada de consciência; e é a mesma ainda que estejamos dormindo ou despertos, porque é algo que transcende ambos os estados. Esse é o verdadeiro despertar, dominar nossa atenção!”.

"O ensino tolteca enfatiza o ensonho. Não importa como é descrito, o resultado é transformar o caos perceptivo de um sonho comum em um espaço prático onde podemos agir inteligentemente".

"Um espaço prático?"

"Sim. Um ensonhador recorda a si mesmo em qualquer circunstância. Sempre tem uma contra-senha à mão, um pacto com sua vontade que lhe permite alinhar em um microssegundo o intento do guerreiro. Pode sustentar sua visão, seja qual for, e voltar a ela quantas vezes queira para explorá-la e analisá-la. E o que é melhor, pode marcar um encontro naquela visão com outros guerreiros. Isso é o que os bruxos chamam 'espreitar no ensonho.'".

"Essa técnica nos permite propor objetivos e dar seguimento aos atos, da mesma maneira que nós o fazemos no mundo diário. Podemos resolver problemas e aprender coisas. O que você aprende lá é coerente, funciona. Talvez você não possa explicar como recebeu esse conhecimento, mas já não o esquece".

Perguntei a que tipo de conhecimento se referia.

Respondeu:

"Viver se aprende vivendo. A mesma coisa acontece no sonho, só que ali nós aprendemos a ensonhar. Mas, pelo caminho, às vezes, conseguimos outras habilidades. Por exemplo, Don Juan usava o corpo de ensonho para buscar tesouros escondidos, coisas enterradas do tempo da guerra. O produto dessas operações investia em diversas áreas: como petróleo, plantações de tabaco".

Acho que aparentei uma grande surpresa misturada com incredulidade, pois ele exclamou:

"Não é tão extraordinário! Todos podemos realizar façanhas semelhantes; nem mesmo é difícil entender como acontece! Imagine que alguém lhe ensina um novo idioma enquanto você dorme, o resultado é que você aprende esse idioma e pode se lembrar dele quando acorda. Da mesma maneira, se você vê algo nesse estado, tal como um objeto perdido ou um evento que está acontecendo em um outro lugar, pode ir e verificar isto depois; se é tal como o sonhou, então foi um ensonho.

"A aprendizagem dentro do sonho é um recurso muito usado pelos bruxos. Eu aprendi muito de plantas dessa forma e ainda lembro tudo".

"Não menospreze seus recursos. Tudo o que o espírito pôs em nós tem um sentido transcendente. Isso significa que os sonhos estão aí para serem usados; se não fosse assim, eles não existiriam. As técnicas que descrevo não são especulativas, eu as conferi pessoalmente. A arte do ensonho é minha mensagem para as pessoas, mas ninguém me presta atenção!"

Ao perceber o tom de tristeza com que Carlos fez esta última observação, de repente se fez patente a insuportável timidez de minha imaginação. Durante anos, incansavelmente, ele tinha nos estimulado de forma que ampliássemos nossa visão, não por um interesse egoísta, mas pelo prazer de nos transmitir seu estado superior de consciência. E eu me lambuzando em minhas convicções de segunda mão e minha dúvida habitual!

Quis solidarizar-me com ele. Levantei-me do banco com a intenção de apertar sua mão, agradecido. Estava a ponto de prometer-lhe algo, mas ele me parou.

É melhor que não diga nada, não perca seu tempo! Talvez não seja o seu destino ser um brilhante guerreiro voador, mas você não tem desculpas. Como todos, também está magnificamente habilitado para ensonhar. Se não o consegue é porque não quer".

A PORTA DA PERCEPÇÃO

Em outra de suas conferências ele explicou que um certo estado de consciência que envolva uma posição incomum do ponto de aglutinação é tecnicamente um ensonho. Afirmou que a vantagem do ensonho sobre os estados cotidianos de atenção é que durante o mesmo podemos abarcar sensorialmente mais terreno e sintetizar melhor a informação que recebemos. Em outras palavras, aprendemos a viver com mais intensidade. O resultado: uma maior clareza sobre nossos processos perceptuais.

"Sobretudo - disse -, o ensonho nos permite chegar a eventos críticos de nosso passado, tais como o nascimento e a tenra infância, e também traz de forma clara as situações traumáticas e os estados alterados de consciência. Um bruxo não pode deixar de lado suas experiências mais traumáticas!"

Ao final da conferência ele deu uma definição que me pareceu muito importante, porque tocava um tema que me era sensível.

Afirmou:

"O ensonho não é algo impossível, é só um tipo de meditação profunda".

Durante anos eu realizara alguns exercícios espirituais aos quais eu chamara "meditação". Tais práticas eram bastante diferentes do que Carlos estava propondo, tanto em suas formas, como em seus resultados. Por isso, quando eu tive oportunidade, pedi-lhe que esclarecesse os conceitos de sonho e meditação.

Respondeu:

"O que você me pede é difícil, porque não há modo de meditar sem ensonhar, ambos os termos descrevem o mesmo fenômeno".

"Então, por que meus exercícios não produzem nada do que você diz?"

"Isso é melhor você responder por si mesmo. Em minha opinião, o que você tem praticado até agora não tem sido meditação, mas um pouco de auto-sugestão. É comum que as pessoas confundam ambas as coisas que, para um bruxo, não têm nada a ver".

"O apaziguamento da mente não é meditação, mas, adormecimento. Por outro lado, o ensonho é algo dinâmico, é a consequência de um processo de concentração contínua que equivale a manter uma verdadeira batalha contra nossa falta de atenção. Se fosse só o resultado da atenuação dos sentidos, os praticantes não se chamariam 'guerreiros'".

"Um ensonhador pode ser a encarnação da ferocidade ou aparentar a mais profunda calma, mas nada disso lhe importa realmente, porque não se identifica com seus estados mentais. Sabe que qualquer sensação definida não é outra coisa que uma fixação do ponto de aglutinação".

"O ensonho acontece quando nós alcançamos certo equilíbrio em nossa vida diária, e só depois de silenciar o diálogo interno. O termo 'ensonho' não é o mais apropriado para descrever um exercício da consciência que não tem nada a ver com o conteúdo da mente. Eu o uso por respeito à tradição de minha linhagem, mas os antigos o chamavam de outra maneira".

"Os bruxos exímios ensinam a partir da vigília com a mesma facilidade com que o fazem a partir do sonho, porque para eles não é coisa de fechar os olhos e roncar, mas de presenciar outros mundos que estão aí".

"Do ponto de vista da vontade, o que diferencia o ensonho da vigília cotidiana de um bruxo é que seu corpo energético obedece outras leis. Ele pode realizar proezas como cruzar uma parede ou se transladar até os confins do universo em um abrir e fechar de olhos. Tais experiências são completas e cumulativas, e só alguém que não as viveu se agarraria a categorias lógicas para explicá-las".

"Mas tais tipos de manifestações, embora apreciáveis, não constituem o objetivo do ensonho. Ensonhar é essencial para você, porque o acesso ao nágual acontece quase exclusivamente nesse estado".

Eu lhe perguntei por que era deste modo.

E respondeu:

"A razão é evidente. Aquelas pessoas que têm uma tendência natural para o ensonho e um excedente de energia, se qualificam para encontrar outros ensonhadores mais adiantados, seja de um modo acidental ou porque eles os busquem deliberadamente. Em algumas ocasiões estes companheiros de viagem aceitam se encarregar de os instruir mais profundamente nessa arte. Depois que um aprendiz começa a brilhar por si mesmo é inevitável que chame a atenção de um nágual".

"Os nagueais são como águias, estão constantemente à espreita. Assim que detectam um incremento de consciência se lançam em mergulho, porque um ensonhador voluntário é uma raridade. Para um mestre é muito mais fácil estimular um esforço já começado do que criar um do nada".

Carlos me contou que ele mantinha contato com muitos guerreiros de diversas partes do mundo através do ensonho.

Continuou dizendo que outra razão pela qual o ensonho é a porta para o conhecimento, é que sua prática permite resolver milhares de problemas derivados da aprendizagem, como são a falta de clareza e atenção do principiante, suas desconfianças a respeito das atividades de seu instrutor e o perigo intrínseco de algumas das técnicas.

"Essa arte suaviza a natureza imperativa das emanções da águia, as quais poderiam destruir o equilíbrio psicológico e a vontade de um aprendiz".

"Então eu lhe perguntei: o que podemos fazer nós que não ensonhamos para chegar a esse conhecimento?"

Ele pareceu ficar aborrecido com minha pergunta. Grunhiu:

"Você tem o enfoque equivocado! A verdadeira pergunta seria: o que devo fazer para ensonhar?"

"Um guerreiro não pode ir pelo mundo deixando cabos soltos a cada passo. Se você não pode genuinamente considerar seus sonhos como parte de sua vida, se não pode visualizá-los como o que são - estradas para o poder -, se nem mesmo entende o que são ou para que servem, então você tem muito trabalho pela frente".

O DUPLO DE ENSONHOS

"Em nossa esfera de percepção há uma força paralela ao que chamamos 'eu mesmo' que é detectável através do sonho. Essa força pode chegar a ser autoconsciente, absorvendo os princípios de nossa personalidade e comportando-se com independência. A sensação que se produz quando lidamos com ela é inqualificável, porque é um ser não orgânico".

"Não orgânico?".

"Claro! Chamamos 'orgânico' à atenção diária porque se apoia em um corpo composto de órgãos, não é deste modo?".

Concordei.

"Como você chamaria então ao corpo com o qual você percebe e age quando sonha?"

"Diria que é uma aparência" respondi, com cautela.

"De acordo! E um ser inorgânico; tem aparência, mas não massa. Para você é só uma projeção mental. Porém, do ponto de vista daquele ser, é nosso lado físico que vive num mundo imaginário. Se você tivesse a energia necessária para chegar à consciência de seu outro eu e lhe perguntasse a esse ser o que pensa do seu mundo diário, ele lhe responderia que lhe parece bastante irreal, quase um mito. E, sabe o que mais? Ele estaria certo!".

"Nosso ser sonhado tem muitas aplicações. Pode se transladar em tempo zero ao lugar que você quiser e descobrir coisas. Pode se materializar, criando um duplo visual, algo que outras pessoas podem ver, estejam dormindo ou acordadas. Porém, continua sendo uma mera aparência, não tem funções corporais. Um ser humano o vê como pessoa, mas um animal o veria de outra forma".

Eu o interrompi:

"Como você sabe tudo isso?"

"É muito simples! Eu o verifico permanentemente, porque meu duplo de ensonhos recebe toda minha atenção. Quando quero saber algo dele ou do mundo onde se move, eu lhe pergunto e ele me fala. Você também pode fazê-lo, não é tão difícil. Pode contactar sua energia esta mesma noite, quando você dormir".

"Como?".

"Há muitas maneiras. Por exemplo, procure um espelho em seus sonhos e olhe em seus olhos; verá que surpresa levará!"

Eu tinha lido algo sobre o duplo nos livros dele, mas meus preconceitos me impediam de me aproximar desse assunto com a mente aberta, e em meu interior havia uma grande confusão entre conceitos como o "ovo luminoso", o campo magnético que cerca os seres vivos, o "corpo de energia" e o "duplo de ensonhos". Perguntei-lhe se esses conceitos eram a mesma coisa ou se havia alguma diferença entre eles.

Minha pergunta o surpreendeu.

"Mas, você não entendeu nada? Nós estamos falando da consciência, não de objetos físicos. Essas entidades, e também a unidade perceptiva que chamamos 'corpo físico', são descrições da mesma coisa, porque não há dois você, você é um! Não 'tem' um corpo de energia, você é energia, você é um ponto de aglutinação que conglomera emanções e é só um! Você pode ter sonhos diversos e aparecer em cada um com uma aparência diferente, seja humana, animal ou inorgânica, inclusive pode sonhar que é várias pessoas ao mesmo tempo, mas não pode fragmentar sua percepção!"

Falou que confundir a descrição de nossos veículos de consciência com o sentido de ser, é algo comum a todo mundo, particularmente para esses que têm um diálogo interno robusto e intelectual.

"Em certa ocasião fui ver um mestre oriental e nossa conversação recaiu sobre o ensonho. O homem se dizia um perito, ele presumiu: 'eu tenho sete corpos de ensonho! Atordoadado com aquela revelação, eu não soube nem o que lhe responder. Admiti: 'Don Juan só me ensinou um'".

Ao dizer isto, Carlos baixou a cabeça e a pôs entre seus ombros, como se ele estivesse muito envergonhado, mas escondendo uma risadinha cínica.

Eu lhe perguntei:

"Então, quando você fala do duplo de ensonhos e do corpo de energia, você se refere à mesma coisa?"

"Praticamente. O primeiro pode alcançá-lo pelo ensonhar e o segundo por meio da espreita. Ou dito de outro modo, o corpo de energia é o duplo de ensonho com controle voluntário por parte do ensonhador; mas ambos são uma e a mesma coisa. A diferença é a forma de chegar a isto".

"Os bruxos antigos moldaram seu corpo de ensonhos por meio da vontade e intentaram reproduzir o corpo físico até os menores detalhes. Daí vem a tradição de chamar 'duplo'. A idéia tem um sentido prático, já que estamos tão acostumados a nos ver de certo modo e só assim, em princípio, que se torna muito confortável para o ensonhador considerar-se a si mesmo em termos físicos. Mas os novos videntes dizem que levar esse intento às últimas conseqüências é um desgaste inútil, porque nos força a dedicar grandes quantidades de atenção a detalhes que nunca terão um uso prático. Eles aprenderam a ver a si mesmos como o que realmente somos, borbulhas de luz".

Perguntei se, no nagualismo clássico dos pré-hispânicos, a habilidade dos bruxos para se transformar em animais consistia em que intentavam se ver a si mesmos com corpos de animais.

Ele olhou para mim como se estivesse dizendo: "Elementar!".

"O ensonho é o uso deliberado do corpo de energia. A energia é plástica, e se você lhe aplica uma pressão constante, termina adotando a forma que você quiser. O duplo é o nagual, o 'outro', o selo do nagualismo. Quando o dominar, você abre o caminho para ser o que quiser, desde um ser livre até uma besta".

"Claro que, para alcançar algo tão especializado quanto transformar-se em um animal, não basta intentar de forma improvisada. Existem procedimentos. O duplo é conseguido pela fixação do ponto de aglutinação em posições novas. Tal fixação tem a natureza da obsessão e deve ser evocado com métodos de bruxos. Por exemplo, se seu anseio é ser um falcão e o intenta com inflexibilidade, você acabará sendo-o! Cada um alcança aquilo que busca. Esse é o truque do nagual, manejar suas obsessões.

"Porém, você deve saber que as pessoas que se focalizam em objetivos que não são exclusivamente de liberdade e sobriedade, ficam atoladas, o que lhes pode levar à loucura ou a mais crassa cotidianidade. Na verdade, isso é o que todos nós fazemos, escolhemos ser homens e o somos! A obsessão mal canalizada é escravidão".

"O problema de muitos naguais do México atual é que eles esqueceram das possibilidades abstratas. Há bruxos que preferem se transformar em perus e não saem daí. E mais, muitos deles não têm nem idéia de que podem fazer algo mais com sua energia do que buscar emoções fortes e assustar aos outros".

"Tal decadência do conhecimento é o que moveu aos videntes da linhagem de don Juan a intentar a liberdade do modo mais impessoal possível, abandonando todas as posições caprichosas do ponto de aglutinação que eles herdaram de seus ancestrais. O propósito da liberdade é absolutamente limpo e desloca a tudo mais. Ao intentá-lo, os novos videntes reestabeleceram a pureza do nagualismo".

Perguntei que sentido tinha o enorme esforço que indubitavelmente significa preparar um duplo no âmbito do sonho.

Respondeu:

"Para a maioria dos bruxos, esse esforço é a outra opção, a porta para outro reino de consciência, uma percepção que lhes permitirá intentar no momento oportuno o passo definitivo para a terceira atenção. Ao prover autonomia e propósito ao seu duplo, eles estão se preparando para permanecerem conscientes depois da morte. Quando esse corpo está completo e chega o momento, a consciência abandona definitivamente a casca humana, o corpo físico se murcha e morre, mas o sentido de ser continua".

A TRANSMISSÃO DA ESPREITA

Pouco a pouco as histórias de Carlos foram fazendo efeito sobre mim. Certo dia, parei para deliberar seriamente sobre a quantidade de esforço que investia em sustentar minha importância pessoal. Não na forma grosseira em que esta normalmente se manifesta como auto-suficiência ou reclamações por atenção, mas em sua forma sutil, relacionada com as idéias fundamentais que eu tinha sobre o mundo.

Essas sessões de reflexão não me levaram a nenhuma certeza. Pelo contrário, comecei a notar como a estrutura ideológica inteira na qual eu vivia, e que sempre tinha dado por certa, estava cambaleando. Quando contei isso para Carlos, ele o tomou como uma coisa natural.

"Você está aprendendo a espreitar a si mesmo - falou. É o que você deveria ter feito desde que passou a utilizar a razão".

Já tinha lido sobre a arte da espreita, uma estratégia de caça por meio da qual nós usamos contra nossa vítima suas próprias rotinas. Podemos aplicar a dita estratégia à vida comum; por exemplo, nos negócios. Mas também podemos projetá-la contra nossos demônios internos, como a dúvida, a preguiça e a auto-indulgência.

Aproveitando que nesta oportunidade nós tínhamos algum tempo livre antes de que começasse a conferência, pedi para que ele me contasse mais a respeito.

Mas, para minha completa surpresa, ele disse que não podia fazê-lo enquanto eu não me compromettesse mortalmente com o ensino.

"Por que"?

"Porque você terminaria voltando-se contra mim. A aprendizagem do ensonho não ofende, o máximo que você pode fazer é não acreditar que tal coisa é possível. Por outro lado, a espreita, da maneira como praticam os bruxos, é muito ofensiva para a razão. Muitos guerreiros evitam falar sobre isso, porque não têm estômago para aguentá-lo. Na fase inicial, o aprendiz fica no fogo cruzado e se sente frustrado, não consegue sair do seu ego".

"A espreita é como uma moeda, tem duas caras. Por um lado, é a coisa mais fácil que há, e por outro, é uma técnica muito difícil, não porque seja complexa, mas porque trata de aspectos sobre si mesmas que as pessoas normalmente não querem tratar".

"A espreita induz movimentos minúsculos, mas muito sólidos, do ponto de aglutinação; não é como o ensonho que o move profundamente; mas retrai como um elástico e volta imediatamente ao que você era. Quando espreita, você segue vendo tudo igual como sempre, por isso você tentará aplicar critérios cotidianos às coisas. Se em uma

dada circunstância como esta, você é forçado a alguma mudança por seu instrutor, a coisa mais certa é que você ficará ofendido ou ferido em seu orgulho e se afastará do ensino".

Perguntei qual era, então, o modo como os bruxos transmitiam essa arte.

Respondeu que, tradicionalmente, é ensinado em estado de consciência acrescentada e é deixada para o fim.

"Isso não é algo que possa ser dito logo de cara, é necessário entendê-lo nas entrelinhas. Esta parte da aprendizagem pertence aos ensinamentos para o lado esquerdo. Leva muitos anos para ser lembrado em que consiste, e outros tantos mais para poder levá-lo à prática".

"No nível em que você está agora, a única coisa que lhe permite aguentar a espreita é abordar isto com métodos de ensonho. Se em algum momento você sente que estou tocando tópicos demasiado pessoais ou as suspeitas o tomam, olhe para suas mãos ou use qualquer outro convocador que você tenha escolhido. A atenção dos ensonhos ajudará a mover sua fixação".

A MARCA DO NAGUAL

Apesar de sua reticência, em outra oportunidade o próprio Carlos aceitou responder minhas perguntas sobre o tema da espreita, sempre e quando ficássemos no âmbito das considerações teóricas.

Aproveitando sua boa vontade, pedi que explicasse a utilidade prática da arte de espreitar.

Explicou:

"A espreita é a atividade central de um rastreador de energia. Embora possa ser aplicado com resultados surpreendentes a nosso tratamento com as pessoas, está desenhado principalmente para afinar o próprio praticante. Manipular e dominar os outros é uma tarefa árdua, mas é incomparavelmente mais difícil dominar a nós mesmos. Por isso a espreita é a técnica que distingue o nagual".

"A espreita pode ser definida como a habilidade de fixar o ponto de aglutinação em novas posições".

"O guerreiro que espreita é um caçador. Mas, ao contrário do caçador ordinário que tem a visão fixa em seus interesses materiais, o guerreiro persegue uma presa maior: sua importância pessoal. Isso o prepara para enfrentar o desafio de lidar com seus semelhantes - algo que o ensonho não pode resolver por si só. Os bruxos que não aprendem a espreitar se transformam em pessoas mal humoradas".

"Por que?"

"Porque eles não têm paciência para tolerar as bobagens das pessoas".

"A espreita é natural para nós devido a uma característica de nossa herança animal: para sobreviver, todos desenvolvemos hábitos de comportamento que moldam nossa energia e nos adaptam ao meio. Estudando essas rotinas, um observador atento pode prever com precisão o comportamento de um animal ou um ser humano em um determinado momento".

"Os guerreiros sabem que toda forma de hábito é um vício. Pode amarrá-lo ao consumo de drogas ou ir para a igreja todos os domingos; a diferença é de forma, não de essência. Da mesma maneira, quando pensamos que o mundo é razoável ou que as coisas em que acreditamos é a única verdade, estamos sendo as vítimas de um hábito que oblitera nossos sentidos, fazendo com que só vejamos o que nos seja familiar.

"As rotinas são padrões de comportamento que seguimos de um modo mecânico, embora já não tenham sentido. Para espreitar é necessário sair do imperativo da sobrevivência".

“Devido ao fato de que ele é o dono das decisões, um guerreiro espreitador é uma pessoa que baniu da vida dele todo o vestígio de hábito. Só tem que recuperar sua integridade energética para ser livre. E como ele tem liberdade de escolher, pode envolver-se em formas calculadas de comportamento, seja para tratar com as pessoas ou com outras entidades conscientes”.

"O resultado desta manobra já não é uma participação habitual, mas uma espreita, porque consiste em estudar os comportamentos dos outros".

Perguntei que sentido tinha tudo isso.

Respondeu:

"Do seu ponto de vista, nenhum. A liberdade não obedece razões. Porém, todo seu ser treme quando você rompe suas rotinas, porque expõe o mito da imortalidade".

Apontando as pessoas que voltavam do trabalho, falou:

"O que você acha que eles foram fazer? Essas pessoas foram viver seu último dia! A coisa triste é que, provavelmente, poucos deles sabem disto. Cada dia é único e o mundo não é só como nos falaram. Cancelar a força do hábito é uma decisão que se toma de uma vez. A partir desse ato, o guerreiro se torna um espreitador".

"E não pode acontecer que o guerreiro acabe fazendo do seu propósito algo cotidiano?"

“Não. Isto é algo que você tem que entender muito bem, pois do contrário sua busca por impecabilidade perderá seu frescor e você terminará traindo-a. Romper rotinas não é o propósito do caminho, mas apenas um meio. A meta é estar consciente. Tendo isso em consideração, outra definição da espreita é: ‘uma atenção inflexível sobre um resultado total.’”.

"Esse tipo de atenção sobre um animal dá como resultado um pedaço de carne. Se o aplicarmos isto sobre outra pessoa, produz um cliente, um discípulo ou um enamoramento. E sobre um ser inorgânico, nos proporciona o que os bruxos chamam 'um aliado.' Mas só se aplicarmos a espreita em nós mesmos, pode ser considerada uma arte tolteca, porque então produz algo precioso: a consciência".

ESPREITANDO O PEQUENO TIRANO

Apesar de suas explicações, a dimensão prática da espreita continuava sendo para mim um dos assuntos mais obscuros do ensino. Com o passar dos anos eu consegui executar alguns exercícios, como a recapitulação e o silêncio mental. Até ensonhei. Mas ao tentar "espreitar", só conseguia resultados ambíguos, ou terminava passando pelo ridículo.

Pelo visto, Carlos estava consciente de meus esforços, porque em certa ocasião ele me chamou e disse:

“Não se complique. Você está tentando caricaturizar o ensinamento. Se você quiser espreitar, observe-se a si mesmo. Todos nós somos uns excelentes caçadores, a espreita é nosso dom natural. Quando a fome aperta, ficamos mais atentos; as crianças choram e alcançam o que querem; as mulheres enrodilham os homens e os homens se vingam entre si, enganando-se em seus negócios. Espreitar é conseguir seu objetivo”.

"Se você se dá conta do mundo em que vive, entenderá que manter-se atento a ele, é um tipo de espreita. Considerando que nós aprendemos isso antes que a nossa capacidade de discriminação se desenvolvesse, o damos como um fato natural e quase nunca o questionamos. Porém, todas as nossas ações, até mesmo as mais altruístas, estão, no fundo, impregnadas do instinto do caçador.

"O homem comum não sabe que espreita porque seu caráter foi subjugado pela socialização. Está convencido de que sua existência é importante; dessa forma, suas ações estão a serviço de sua importância pessoal, não do aumento de sua consciência".

Acrescentou que uma das características da importância é que ela nos delata.

“As pessoas ‘importantes’ não fluem, dão-se ares de sua graça, presumem os seus atributos ainda que lhes falem a graça e a velocidade necessária para se esconderem. Eles têm sua luminosidade demasiado rígida e só conseguirão flexibilizá-la quando já não tenham nada a defender”.

"O método do bruxo consiste em focalizar de uma maneira nova a realidade em que vivemos. Mais que acumular informação, o que se busca é recompactar a energia. Um guerreiro é alguém que aprendeu a espreitar-se a si mesmo e já não carrega uma pesada imagem para mostrar aos outros. Ninguém pode descobri-lo se ele não o desejar, porque não tem apegos. Está além do caçador, pois aprendeu a rir de si mesmo".

Contou como sua instrutora, dona Florinda Matus, o ensinou a passar despercebido.

“Exatamente no momento em que meus livros me transformaram em um homem rico, ela me enviou a fritar hambúrgueres em um restaurante de estrada! Durante anos trabalhei vendo meu dinheiro sem poder usá-lo. Disse que isso me ensinaria a não perder a perspectiva adequada. E aprendi minha lição!”.

"Tempos depois apresentou-se novamente a ocasião de me passar despercebido. Havia levado uns cactus à casa de um amigo e comecei a plantá-los. Nisso apareceram dois repórteres do Times que levavam um bom tempo seguindo minha pista e, tomando-me por um peão, perguntaram pelo dono da casa. 'Pois toquem aí', eu lhes falei, mostrando a porta. Meu amigo respondeu às perguntas deles: 'Não, eu não o tenho visto', e os repórteres partiram, desejando saber onde diabos se havia metido Castaneda".

Continuou dizendo que, como o problema da importância é um assunto pessoal, cada guerreiro deve adaptar o ensinamento às suas condições. Por conta disso é que as técnicas dos espreitadores são extremamente flexíveis. Mas o treinamento é o mesmo para todos e se reduz a desfazer-se das rotinas supérfluas e adquirir suficiente disciplina para reconhecer os sinais do intento. Ambas as realizações constituem verdadeiras façanhas de caráter.

"O melhor modo de adquirir esse grau de disciplina é lidar ativamente com um pequeno tirano".

Respondendo às minhas questões, ele explicou que um pequeno tirano é alguém que nos faz a vida impossível. Em tempos passados, este tipo de pessoa podia nos ferir fisicamente e até nos matar; hoje em dia praticamente já não existem tiranos dessa qualidade. Porém, devido ao alto nível de importância que nos concedemos, qualquer um que esteja em posição de nos aborrecer funciona para nós como tal. Longe de evitá-los, devemos enfrentar, não ao pequeno tirano em si, mas nossa própria estupidez.

"O pequeno tirano é necessário porque a maioria de nós é demasiado preguiçosa para mudar por si mesma. O pequeno tirano move a fixação de nosso 'eu', fazendo com que apareçam nossas fraquezas. Ele nos faz ver a verdade - que não somos importantes - e está disposto a demonstrá-lo com suas ações. Aprender a tratá-lo é o único meio realmente efetivo para afinar a espreita".

"Um pequeno tirano é tão importante para a tarefa, que a obsessão de um aprendiz é buscá-lo e estabelecer relações com ele. Uma gratidão sincera é o único sentimento que cabe a um guerreiro que encontrou a fôrma de seus sapatos".

"Os pequenos tiranos são abundantes, o que não é abundante é a coragem para ir buscá-los, laçá-los por meio da espreita e provocar-lhes a ira, pondo-se a seu alcance e, ao mesmo tempo, planejando estratégias devastadoras. Passamos a vida fugindo de situações que nos produzem dor, irritação, medo ou confusão. Desse modo, perdemos uma das ferramentas mais valiosas que o espírito pôs em nosso caminho".

"Qual é a estratégia para confrontar esse tipo de inimigos?"

"Acima de tudo, não os veja como inimigos; eles são aliados involuntários de sua própria causa. Não perca de vista que a batalha não é feita por ego, mas por energia. O importante é ganhar, não que o outro perca. Um pequeno tirano não sabe disso, essa é sua fraqueza.

"Em meu caso, tive o privilégio de tratar com várias dessas pessoas, embora eu nunca tive um encontro da qualidade que teve meu mestre".

Ele me contou que, ao começar sua aprendizagem, seu principal impedimento para abordar a arte da espreita era a impaciência. Em certa ocasião, para ajudar, don Juan lhe exigiu que travasse amizade com certa pessoa que morava em um asilo de velhinhos.

"Quando o conheci, percebi que se tratava de um velhinho chatíssimo que tinha o hábito de contar a todos como, em sua juventude, na década dos vinte, tinha sido testemunha de um evento espetacular. Estava comendo alguma coisa em um café italiano. De repente, um automóvel parou em frente à porta e de seu interior saíram vários indivíduos armados com metralhadoras e começaram a atirar para o estabelecimento. Graças à sua boa sorte, meu amigo pôde se esconder embaixo de algumas mesas e saiu ileso".

"Essa história constituía, aparentemente, o único tesouro na vida desse ancião. Agora, para infortúnio de quem o conhecia, o velho sofria de amnésia e esquecia constantemente a quem a tinha contado. Tive que sofrer isto uma e outra vez durante anos. Ao chegar ao asilo, invariavelmente ele me agarrava pelo braço e perguntava: 'Já lhe contei como eu fui atacado por uns gangsters?'".

"Eu sentia pena por ele, porque de alguma maneira me fazia pensar em meu próprio e incerto futuro. Mas ao fim me cansei; eu voltei para don Juan e lhe disse: 'já não o aguento mais! Esse velho é verdadeiramente exasperante! Qual é o objetivo pelo qual você me obriga a visitá-lo?'".

"Mas don Juan foi inflexível; ordenou-me que, a partir dali, visitasse o homem diariamente ou renunciasse à minha aprendizagem".

"Alarmado com essa ameaça, reuni toda minha paciência e tratei de cumprir. Em certo momento fantasiei, pensando na possibilidade de que o velhinho não fosse na realidade a pessoa que parecia ser. Isso me deu ânimo para continuar com minha tarefa. Certo dia, ao chegar ao asilo e perguntar por meu amigo, eles me informaram que tinha morrido".

A HOMOGENEIZAÇÃO PERCEPTUAL

Nessa tarde Carlos estava nos falando sobre certas características da percepção. Contou que os seres humanos herdaram dos dinossauros a propriedade de ver o céu de cor azul. Por outro lado, afirmou que nossos parentes, os primatas, o vêem na cor amarela.

Respondendo a uma pergunta que lhe formularam, descreveu o mundo em que vivemos como "um conglomerado de unidades de interpretação".

Compreendendo que essa definição era obscura para seus ouvintes, explicou:

"O ser humano pertence ao grupo dos primatas. Sua grande fortuna é que pode chegar a expressões únicas de consciência, por sua capacidade de atenção e análise. Porém, a percepção pura sempre sofre interferência pela forma como interpretamos. Portanto, nossa realidade se amolda à descrição".

"A meta dos bruxos é perceber tudo o que é humanamente possível. Já que não podemos sair de nossa condição biológica, sejamos macacos sublimes!".

Acrescentou que, para aperfeiçoar nossa percepção, o caminho da atenção é tudo o que temos.

Nessa mesma noite tive a oportunidade de falar com ele e lhe pedi que dividisse para mim suas declarações em pedaços mais pequenos.

Falou que, devido à nossa pré-condição biológica, todos funcionamos como unidades de percepção; e nos é possível efetuar "um milagre da atenção: a homogeneização perceptual".

"O que significa unidades de percepção?", perguntei.

"Significa que, como seres autônomos que somos, nossa percepção também poderia sê-lo. Mas não o é, já que, ao nos colocarmos de acordo com nossos semelhantes, todos nós percebemos a mesma coisa. Essa extraordinária habilidade, que começou com um consenso voluntário orientado à sobrevivência, terminou por nos amarrar às nossas próprias descrições".

Afirmou que o fluxo das emanções da água é continuamente novo e desconcertante, mas não o vemos porque vivemos a três passos de distância do mundo real: a sensibilidade inata, a interpretação biológica e o consenso social.

Esses passos não são simultâneos, mas a velocidade deles é superior ao que podemos determinar conscientemente; por isso damos como fato o mundo que percebemos.

Pedi que exemplificasse suas afirmações.

Respondeu:

"Imagine que neste momento você testemunha um grupo de emanções da água; automaticamente o transforma em algo sensorial, com características como brilho, som, movimento, etc. Então a memória intervém e o obriga a lhe dar significado e o reconhece, por exemplo, como outra pessoa. Por último, seu inventário social o classifica comparando-o com aqueles que você conhece; essa classificação lhe permite identificá-lo. A essas alturas, você está a uma boa distância do fato real que é indescritível, porque é único".

"A mesma coisa acontece com tudo que vemos. Nosso perceber é o resultado de um longo processo de purificações ou 'desnates', como dizia don Juan. Nós desnatamos tudo, modificamos de tal maneira o mundo que nos cerca, que fica muito pouco do original. Tal situação, embora nos ajude a viver em melhores condições, também nos escraviza à nossa própria criação e nos faz previsíveis".

"Ao homogeneizar nossos pontos de aglutinação, só permitimos o passo daquilo que não vá contra nossa idéia pré-concebida do mundo. Somos como cavalos que, depois de aprender um caminho, já não podem desfrutar da liberdade; tudo o que fazem é repetir um padrão. Essa homogeneidade é estremeceadora, é demais. Ponha-se a pensar, algo deve haver aí!"

Sustentou que qualquer idéia pré-concebida, até mesmo algo tão simples quanto os nomes que damos às coisas, nos mantém sujeito à razão, pois nos obriga a criar mecanismos de juízo.

"Por exemplo, quando você diz: 'eu acredito em Deus', na realidade você está dizendo: 'me contaram certas idéias e eu escolhi adotá-las; agora até mato por elas'. Então não é você quem decide! É outro, o juízo implantado".

"O ideal é que você mesmo determine sua vida a partir de sua experiência. Se sua crença lhe rouba algo, cuidado! Tudo aquilo que não o faz livre o escraviza".

"Enfocar-se em um determinado aspecto do inventário humano tem dois efeitos: nos fazemos especialistas em nosso campo, mas, ao mesmo tempo, fossiliza os canais de energia, que então só reagem diante de certos estímulos, saturando nosso eu com idéias e opiniões".

"Um guerreiro não pode se dar ao luxo de seguir os modos das pessoas e nem de ser reativo, porque sua liberdade significa o exercício de outras alternativas".

Perguntei a que outras alternativas se referia, mas ele me deu uma palmada no ombro e falou que já era muito tarde.

"Outro dia continuamos".

DEPREDADORES DE CONSCIÊNCIA

A continuação de nossa conversa chegou anos depois. Nessa ocasião, Carlos trouxe a uma de suas reuniões um conceito completamente novo e aterrorizante que despertou as mais apaixonadas controvérsias.

"O homem - disse - é um ser mágico, tem a capacidade de voar pelo universo tal como qualquer uma das milhões de consciências que existem. Mas, em algum momento de sua história, perdeu sua liberdade. Agora sua mente não é sua, é uma intrusão".

Afirmou que os seres humanos são reféns de um conjunto de entidades cósmicas que se dedicam à depredação, as quais os bruxos chamam "os voadores".

Disse que este era um tópico muito secreto dos antigos videntes, mas que, devido a um augúrio, ele havia entendido que já era tempo de divulgá-lo. O augúrio foi uma foto que tinha tirado Tony, um budista Cristão amigo dele. Nela aparecia nitidamente a figura de um ser escuro e tenebroso flutuando sobre uma multidão de fiéis reunida nas pirâmides de Teotihuacan.

"Minhas companheiras e eu determinamos que já era tempo de dar a conhecer nossa verdadeira situação como seres sociais, ainda que fosse às custas de toda a desconfiança que tal informação pudesse gerar no público".

Quando me apresentou a oportunidade, pedi que dissesse algo mais sobre os voadores, e então me contou um dos aspectos mais terrificantes do mundo de don Juan: que nós somos prisioneiros de seres que vieram dos confins do universo, que nos usam com a mesma naturalidade com que nós usamos as galinhas.

Explicou:

"A porção do Universo a que temos acesso é o campo de operações de duas formas radicalmente diferentes de consciências. Uma delas, a qual pertencem as plantas e os animais, incluindo o homem, é uma consciência esbranquiçada, jovem, geradora de energia. A outra é uma consciência infinitamente mais velha e parasitária, possuidora de uma imensa quantidade de conhecimento".

Além dos homens e outros seres que habitam esta terra, há no universo uma imensa gama de entidades inorgânicas. Estão presentes entre nós e em certas ocasiões são visíveis. Nós os chamamos fantasmas ou aparições. Uma dessas espécies que os videntes descrevem como enormes vultos voadores de cor negra, chegou em algum momento, da profundidade do Cosmos, e achou um oásis de consciência em nosso mundo. Eles se especializaram em nos ordenar".

"Isso é incrível" - exclamei.

"Eu sei disso, mas é a mais pura e aterradora verdade. Você nunca se perguntou sobre o porquê dos altos e baixos energéticos e emocionais das pessoas? É o predador que

vem periodicamente recolher sua cota de consciência. Eles só deixam o suficiente para que continuemos vivendo, e às vezes nem para isso".

"O que você quer dizer?"

"Que às vezes exageram e a pessoa fica doente gravemente, e até morre".

Eu não dava crédito a meus ouvidos.

"Quer dizer que estamos sendo devorados em vida?", perguntei.

Sorriu.

"Bom, eles não nos 'comem literalmente, o que fazem é uma transferência vibratória. A consciência é energia e eles podem alinhar-se conosco. Como por natureza estão sempre famintos, e nós, pelo contrário, exudamos luz, o resultado desse alinhamento só pode ser descrito como depredação energética".

"Mas por que fazem isso?"

"Porque, num plano cósmico, a energia é a moeda mais forte e todos q querem, e nós somos uma raça vital, repleta de comida. Cada coisa viva come a outra, e o mais poderoso sempre sai ganhando. Quem disse que o homem está no topo da cadeia alimentar? Essa visão só pode ocorrer a um ser humano. Para os inorgânicos, nós somos a presa".

Eu comentei que parecia inconcebível que entidades mais conscientes que nós chegasse a esse grau de rapina.

Respondeu:

"Mas o que você acredita que você faz quando come uma alface ou um bife? Você está comendo vida! Sua sensibilidade é hipócrita. Os depredadores cósmicos não são nem mais nem menos cruéis que nós. Quando uma raça mais forte consome uma outra inferior, está fazendo com que sua energia evolua".

"Já lhe falei que no universo só há guerra. As confrontações dos homens são um reflexo do que se passa lá fora. É normal que uma espécie tente consumir a outra; o próprio de um guerreiro é não lamentar por isso, mas tentar sobreviver".

"E como nos consomem?"

"Através de nossas emoções, devidamente canalizadas pela tagarelice interior. Eles desenharam o entorno social de tal modo que estamos todo o tempo disparando ondas de emoções que são imediatamente absorvidas. Eles gostam principalmente dos ataques do ego; para eles, esse é um bocado delicioso. Tais emoções são as mesmas em qualquer lugar do universo onde se apresentem e eles têm aprendido a metabolizá-las".

"Alguns nos consomem pela luxúria, a raiva ou o temor; outros preferem sentimentos mais delicados, como o amor ou a ternura. Mas todos eles estão interessados na mesma coisa. O normal é que nos ataquem pela área da cabeça, do coração ou do ventre, ali onde nós guardamos a maior quantidade de nossa energia".

"Eles também atacam os animais?".

"Esses seres usam tudo aquilo que esteja disponível, mas eles preferem a consciência organizada. Drenam aos animais e as plantas na medida de sua atenção que não é demasiadamente fixa. Atacam inclusive a outros seres inorgânicos, só que esses sim os vêem e os evitam, como nós evitamos os mosquitos. O único que cai completamente na armadilha deles é o homem".

"Como é possível que tudo isso esteja acontecendo sem que o percebamos?".

"Porque nós herdamos a troca com esses seres quase como uma condição genética, e a estas alturas nos parece algo natural. Quando nasce uma criatura, a mãe a oferece como comida, sem perceber, porque a mente dela também está dominada. Quando a batiza está assinando um acordo. A partir daí, se esforça por inculcar modos de comportamentos aceitáveis, o domestica, podando seu lado guerreiro e o transforma em uma ovelha mansa".

"Quando uma criança nasce suficientemente energética para rejeitar essa imposição, mas não o bastante para entrar no caminho do guerreiro, ela se torna um rebelde ou um desajustado social".

"A vantagem dos voadores reside na diferença entre nossos níveis de consciência. Eles são entidades muito poderosas e vastas; a idéia que temos deles é equivalente ao que possa ter uma formiga de nós".

"Porém, sua presença é dolorosa e se pode medir de diversas maneiras. Por exemplo, quando eles nos provocam ataques de racionalidade ou de desconfiança ou nos sentimos tentados a violar nossas próprias decisões. Os lunáticos podem detectá-los muito facilmente - demasiado, diria eu -, já que eles sentem fisicamente como esses seres pousam em seus ombros, gerando paranóias. O suicídio é o selo do voador, pois sua mente é homicida em potencial".

"Você diz que é uma troca; mas o que ganhamos com tal despojo?".

"Em troca de nossa energia, os voadores nos deram a mente, os apegos e o ego. Para eles, nós não somos escravos, mas um tipo de trabalhadores assalariados. Eles privilegiaram uma raça primitiva e lhe deram o dom de pensar, o que nos fez evoluir; mais ainda, eles nos fizeram civilizados. Se não fosse por eles, nós ainda estaríamos escondidos em cavernas ou fazendo ninhos no topo das árvores".

"Os voadores nos dominam através de nossas tradições e costumes. Eles são os amos das religiões, os criadores da História. Escutamos sua voz no rádio e lemos suas idéias nos jornais. Eles manejam todos os nossos meios de informação e nossos sistemas de

crenças. A estratégia deles é magnífica. Por exemplo, houve um homem honesto que falou de amor e liberdade; eles transformaram isto em autocompaixão e servilidade. Eles fazem isto com tudo, até mesmo com os naguais. Por isso o trabalho de um bruxo é solitário”.

"Durante milênios, os voadores prepararam planos para nos coletivizar. Houve um tempo em que eram tão descarados que até se mostravam em público e as pessoas os representaram em pedra. Esses eram tempos escuros, pululavam por todos os lados. Mas agora a estratégia deles se fez tão inteligente que nem sabemos que existem. No passado, nos enganchavam pela credulidade; hoje em dia, pelo materialismo. São os responsáveis pelo fato de que a aspiração do homem atual seja de não ter que pensar por si mesmo; não precisa de mais nada, observe quanto tempo alguém agüenta em silêncio!"

"Por que essa mudança na estratégia deles?"

"Porque neste momento, eles estão correndo um grande risco. A humanidade está em um contato muito rápido e qualquer um pode se informar. Ou eles enchem nossa cabeça, bombardeando-nos dia e noite com todo o tipo de sugestões, ou haverá alguns que perceberão e avisarão aos outros".

"O que aconteceria se pudéssemos repelir a essas entidades?"

“Em uma semana recuperaríamos nossa vitalidade e estaríamos brilhando novamente. Mas, como seres humanos normais, não podemos pensar nessa possibilidade, porque isso implicaria em ir contra tudo aquilo que é socialmente aceitável. Felizmente, os bruxos têm uma arma: a disciplina”.

“O encontro com os inorgânicos é gradual. No princípio não os notamos. Mas um aprendiz começa a vê-los no ensinho e logo na vigília - algo que pode enlouquecê-lo se ele não aprende a agir como um guerreiro. Depois que os percebe, pode confrontá-los”.

“Os bruxos manipulam a mente forasteira tornando-se caçadores de energia. É com essa finalidade que minhas companheiras e eu desenhamos para as massas os exercícios de tensesidade que têm a virtude de nos libertar da mente do voador”.

"Nesse sentido, o bruxo é um oportunista. Aproveitam empurrão que lhe deram e diz a seus captores: 'Obrigado por tudo, nos vemos por aí! O acordo que vocês fizeram foi com meus antepassados, não comigo!'. Ao recapitular sua vida, literalmente está tirando a comida da boca do voador. É como se você chegasse à uma loja e devolvesse o produto ao negociante, exigindo-lhe: 'Devolva-me o dinheiro!'. Os inorgânicos não gostam disso, mas não podem fazer nada.

"Nossa vantagem é que somos dispensáveis, há muita comida por aí! Uma posição de alerta total, que não é outra coisa senão disciplina, cria tais condições em nossa atenção que nós deixamos de ser saborosos para esses seres. Em tal caso, eles dão meia volta e nos deixam tranquilos".

PERDENDO A RAZÃO

Em outra conversa, Carlos expressou que a razão é um subproduto da mente forasteira e que não se deve lhe dar muita confiança. Essa declaração violou meus esquemas mentais. Quando lhe perguntei a respeito, explicou que aquilo que os bruxos rejeitam não é a capacidade da razão para chegar a conclusões, mas o modo como se impõe em nossa vida, como se fosse a única alternativa.

"A racionalidade faz com que nos sintamos como um bloco sólido e começamos a conceder a maior importância a conceitos como 'realidade'. Quando enfrentamos situações pouco comuns, como as que acometem ao bruxo, dizemos para nós mesmos: "não é razoável", e isso dá a entender que já dissemos tudo. "O mundo de nossa mente é ditatorial, mas frágil. Depois de alguns anos de uso contínuo, o eu se torna tão pesado que é uma questão de sentido comum nos dar um descanso para seguirmos adiante.

"Um guerreiro luta para romper a descrição do mundo que lhe foi imposta a fim de abrir espaço ao novo. Sua guerra é a guerra contra o eu. Por isso procura estar permanentemente consciente do seu potencial. Como o conteúdo da percepção depende da posição do ponto de aglutinação, um guerreiro busca com todas as suas forças mover a firmeza desse ponto. Em vez de dar culto às suas especulações, presta atenção a certas premissas do caminho dos bruxos".

"Essas premissas dizem que, em primeiro lugar, uma condição de plenitude energética nos permite lidar adequadamente com o mundo. Em segundo, a racionalidade é uma consequência da fixação do ponto de aglutinação na área da razão, e esse ponto se move quando alcançamos o silêncio interior. Em terceiro lugar há em nosso campo luminoso outros pontos tão pragmáticos quanto a racionalidade. Quarto, quando alcançamos uma visão que inclui tanto a razão como seu centro gêmeo - o conhecimento silencioso -, os conceitos de verdade e mentira param de ser operantes e se torna patente que o verdadeiro dilema do homem é ter ou não ter energia.

"Os bruxos consideram ao contrário das pessoas. Para eles, ancorar a atenção é loucura e fazê-la fluir, sensatez. A fixação do ponto de aglutinação em áreas não habituais chamam: VER. Eles consideram que ser sensato é um imperativo comum, mas eles têm comprovado que a racionalidade não é sensatez. A sensatez é um ato voluntário, enquanto que ser razoável é fixar nossa atenção no consenso coletivo". "Então os bruxos se opõem à razão?"

"Eu já lhe falei que eles se opõem à sua ditadura. Eles sabem que o centro da razão pode nos levar muito longe. A razão absoluta é impiedosa, não pára em meias tintas; por isso as pessoas lhe têm medo. Quando conseguimos focalizá-la com inflexibilidade, geramos a obrigação de ser impecável, porque não ser não é razoável. Fazer as coisas com impecabilidade é fazer tudo o que for humanamente possível e um pouco mais. Portanto, a razão também o leva ao movimento do ponto de aglutinação.

"Para atuar dentro dos preceitos do caminho do guerreiro se requer clareza de propósito, coragem para atacar a tarefa e um intento inflexível. Se você olhar ao redor, verá que a maioria das pessoas 'de razão' na realidade não está situado nesse centro, mas em sua periferia".

"Por que?"

"Porque lhes falta energia. Seus buracos lhes impede de ter objetividade. Sua atenção sempre flutua e por isso sua percepção é um resultado híbrido, ambíguo. Flutuam como um barco sem timão em meio a corrente, à mercê das emoções e sem avistar nem a beirada do puro raciocínio, nem a do abstrato.

"O que se requer de um guerreiro moderno é uma condição de incremento energético contínuo a fim de que sua atenção possa fluir entre a razão e o conhecimento silencioso. Ao se mover desse modo, estará mais sensato do que nunca e, certamente, não é um ser racional. A partir de qualquer posição que se fixe, sempre estará avistando o outro lado; deste modo, sua visão adquire perspectiva e profundidade. Os bruxos descrevem esta condição como 'ser duplo' ou 'perder a razão'".

"Podemos chegar ao conhecimento silencioso tal como nossos mestres nos ensinaram a chegar à razão: por indução. É como dominar os dois lados de uma ponte. De um lado, você pode ver a razão como uma rede de consenso que transforma a interpretação coletiva em sentido comum através das aduanas da preocupação. Do outro, você pode intuir o conhecimento silencioso como um negrume insondável e criador que se estende mais além do limiar da não compaixão. Ao cruzar este limiar, os antigos chegaram à fonte do puro entendimento".

"Ser duplo é fazer uma conexão consigo mesmo, fluir entre dois pontos. É algo praticamente indescritível, mas um aprendiz experimenta isto assim que economiza bastante energia. A partir daí, aprende a tratar com a razão como um ser livre, sem reverências nem sujeição. Adquire o que don Juan chamava de 'intensidade', quer dizer, a capacidade para armazenar informação em um bloco perceptual".

O conceito de "intensidade" foi para mim totalmente obscuro. Pedi que me explicasse isso um pouco mais. Respondeu que a percepção se compõe de conteúdo e intensidade. As situações extremas, como podem ser uma aguda consciência do perigo, a proximidade da morte ou o efeito das plantas de poder, geram grande intensidade. Um bruxo aprende a guardar essas experiências no movimento do ponto de aglutinação.

Acrescentou que o que propõe o caminho do conhecimento é uma mudança de valores no modo de entender nossa interação social como espécie, subtraindo nossa energia da vida cotidiana e concentrando-a em situações que impliquem uma vivência intensa. "Trata-se de reconduzir o homem à maravilha, ao poder, ao que sonhou; devolver-lhe o assombro e a capacidade de criar. Só essa ruptura liberará o ser luminoso de nossa uniformidade perceptual".

OS MOVIMENTOS DO PONTO DE AGLUTINAÇÃO

Em um outro momento, conversando com um pequeno grupo de amigos, Carlos nos explicou que outro efeito do movimento do ponto de aglutinação é que as coisas adquirem formas novas, o brilho das aparências dá espaço a um brilho mais profundo e mais essencial, e os seres vivos adotam a forma de enormes e arredondados campos de luz. Sustentou que a conformação luminosa de um homem ou mulher é o retrato de sua existência. Os videntes vêem cada detalhe, e assim determinam se uma pessoa está ou não preparada para a aprendizagem.

“A maior parte das pessoas maltrata o tonal delas; em consequência, suas fibras caem como as pregas de uma cortina velha. Essas fibras ‘cansadas’ operam como cola, estagnando o curso natural da energia. Don Juan os chamava ‘tonal sino’, porque eles têm essa forma, são escuros e dão a impressão de pesar muito. Ao se moverem, esses campos se arrastam ou dão breves saltos, como se estivessem arrastando algo ou como se a pessoa tivesse se metido dentro de um disfarce de urso que lhe fica demasiado grande”.

“Nos guerreiros, por outro lado, as pregas estão tensas. Seus casulos são quase esféricos e transbordam de vigor; o lado inferior é compacto como uma bola de borracha sólida e salta, se despreza da terra. Quando eles avançam, esses globos não se arrastam penosamente, mas eles saltam com júbilo e às vezes planam durante uma longa distância. Don Juan os chamava precisamente assim, ‘os planadores’, e afirmava que era um prazer encontrar-se na rua com um deles”.

“Mas só os videntes conseguem redesenhar sua luminosidade de tal modo, que podem desprezar-se completamente da terra e voar. Alguns conseguem romper seus limites, o que é percebido como se esses guerreiros houvessem rasgado a pele que aprisionava sua energia, expondo o refulgente núcleo central. Eles são os bruxos viajantes e já não dependem do corpo físico para permanecerem conscientes e agirem”.

“A tarefa do aprendiz é centrar novamente seu corpo energético através de atos de impecabilidade e força que conduzam ao movimento do ponto de aglutinação. Acima de tudo, deve dar mobilidade à sua energia, fazendo que flua de uma forma natural. Desse modo, suas fibras se estiram e começam a brilhar com um matiz ambarino”.

"A percepção tem lugar em um ponto de intensa luz branca que geralmente está rigidamente fixo dentro de uma área muito específica que os bruxos chamam de 'a faixa humana'. Esse ponto articula as emanções que nós recebemos de fora com as que estão dentro de nosso campo luminoso, de um modo semelhante a uma antena que recolhe as ondas de rádio e as transforma em som". Para nossa surpresa, assegurou que ver esse ponto é uma questão relativamente simples, que ocorre já nas primeiras fases do caminho.

"Basta com que se estimulem apropriadamente. Um aprendiz nunca deve dizer: 'sou um inútil, não vejo nada'; todavia, pelo contrário: 'eu acho que vejo... sim, aí está!'. Se nós repetimos esse intento uma e outra vez, cedo ou tarde, o ponto de aglutinação entrará em nosso campo perceptivo, e esse é o primeiro passo para movê-lo deliberadamente".

Uma das pessoas do grupo lhe perguntou como podemos ser testemunhas de nossa própria percepção. Explicou que, dado o fato de que não temos modo de perceber nada se não for pelo ponto de aglutinação, a única forma de entender esse assunto é dizendo que o ponto se percebe a si mesmo. O que nós vemos é o resultado de seu funcionamento. Por isso temos a sensação que de repente queima uma flama ali onde nossas emanções se alinham com as de fora. Sustentou que da mesma forma nós poderíamos descrever esse fenômeno em termos de audição, como um barulho elétrico que delata o alinhamento.

"O importante é que verifiquem isto por vocês mesmos, porque os colocará mais além da mente, os transbordará de conhecimento silencioso. O simples ato de ver isto produz um impacto que move a fixação do ponto de aglutinação".

Continuou dizendo um bruxo com experiência consegue deslocar sua atenção muito longe da faixa humana, tanto no interior das emanções do seu casulo como mais além dele. Isso aumenta consideravelmente os alcances de sua percepção.

"Alguns saem em viagem para o reino inorgânico; esse alinhamento é o mais gratificante para a energia e faz com que o viajante volte para casa renovado. Outros têm a tendência de submergir na área baixa, o ambiente da besta, o recanto mais sórdido da consciência. Para os seres humanos esse é um lugar perigoso, porque permanecer longo tempo ali pode produzir lesões físicas".

Perguntaram onde fica o eu no momento em que o ponto de aglutinação se move na área baixa.

Respondeu:

"Pelo visto, vocês estão pensando que o ponto de aglutinação cabe dentro de seu inventário de coisas razoáveis, mas não é assim. Não vejam isto como um objeto sólido ou como um membro de seu corpo. Nós não temos um ponto de aglutinação, somos isso!".

"Enquanto um guerreiro é prisioneiro nos limites da forma humana, o lugar mais distante a que pode transferir o ponto de aglutinação dele é uma área de vazio imperativo ao qual os novos videntes chamam 'o limbo'. Esse é um espaço real na fronteira do outro mundo, uma área de transição para a outra atenção".

“Esses movimentos se acumulam e vão condensando nosso poder pessoal, até que finalmente se cristalizam em um tipo de matriz luminosa que don Juan chamava ‘as posições do ensonho’. Através da exploração dessas posições, a experiência individual do bruxo sai do curso humano e fica praticamente ilimitada”.

"O movimento do ponto de aglutinação não obedece só ao interesse de ter acesso a visões assombrosas, mas, acima de tudo, ao fato de que cada deslocamento controlado libera quantidades enormes de energia. O ideal é que o guerreiro aplique seu intento inflexível e acenda seu campo energético como se todo ele fosse um gigantesco ponto de aglutinação para testemunhar tudo de uma vez. Nesse caso, o ponto sai disparado para cima, o viajante se torna uma explosão de luz e jamais recupera novamente sua forma. Esse é o desafio maior, a união de nossa consciência com o infinito".

A SOBREVIVÊNCIA DO PONTO DE AGLUTINAÇÃO

Apesar de que Carlos tocava com frequência o tópico da morte, evitava referir-se ao que acontece depois que a pessoa morre. Eu achei que essa ocasião era boa para indagar sobre sua opinião a respeito.

"Carlos - perguntei -, o que nos acontece quando morremos?".

"Isto depende, respondeu. A morte nos toca a todos, mas não é a mesma para todos. Tudo depende do nível energético".

Assegurou que a morte de uma pessoa comum é o fim de sua viagem, o momento em que tem que devolver à água toda a consciência que obteve enquanto estava viva.

"Se não temos outra coisa que nossa força vital para oferecer, teremos acabado. Esse tipo de morte apaga qualquer sentimento de unidade".

Perguntei se aquela era sua opinião particular ou um conhecimento tradicional dos videntes.

Respondeu:

"Não é uma opinião; eu estive no outro lado e sei. Vi as crianças e adultos que vagam por lá e observei os esforços deles para se lembrar de si mesmos. Para aqueles que dissiparam sua energia, a morte é como um sonho passageiro, cheio de borbulhas de recordações cada vez mais desvanecidas, e então, o nada".

"Quer dizer que quando sonhamos nos aproximamos do estado dos mortos?".

"Nós não só nos aproximamos, mas estamos lá! Mas, como a vitalidade de nosso corpo permanece intacto, nós podemos regressar. Morrer é literalmente um sonho.

"Você pode ver que quando uma pessoa comum sonha, ela não é capaz de focalizar a atenção dela em nada; ela não tem nada além de sua fragmentada memória, alimentada com as experiências que acumulou ao longo de sua vida. Se essa pessoa morre, a diferença é que seu sonho se alonga e já não acorda novamente. É o sonho da morte".

"A viagem da morte pode levá-lo para um mundo virtual de aparições onde contemplará a materialização de suas crenças, de seus céus e infernos, privados, mas não passa daí. Tais visões vão desaparecendo com o tempo, quando o impulso da memória for se esgotando".

"E o que acontece com a alma de quem morre?"

"A alma não existe, o que existe é a energia. Uma vez que desaparece o corpo físico, a única coisa que resta é uma entidade de energia alimentada pela memória".

“Alguns indivíduos estão tão esquecidos de si mesmos que morrem quase sem perceber. Eles são como os amnésicos, pessoas que têm um bloqueio do ponto de aglutinação e já não podem alinhar as recordações, eles não têm continuidade; portanto, eles se sentem permanentemente à borda do nada. Quando morrem, essas pessoas se desintegram de forma quase instantânea, porque o impulso de suas vidas agüenta apenas uns poucos anos”.

"Porém, a maioria das pessoas demora um pouco mais para se desintegrar, entre cem e duzentos anos. Aqueles que tiveram vidas cheias de significado, podem resistir até meio milênio. O prazo amplia ainda mais para aqueles que conseguiram criar laços com as massas de pessoas; esses podem reter sua consciência durante milênios inteiros".

"Como eles conseguem isto?"

"Através da atenção de seus seguidores. A memória cria laços entre os seres vivos e os que partiram. É assim que eles se mantêm conscientes. Por isso, o culto das personalidades históricas é tão pernicioso. Esse era o intento de quem, em tempos antigos, se fazia mumificar: inscrever seu nome na história. Ironicamente, é o maior dano que pode ser infligido à energia. Se você quiser castigar uma pessoa, enterre-a em um caixão de chumbo; seu desconcerto não acaba nunca.

"Não importa o que faça ou como tenha vivido; a pessoa comum não tem a menor oportunidade para seguir adiante. Para os bruxos, que vivem de cara com a eternidade, cinco anos ou cinco milênios não são nada. Por isso eles afirmam que a morte é desintegração instantânea".

Eu quis saber se as pessoas mortas podem voltar para contactar os vivos.

E ele me respondeu:

"As relações entre os residentes das diversas esferas da consciência só podem se efetivar pelo alinhamento do ponto de aglutinação. A morte é uma barreira perceptiva final. Os vivos podem ir ao reino dos mortos através do ensonho, mas esse é o tipo de assunto que um guerreiro não se mete, porque só desgasta sua energia. Por outro lado, algo muito diferente é entrar em contato com bruxos que partiram".

"Por que?"

"Porque eles sim conseguiram se fazer de um duplo energético, retiveram sua individualidade através de suas técnicas".

"Como nós podemos estabelecer relações com esse tipo de consciência?"

“Ensonhando. Porém, é muito difícil que um desses bruxos que já partiram fixe sua atenção neste mundo, a menos que ele tenha alguma tarefa específica para completar. E é mais difícil ainda que um homem comum suporte esse contato”.

"O intercâmbio com estes seres é dos mais gratificantes para os guerreiros, mas terrificante para os outros, porque um bruxo inorgânico não é um fantasma, mas uma intensa fonte de energia auto-consciente e implacável, capaz de danificar a quem se aproxime por descuido. Esse tipo de contato pode ser até mesmo mais perigoso que o intercâmbio com um bruxo vivo".

"Em que consiste o perigo?"

"Assim é a natureza da energia. Se você acredita que os bruxos são pessoas amigáveis se equivoca; são nagueais!

"Há uma característica muito macabra em nossa constituição que nos impele a usar o meio a todo custo. É algo natural, não podemos evitá-lo. Essa característica é exacerbada no bruxo e é ampliada depois de sua partida, porque então já não há inibições que o obriguem. Quando o bruxo se transforma em inorgânico, ele volta ao que sempre foi: uma emanção do depredador cósmico".

SERES CÍCLICOS

Pouco antes de conhecer Carlos, influenciado por minhas leituras orientais, eu havia sido partidário da doutrina da reencarnação. Parecia uma alternativa plausível à convicção Cristã na ressurreição dos corpos. Porém, em uma conferência, ele observou que os dogmas do cristianismo e das religiões do oriente eram suspeitosamente parecidas, porque partiram de um denominador comum: o medo da morte.

Seu comentário me lançou na perplexidade. Esse era um enfoque totalmente novo para um assunto que sempre me havia fascinado.

Quando perguntei sua opinião, Carlos tentou desviar meu interesse para outro tópico, como se não valesse a pena falar daquele assunto. Mas depois, mudando de tática, falou que todas as minhas crenças sobre a sobrevivência da personalidade eram o resultado de sugestões sociais.

“Foi dito a você que nós temos tempo, que há uma segunda oportunidade. Mentiras!”.

“Os videntes afirmam que o ser humano é como uma gota de água que se desprende do oceano da vida e começou a brilhar por conta própria. Esse brilho é o ponto de aglutinação da percepção. Mas, uma vez dissolvido o casulo luminoso, a consciência individual se desintegra e se faz cósmica, como poderia regressar? Para os bruxos, a vida é única. E você espera que se repita?”.

"Suas idéias partem da exagerada opinião que você tem sobre sua unidade. Mas, como todo o resto, você não é um bloco sólido, é fluido. Seu 'eu' é uma soma de crenças, uma lembrança, nada concreto!"

Perguntei a que se devia então que as religiões propagassem outros tipos de doutrinas.

Respondeu:

"Isso é fácil de entender; são respostas ao medo ancestral do ser humano. Cada cultura gerou suas próprias proposições explicativas, mas só os videntes foram mais além das crenças, corroborando esses aspectos das emanações da águia por si mesmos".

Ele me explicou que existem no universo feixes de energia aos quais todos estamos enganchados como se engancham as contas de um rosário entre si. Nós somos cíclicos; somos o resultado de um selo luminoso e toda vez que nasce um novo ser, encarna nele a natureza desse padrão. Mas a corrente que nos une não é de natureza pessoal, não implica a transferência de memória ou de personalidade, nem nada do estilo.

"Para sobreviver à morte é necessário ser bruxo. Ao satisfazer a águia com uma réplica vivencial, os bruxos conseguem manter acesa a chama de sua consciência individual por eternidades. Mas isso é um feito. Por um acaso a maior realização de um guerreiro deve ser um presente?"

Comentei que recentes estudos tinham demonstrado que algumas pessoas, em circunstâncias muito especiais, podiam se lembrar de eventos de uma vida passada.

Afirmou que essa era uma interpretação errônea dos fatos.

"É certo que qualquer um pode sintonizar determinadas emanções de vivências que aconteceram em outros tempos e sentir que viver não uma, mas muitas vidas. Mas isso é só um alinhamento entre milhões de possíveis alinhamentos".

A ALTERNATIVA DO BRUXO

Perguntei se a pessoa comum tem alguma possibilidade de sobreviver à morte.

Respondeu que sempre havia uma possibilidade: o caminho do guerreiro.

“Se você quiser entender isso, não o veja em branco e preto. Veja-o em termos do movimento do ponto de aglutinação. O desafio do guerreiro é fixar sua atenção, lutando por manter a consciência de sua individualidade, inclusive depois de sua partida”.

"Quando alcançarmos certo limiar de percepção, vemos que a morte física é um desafio. Assim como há duas formas de viver, há duas formas de morrer; em ambos os casos a pessoa pode agir como um guerreiro impecável ou como um idiota inconsciente. Essa diferença é tudo".

"Quer dizer que o que acontece depois da morte tem a ver com nossa preparação?"

Percebendo a intenção de minha pergunta, respondeu:

“Sim, mas não do modo como você quer interpretar isto. A idéia de que ser bom ou cumprir certos mandamentos facilitam as coisas é uma falácia à qual somos induzidos pela ordem social. A única preparação que vale a pena são os rigores do caminho do guerreiro, que nos ensina como economizar energia e ser impecáveis”.

"Considerando que há duas formas de viver e de morrer, há também dois tipos de pessoas: aqueles que pensam que são imortais e aqueles que já estão mortos. Os primeiros guardam esperanças, os últimos não. Um guerreiro é alguém que sabe que o tempo dele já terminou, mas continua lutando, porque essa é sua natureza. Se você olhar nos olhos dele, contemplará o vazio".

"Então, em que consiste realmente a alternativa do bruxo?"

“Há uma única forma na qual o homem pode se adiantar ao seu fim: através da manipulação de sua energia. Esse trabalho consiste de ensonho, espreita e recapitulação. As três técnicas se fundem em um mesmo resultado: o complemento do corpo energético”.

“Em um sentido geral, a duração de nossa existência depende em grande medida de como tratamos nossa energia. Nós deixamos a vida por assim dizer ‘grudada’ nos assuntos diários, vamos nos desgastando nas coisas que vemos e tocamos, e por isso morremos. Mas se nós chamarmos de volta toda essa força vital através da recapitulação, a morte já não poderá ser a mesma, porque teremos nossa totalidade”.

“Do ponto de vista do vidente, um guerreiro que já recapitulou a vida dele não morre. Sua atenção está tão compacta que é uma linha contínua e coerente, não se dispersa.

Sua recapitulação não termina nunca, continua para toda a eternidade, porque é o trabalho de desandar os passos, de andar ao dia consigo mesmo e estar completo”.

"Assim como necessitamos de certa quantidade de experiência para funcionarmos como indivíduos, o bruxo requer suficiente prática na segunda atenção para verdadeiramente ser um bruxo; caso contrário, não estará preparado para quando chegar sua hora e partirá ao infinito como um bruxo incompleto. Não obstante, um guerreiro que se esforçou durante toda sua vida para alcançar os parâmetros da impecabilidade tem uma segunda oportunidade. Pode agrupar os eventos de sua existência e recolher a energia que ficou espalhada para passar ao mundo do nágual".

Perguntei o que fazia um bruxo naquele mundo.

Respondeu:

"Para a maioria das pessoas, morrer é entrar em um mundo de aspectos incomuns, igual a esses que nós testemunhamos durante os sonhos comuns. Lá, nada tem uma sucessão linear e os conceitos de tempo, espaço e gravidade não se aplicam. Imagine então tudo o que pode fazer um guerreiro que tem o controle de seu duplo de ensinhos em uma viagem dessa natureza! Como você entenderá, isso é uma façanha da consciência.

“Um bruxo é alguém que passa sua vida se afinando através de árdua disciplina. Quando chega sua hora, enfrenta sua morte como uma nova etapa no caminho. Ao contrário do homem comum, ele não tenta encobrir o medo dele com falsas esperanças”.

"O guerreiro parte para sua viagem definitiva cheio de deleite, e sua morte o cumprimenta e lhe permite conservar sua individualidade como troféu. Seu sentido de ser está afinado a tal grau que ele se transforma em energia pura e desaparece com um fogo interior. Desse modo, consegue estender sua individualidade por bilhões de anos".

"Bilhões de anos?"

"Assim é. Nós somos filhos da Terra, ela é nossa fonte última. A opção dos bruxos é unir-se à consciência da Terra por todo o tempo que ela viva".

A ESCOLHA FINAL

Essa tarde ele chegou mancando à reunião. Perguntamos o que lhe havia sucedido e nos contou que, estando no hotel, em uma fração de segundos o dedão de seu pé esquerdo começou a brilhar e se chamuscou com um fogo interno.

"Eu tive que me mover rapidamente, porque meu ponto de aglutinação tinha começado o processo de alinhamento!"

Emocionado por sua estranha experiência, durante um longo tempo nos falou sobre o exercício final dos bruxos, por meio do qual se incendeiam a partir de dentro e entram, com sapatos e tudo, na pura consciência.

Um dos assistentes da conferência perguntou por que, se o passo à consciência é o objetivo final dos bruxos, ele tinha lutado para reter a todo custo seu eu individual em vez de aproveitar a oportunidade?

Esboçando o mais malicioso sorriso, Carlos nos contou que essa pergunta lhe tinha feito lembrar um antepassado dele, português de origem, que se dedicava a embarcar pessoas para o Brasil com a história da terra prometida. O homem ganhava uma pequena fortuna com isso. Assim, ele se esforçava em fazer propaganda das maravilhas do Brasil, mas ele mesmo nunca havia estado lá.

"E aqui estou eu, embarcando vocês!"

Depois que rimos da anedota, Carlos mudou a expressão da face. Em um tom muito formal, explicou que os guerreiros não se movem por importância pessoal, e portanto, suas decisões não são deles.

"Don Juan dizia que alguns homens de conhecimento, depois de uma vida de luta impecável, decidem permanecer, enquanto outros se dissolvem como sopros no infinito".

"O que faz com que alguns guerreiros lutem para reter seu eu é algo alheio a seus interesses pessoais. Pertencer a uma linhagem de poder implica laços de uma natureza tal que nossa personalidade fica anulada, é só um minúsculo detalhe em uma estrutura de energia a qual os novos videntes chamam 'a regra'".

"Em tais circunstâncias, não existe para o bruxo, falando com propriedade, uma escolha individual. O melhor que ele pode fazer é aceitar seu destino e cumprir os comandos da regra; qualquer outra coisa o levaria à extinção".

OS VIDENTES DO MÉXICO ANTIGO

No princípio, uma de minhas inquietudes era relativa às fontes históricas de Carlos. Até que ponto os ensinamentos de don Juan eram o produto de uma tradição milenar de homens de conhecimento, e até onde eles tinham sido influenciados pelas formas ocidentais de pensamento?

Em diversas ocasiões tentei validar o que Carlos nos dizia através de comparações com o que resta da antiguidade pré-hispânica, mas devo admitir que sempre fiquei frustrado. Eu estava disposto a questioná-lo nos termos da antropologia mais ortodoxa. Porém, parecia impróprio abordar a um assunto tão delicado na frente das pessoas, razão pela qual eu postergava minhas perguntas de encontro em encontro.

Nessa tarde lhe falei o que estava se passando por minha mente. Ele o tomou afavelmente e falou que essa era uma dúvida que assaltava a quase todos os seus ouvintes, porque nos descreveram os habitantes do México antigo como povos primitivos.

Acrescentou que minha desconfiança com respeito às suas palavras era normal, já que estava me apresentando o problema de uma forma ingênua, ao tentar achar definições para experiências que não se ajustam na sintaxe dos idiomas modernos.

“Cometi um erro semelhante com meu mestre. Para don Juan, qualquer coisa que não servisse ao objetivo do ensinamento era uma perda de tempo. Cada vez que tentava achar alguma relação entre suas palavras e o que diziam os livros de história, ele simplesmente parava de falar e me dava as costas”.

“Em certa ocasião perguntei sobre sua reticência. E respondeu: ‘atrás de seu interesse profissional se esconde uma dúvida profissional. Se você não descartar isto, você não entenderá o núcleo do que estou lhe contando. Eu sei que origem tem a informação que lhe transmito; assim, não preciso corroborá-la’”.

“Depois falou de um tempo em que os bruxos cruzavam grandes extensões do mundo para trocar com colegas de outras latitudes seus resultados na busca do espírito. Essa época não era como hoje, os bruxos se moviam no ensonho com inteira liberdade, e nada era mais respeitado do que a condição de vidente”.

“Os conhecimentos que esses homens acumularam não pode ser conferido a nenhum país em particular, são universais. Mas a organização dos princípios com arranjos que hoje

chamamos ‘nagualismo’ ou de ‘caminho do guerreiro’ definitivamente teve lugar no México antigo”.

“A partir de suas primeiras observações, os antigos videntes chegaram à compreensão mais profunda das verdades universais que o homem tenha alcançado entender. O poder de sua atenção teve tanta força que continua em atividade até mesmo hoje em dia, gerando potencialidades que afetam a certos territórios dentro do México e o sul dos Estados Unidos. E propiciando concentrações de energia que dificilmente acharíamos em outras latitudes”.

“Em parte, esses bruxos foram ajudados por uma peculiar configuração do campo luminoso da terra cujo epicentro roda em torno do Vale do México. Eles vêem essa peculiaridade como um gigantesco funil ou prega de luz por onde as emanções do universo exterior se encaixam com as do planeta, produzindo um elevadíssimo nível de consciência”.

"Don Juan acreditava que essa formação era natural e foi aproveitada ao máximo pelos antigos com a finalidade de aumentar seu poder. Mas, ao analisar o assunto, cheguei à conclusão de que é o contrário: os antigos fixaram a atenção deles nesta zona do mundo, e o planeta como totalidade respondeu à esse intento, criando um gigantesco catalisador de emanções cósmicas. Seja como for que o interpretemos, o fato é o mesmo: este é o centro; aqui pode acontecer qualquer coisa!"

VIAGEM ÀS RAÍZES

Enquanto contemplávamos as ruínas do que no passado fora o templo maior dos aztecas, Carlos me surpreendeu com uma declaração extravagante. Falou que nesse lugar, situado em pleno coração do "zócalo capitalino", residia o protetor do México, o qual descreveu como uma entidade inorgânica em forma de um tubo de luz do tamanho de um edifício de vinte andares.

Eu olhei para ele, tentando perceber se tinha dito isso como um gracejo, mas os olhos dele refletiam uma seriedade total. A partir daí, a conversa recaiu em um tópico de grande interesse para mim: o enigma das culturas pré-hispânicas.

Afirmou que, assim como na atualidade nós usamos os livros para transmitir o conhecimento, os bruxos antigos o guardavam em posições do ponto de aglutinação. E utilizavam esculturas de pedra, madeira e cerâmica como catalisadores do movimento desse ponto. De modo que o conhecimento deles adotou a forma de magníficas obras de arte, porque para eles o conhecimento não era só informação, mas, acima de tudo, uma visão sublime da vida.

“O poder dessa visão chegou até a atualidade. Todos os naguais dos quais eu tenho notícias foram toltecas, quer dizer, uns artistas consumados. Eles uniram o controle impecável de suas emoções a uma elevada sensibilidade estética que lhes proporcionavam seus experimentos de consciência. O resultado foi uma incrível capacidade para comunicar sensações e delimitar experiências que outros homens se emaranhariam e terminariam por balbuciar incoerências”.

"Alguns naguais de minha linhagem recorreram às artes plásticas, outros, ao teatro, à música ou à dança. Houve alguns cuja predileção foram as histórias de poder, contos capazes de desencadear os mesmos efeitos sobre todos os seus ouvintes, porque não se baseiam nas argúcias da razão, mas nos prodígios de nosso estar consciente. Hoje nós damos a essas histórias o nome de 'mitos', e claro que nós não os entendemos”.

Carlos continuou dizendo que, tomando como critério de juízo a expressão artística, a obsessão dos bruxos do México antigo para transmitir seus conhecimentos àqueles que lhes rodeavam, não há paralelo em outras partes da Terra. Só que o consenso ao qual eles chegaram com seus discípulos, tinha parâmetros diferentes de nosso consenso ocidental, baseado em razões, já que na realidade pré-hispânica havia aspectos que nós não consideramos normais porque estavam relacionados com campos de energia que já não estão em uso.

Ele deu como exemplo de um desses campos, a ênfase no sonho, um interesse absorvente dos pré-hispânicos cujos restos são percebidos até hoje nas tribos mais isoladas do país.

Concluiu dizendo que, devido à falta de sincronia entre as emanções alinhadas pelos antigos e os interesses modernos, é quase impossível cruzar a barreira interpretativa que nos separa daquelas culturas. Assim, como homens comuns e cotidianos, nós nunca entenderemos completamente as criações artísticas deles.

“Afortunadamente, um bruxo tem ferramentas especiais porque aprendeu a dar flexibilidade ao seu ponto de aglutinação. Desse modo, ele pode conectar sua atenção com a modalidade da consciência de outros tempos e sabe ajustar seu interesse com o dos bruxos que já partiram”.

"Don Juan era um perito nas culturas pré-hispânicas. Para ele, as pedras antigas não tinham segredos. Às vezes me levava a percorrer as instalações do museu de antropologia com o objetivo de me estimular para que eu chegasse por mim mesmo a uma verificação de consenso especial".

Continuando, Carlos me contou sobre uma dessas visitas na qual ele mesmo foi testemunha dos modos especializados com que os bruxos contemplam o passado.

“Essa manhã nós tínhamos discutido sobre temas históricos; eu, tentando convencê-lo da seriedade de minhas teorias e ele me ridicularizando abertamente. Sentia um humor muito carregado. Justo antes de entrar no museu, ele manipulou minha luminosidade e me fez mudar, em um estalar de dedos, de estado de consciência. A manobra dele surtiu efeito, as obras de arte adquiriram vida. Tudo estava ali: o ovo luminoso, o ensonho, o caminho do guerreiro, o movimento do ponto de aglutinação... Foi espetacular!”.

“Ao mesmo tempo em que verificava a autenticidade dos ensinamentos, comecei a fazer um rápido e completo juízo sobre minha posição como investigador. Compreendi que, em grande medida, as instituições acadêmicas tinham me programado, não para coletar imparcialmente a informação, mas para corroborar uma determinada descrição do mundo, e essa posição me impedia de me dar completamente ao conhecimento. Assim, quando eu fazia meu trabalho de campo, eu não era tanto um pesquisador imparcial da verdade, mas o embaixador de outro modo de vida. Isso gerava uma colisão inevitável que muitas vezes se traduziram em desconfianças e ressentimentos mútuos”.

"Ao sair de minha experiência no museu e voltar à minha visão habitual, já não pude entender, ou sequer lembrar meu estado prévio de euforia. Mas, estranhamente, a partir dali minha visão acadêmica começou a mudar. Eu aprendi a ver as coisas por si

mesmas, sem véus conceituais. Até então eu tinha sido um investigador a serviço de um sistema de consenso: a cultura ocidental. De repente, comecei a me sentir cada vez mais confortável com a idéia de que, por baixo da pele do antropólogo, havia um homem comum e normal envolvido na tarefa de achar seu destino".

Pedi que me desse algum exemplo concreto sobre como os bruxos interpretam os monumentos antigos.

Como resposta, perguntou:

"Alguma vez você viu os atlantes de Tula?"

Disse que sim, e ele me explicou que essas impressionantes figuras do tempo dos toltecas são uma descrição da partida do nagual. Sustentou que os dezesseis sacerdotes em baixo relevo que há nas quatro colunas que estão atrás das estátuas representam o grupo completo de guerreiros, dividido em quatro equipes, um para cada direção cardeal.

"Eles são viajantes cósmicos e sua missão é fluir com a energia do infinito. Cada uma de suas funções foi simbolizada nos objetos que levam consigo. Esses sacerdotes são uma partida em pleno vôo, uma imagem do objetivo final do caminho que é alcançar a terceira atenção".

Durante um longo tempo continuou interpretando a partir do seu ponto de vista, diversos objetos arqueológicos. Seu relato era tão gráfico que me deu a sensação de estar caminhando com ele pelos milenários caminhos de uma cidade pré-hispânica. Quase podia distinguir as enormes e impenetráveis cabeças olmecas lá no fundo da praça central; o calor humano das sorridentes estatuetas huastecas que nos olhavam dos nichos das pirâmides, as delicadas estelas maias, conversando de um lado...

Afirmou Carlos que a simples contemplação de algumas peças arqueológicas em um estado de silêncio mental basta para que a atenção do observador se projete até a posição dos antigos artistas. Daí que algumas dessas peças funcionem como verdadeiras armadilhas de atenção.

"Muitas delas foram desenhadas com toda a intenção. Seu fim não era ornamental ou simbólico. Cada uma de suas proporções e desenhos contém um detonante de estados anímicos e de fluxos de energia. Essas peças são, por assim dizer, catapultas do ponto de aglutinação. A investigação profissional nunca poderá entendê-las, porque o que menos

interessava a seus criadores era se ajustar a critérios razoáveis. Para alinhar-nos com elas, temos que ousar desafiar o conhecido e perceber em termos de conhecimento silencioso".

Sustentou que, pela sua intencionalidade, as criações da antiguidade pré-hispânica são um verdadeiro depósito da segunda atenção, um oásis de poder entre a seca esterilidade na qual a civilização atual lançou o homem.

"Ao estimular-me a difundir pelo mundo a herança do México antigo, don Juan começou uma espécie de viagem às raízes a fim de validar aspectos até hoje ocultos do ensinamento, e para devolver ao homem a justa dimensão do seu ser".

"Como pesquisadores de conhecimento, na atualidade podemos nos beneficiar amplamente do intento dos antigos videntes a fim de continuar seu trabalho com renovados brios".

Com certa timidez, eu perguntei a Carlos se poderíamos nos encontrar em algum museu ou lugar arqueológico onde ele pudesse me transmitir de forma prática os segredos dos bruxos.

Mas ele não viu aquela sugestão com bons olhos. E me respondeu taxativamente:

"Tudo o que você quer saber sobre seu país, vá e o descubra por você mesmo! Como mexicano, você é o mais indicado para recuperar a mensagem tolteca. Essa é sua tarefa, seu compromisso ante o mundo. Se você é tão preguiçoso que não pode assumir isto, alguém mais o fará".

AS ANTENAS DA SEGUNDA ATENÇÃO

Certa vez, enquanto tomávamos café em um restaurante do centro, comentei que me confundia o modo entusiástico como ele falava do México antigo, em contraste com a advertência que ele fez em um dos seus livros sobre o perigo que existe em visitar as ruínas ou apanhar objetos daquela época. Eu me referia aos horripilantes relatos que ele contou sobre alguns de seus companheiros aprendizes que se encontraram em verdadeiras dificuldades devido à sua insistência em passear pelos campos arqueológicos.

E ele respondeu que minhas considerações estavam equivocadas.

“O que acontece é que eu não confundo o conhecimento abstrato dos novos videntes com o enfoque cultural dos antigos, porque não são a mesma coisa. Os antigos viviam na segunda atenção, eles estavam fascinados com seus intrincados detalhes e tentavam reproduzi-los em sua vida diária por meio de esculturas e edifícios. Desse modo, eles extraíram grandes pedaços daquela escura fascinação e puseram-na ao alcance das massas”.

“Mas don Juan dizia que qualquer forma de representar o conhecimento é um subterfúgio, um modo de se fechar ao conhecimento verdadeiro, silencioso. Apesar da quantidade prodigiosa de informação que conseguiram extrair do outro lado, a tendência dos antigos terminou por cobrar-lhes um preço exorbitante: sua liberdade”.

“Portanto, uma das prioridades de um nagual moderno é canalizar seus aprendizes, pelo menos durante as primeiras fases do caminho, a fim de que eles não se deixem dominar pelo lado externo do conhecimento”.

"Também, há outra razão pela qual don Juan insistiu a alguns de nós para que não desperdiçássemos nosso tempo tentando achar sentido naquilo que não tem. Durante aquele tempo a maioria dos aprendizes ainda não tinha perdido a forma humana, o que significa que nos sentíamos impelidos a classificar o conhecimento, sistematizando-o de forma precipitada. Isso não é válido com as antiguidades do México, porque o que tem chegado a nós é demasiado fragmentário. Falta muito trabalho para se fazer, e é um trabalho muito arriscado que pode se voltar contra o investigador”.

"Por que?".

"Como eu já lhe falei, essas criações não são inocentes. O problema com elas é a paixão que nos despertam. Os antigos foram os mestres da obsessão. Suas obras estão repletas de truques e tudo isso continua operando hoje com o mesmo vigor que no primeiro dia, porque a fixação da atenção de um bruxo não se desgasta com o tempo”.

Acrescentou que a tradição de sabedoria do México foi arquitetada por homens de poder em um ato supremo de altruísmo. Foi um intento para resgatar nossa liberdade essencial, mas funcionou durante um curto tempo. Na medida em que foi se entrelaçando com rituais e crenças supérfluas, suas criações terminaram se convertendo em agentes da fixação do ponto de aglutinação daquela sociedade.

“Essas obras são enormes concentrações de intento, mas o conhecimento que guardam não são puros, eles estão misturados com a importância pessoal de seus criadores e só vale a pena focalizá-los através da espreita. Particularmente as pirâmides são poderosos captadores de atenção. Elas podem nos levar rapidamente a estados de silêncio mental, mas também podem se voltar contra nós. Há um ponto em que é preferível abster-se delas que se aventurar sem defesas nos domínios dos antigos videntes”.

"Levando em consideração minha tendência mórbida, don Juan até havia proibido que eu fosse a museus ou lugares arqueológicos por minha conta. Dizia que só na companhia de um bruxo esses lugares são seguros. Certo dia, enquanto eu caminhava pelas ruínas de Tula, tive uma experiência verdadeiramente desagradável e comecei a mudar de opinião".

"O que foi que aconteceu?", perguntei.

"Algo que me sacudiu de espanto - respondeu. Eu pude ver que as pirâmides exudavam enormes campos de energia, ondeantes como um mar sem fundo, que envolviam completamente os visitantes. Uma condição muito desfrutável para certos bruxos, mas não para nós".

Eu lhe perguntei se aquele fenômeno está vinculado só com as pirâmides mexicanas, ou se também se apresenta em outras partes do mundo.

Respondeu que a fixação não é algo local, é geral. Aparece onde for que exista consciência. Mas, na Terra, só a sociedade humana investe uma parte considerável de sua energia criando objetos simbólicos, não utilitários, cujo propósito exclusivo é gerar estados de atenção.

“Na realidade, se não fosse por sua característica de constituírem extraordinários acumuladores de energia, esses objetos e monumentos não existiriam. Eles são agentes do outro lado, antenas da segunda atenção. O desenho e construção deles foram dirigidos pessoalmente pelos seres inorgânicos em todas as latitudes e épocas”.

"Uma vez, enquanto eu viajava pela Itália, fui visitar uma escultura famosa. Apenas me aproximei dela, fiquei capturado por sua beleza. Observei que aqueles que passavam por lá nada mais podiam do que projetar seus sentimentos para a imagem. O clima emocional era tão forte que não foi difícil para mim perceber que esses sentimentos se alongavam no modo de fibras para uma sombra que vibrava atrás da escultura. Pelo visto, não fui o único que percebeu o fenômeno. Havia um turista por ali que, sentindo-se agredido, tomou uma pedra e a lançou contra a estátua. Eu o aplaudi! Essas coisas são centros da fixação da humanidade. Elas condicionam a atenção, e a amarram".

Comentei que parecia lamentável que as criações mais magníficas do homem fossem na realidade os veículos de sua fixação.

Carlos respondeu que eu estava considerando as coisas ao contrário. Sustentou que o problema não está nesses monumentos, nem no intento que lhes deu existência, e nem mesmo nas entidades inorgânicas que os usam como captadores, mas em nós mesmos.

"Essas obras pertencem a outra modalidade de atenção; elas têm a habilidade de mover o ponto de aglutinação e isso dá um descanso à nossa fixação. Mas não há nada mais obsessivo que a segunda atenção, e alimentá-la com um entusiasmo ilimitado pode nos colocar em um estado de submissão de energia total.

"Porém, isso não significa que não se possa lidar com esses lugares. Há dois modos por meio dos quais podemos evitar sua carga de intenção: deixando-os de lado ou cultivando a impecabilidade".

"Um guerreiro consegue sair inteiro de qualquer situação concebível. Quando cortamos a atadura que nos liga com nossa forma humana já nada externo pode nos afetar. Então, os monumentos do México antigo se revelam em todo seu esplendor e, ao mesmo tempo, caem no seu devido lugar: o lugar da compreensão silenciosa".

VALIDANDO O NAGUAL

Nos meses seguintes ao nosso primeiro encontro, meu compromisso com Carlos se manteve no plano de assistir às suas conferências e ler seus livros. Mas não passou muito tempo antes que a magia de seus ensinamentos começasse a me atrair com força própria.

Esta situação me colocou diante de uma alternativa pela qual eu suponho passe todo o aprendiz de nagualismo: por um lado, eu podia analisar as estranhas idéias dos bruxos à luz do conhecimento acadêmico, assimilando só aquilo que eu pudesse entender e verificar. Por outro, sempre haveria a possibilidade de aceitar as palavras de Carlos literalmente, deixando de lado meus preconceitos provisoriamente até que eu pudesse amadurecer um critério apoiado na experiência.

Quando comuniquei-lhe meu dilema, ele ficou contente e falou que as duas opções que eu havia relacionado tinham um importante ponto em comum: a prática. Assim, não importava qual delas eu escolhesse, sempre que fosse inflexível em minhas conclusões.

Tentei pedir alguma explicação que me servisse de ponto de apoio para acomodar dentro de minha mente seus postulados, mas ele interrompeu minhas palavras com um gesto:

"Um guerreiro não se adianta ao conhecimento - falou. Não pergunta por rotina nem se rende ao sentido de não entender. Quando quer saber algo, o experimenta".

Eu fiz notar que a palavra "experiência" tinha um conteúdo muito diferente, de acordo com quem o pronuncia. Para ele, era uma forma de enfrentar a vida; para mim, a necessidade de entender o fenômeno a um nível intelectual.

Acreditei ter percebido que Carlos reprimiu um sorriso irônico. Em um tom muito amável, explicou que a sabedoria e os exercícios dos bruxos não são difíceis de entender e praticar por si mesmos. O que lhes dá a aparência de ser algo descabido, é o fato de que eles foram desenhados por uma cultura alheia e para pessoas com outra compreensão de mundo. Atribuiu minha desconfiança inicial a minha formação racionalista, não a algum impedimento de ordem energética.

Acrescentou que a ciência moderna não tem conseguido penetrar no ensinamento tolteca porque não tem a metodologia apropriada, não porque os princípios do bruxo e do cientista sejam intrinsecamente incompatíveis.

“Apesar de todas as suas boas intenções, os investigadores são incapazes de mover por si mesmos seus pontos de aglutinação. Nesse caso, como eles poderiam entender o que os bruxos dizem?”.

"A falta de energia é uma séria barreira entre o homem comum e o bruxo, porque, sem o poder necessário, a corroboração dos fenômenos da bruxaria é impossível. É como se duas pessoas tentassem se comunicar em idiomas diferentes. Em geral, são os bruxos os que se saem mal nessa troca. Em outras épocas ameaçavam as pessoas dizendo que iriam perder suas almas se escutassem o bruxo; hoje se doutrina o homem moderno dizendo que essa visão é anti-científica.

"A verdade é outra. A prática dos princípios do guerreiro, longe de prejudicar nossa clareza mental, oferece-nos valiosas ferramentas para manejar o conhecimento. Isso é dessa forma porque tais princípios, ao estarem relacionados com a realização energética, se apóia zelosamente em dois postulados científicos: experiência e verificação.

“Ao contrário do que muitos pensam, a necessidade de corroborar não é exclusiva da cultura ocidental, também é um imperativo na tradição tolteca. O nagualismo, como sistema ideológico, não está baseado em dogmas, mas na experiência pessoal de gerações de praticantes. Seria absurdo considerar que todas essas pessoas, durante milhares de anos, estariam depositando sua confiança em simples asneiras”.

"Como o ponto de partida deles é a experimentação, pode-se dizer que o nagualismo não é uma forma de crença, mas uma ciência”.

Esta declaração resultou ser muito dura para mim.

Havia certos tópicos nos ensinamentos de Carlos que eram de um inegável valor prático; por exemplo, o conselho constante para que controlássemos a importância pessoal, adquiríssemos uma visão clara do privilégio de viver neste instante e adotássemos os princípios estratégicos do caminho do guerreiro.

Porém, outros pontos de suas conversas avançavam mais além da minha capacidade de compreensão. Simplesmente, não podia aceitar que, em um espaço paralelo a

este mundo, existisse um universo de leis que nada tinham a ver com nossa lógica cotidiana, povoado por entidades conscientes que meus sentidos não podem perceber.

Pela a expressão de meu rosto, Carlos pareceu notar que eu não estava completamente de acordo com suas palavras, porque ele acrescentou:

"Para você, corroborar é explicar, enquanto para os bruxos é testemunhar o indescritível sem subterfúgios, nem truques mentais. Você acredita que o alcance de seus sentidos são o verdadeiro limite do universo, mas você não se detém a pensar que seus sentidos estão muito mal treinados.

"Eu não estou convidando-o a acreditar, mas a ver; e eu lhe asseguro que ver é uma prova suficiente de tudo o que lhe contei. Porém, não posso atestar a essência de energia do mundo por você; isso você tem que fazer por si mesmo, e achar dentro de suas potencialidades inatas o modo de levá-lo a cabo".

"O que diferencia o vidente do cientista contemporâneo é que para o primeiro o que está em jogo é sua própria vida, enquanto que para o segundo a única coisa que perde se algo sai mal em suas investigações, é seu tempo. Os métodos de ambos são diferentes, mas igualmente rigorosos".

"Um bruxo não pode ficar satisfeito se não verificar a partir de dentro as histórias que lhe contaram. Assim como há graus e níveis na instrução científica, o aprendiz de bruxaria descobre imediatamente que há certas fases muito definidas no aumento da percepção dele, e ele não descansa até conseguir ou perecer neste empenho. Dessa forma, como método de investigação, o nagualismo é totalmente confiável.

"Meu instrutor me mostrou que a marca dos novos videntes é sua capacidade de síntese; eles são bruxos abstratos - Carlos deu ênfase no termo, acentuando cada sílaba. Na realidade, o enfoque deles é mais rigoroso que o enfoque científico, porque os videntes se envolvem em um empreendimento de envergadura colossal que o homem de ciências nem mesmo ousa enunciar: a verificação de nossa interpretação sobre a realidade consensual em que vivemos. Sobre essa base, você pode entender que a bruxaria é o melhor aliado do pensamento formal".

"Algum dia será possível romper o gelo, e a ciência descobrirá que compartilha uma grande vocação com o nagualismo: a paixão pela verdade. Então ambas as modalidades de investigação darão as mãos e deixarão de ser dois enfoques hostis sobre o mundo para se transformarem num mesmo intento por penetrar o mistério".

Enquanto nos despedíamos, eu comentei com Carlos que as palavras dele estavam no extremo oposto da visão que têm a maioria das pessoas sobre o tópico da bruxaria.

Ele encolheu os ombros, como se estivesse dizendo: "E o que isso importa?".

RETORNO À ESSÊNCIA

Depois de um tempo de práticas, os ensinamentos de Carlos começaram a deixar uma marca em mim. O que no princípio era desconfiança, logo se transformou numa surpreendente verificação de estados de consciência que estava fora de meus parâmetros mentais. De repente me vi possuído por uma necessidade urgente de entender, não com a razão, mas com a totalidade de meu corpo. Chegou um ponto em que as fundações de minha cotidianidade terminaram por desmoronar-se e ficou evidente para mim que a percepção dos bruxos encerra universos de experiências dos que até então eu não tinha nem a menor idéia.

Durante todo esse processo atravessei uma aguda crise de identidade na qual às vezes me comportava como investigador ousado e sem preconceitos e outras vezes como o epítome da resistência mental. Pude perceber que estas ondas emocionais estavam relacionadas com as conversações de Carlos. Depois de escutá-lo, eu passava semanas de atividade febril, intentando ensonhar e praticando todas as técnicas que tinha escutado ou lido. Mas, pouco a pouco, meu entusiasmo inicial ia se esfriando e regressava ao incômodo sentimento de não entender nada.

Frente ao caos de sensações novas que começava a me saturar, descobrí que só me restava um baluarte: a razão. Mais do que nunca, tentei convencer a mim mesmo de que, no final das contas, só um ensinamento que se pode explicar, pode ser certo. Apesar de tudo o que Carlos nos havia prevenido contra o quão enganosas podem ser as razões, eu só estava disposto a ceder nesse ponto se fosse testemunha de algum ato prodigioso que verdadeiramente desafiasse as leis naturais.

E nessa manhã nos encontramos em um restaurante em frente ao hotel onde ele estava hospedado. Estávamos praticamente a sós no local, sem contar um engraxate que dormitava em um canto e o garçom que nos olhava com um ar alheio. Considerando que esse era o momento apropriado, perguntei:

"Você pode me provar seus ensinamentos com algum ato de poder?"

Olhou-me com assombro, como se esperasse qualquer coisa menos isto, e levou alguns segundos para responder.

"Infelizmente - falou -, não posso provar nada para sua mente. Está demasiado feita.

"Para validar o nagual é necessário ter energia livre, e para isto, o único recurso que eu conheço é a impecabilidade. No mundo da energia tudo tem seu preço, logo, depende de você. Eu não posso silenciar sua mente, mas você sim pode fazê-lo, verificando o que eu digo por você mesmo".

Perguntei o que podia fazer com as dúvidas que inevitavelmente surgiram em mim.

Respondeu:

"A incerteza é o estado natural das vítimas; por outro lado, a confiança e a audácia são características dos predadores. Você decide".

"O principal é que você entenda que não existe algo assim como 'os ensinamentos de Castaneda'. Eu só trato de ser direto e agir a partir do meu silêncio - um curso de ação que recomendo, porque acaba com a loucura. Eu não sou um nagual poderoso como don Juan e tampouco sou seu benfeitor. Mas eu sim fui testemunha de atos que o deixariam mudo de surpresa e não tenho nenhum inconveniente em contá-los. Só que essas histórias não lhe dirão nada, a menos que você baixe a guarda e permita que elas penetrem dentro de você".

"Se você quer verificar as histórias de poder tem que se abrir para a experiência. Não se proteja em suas interpretações, porque, apesar de todos os nossos estudos como homens comuns e normais, na realidade sabemos muito pouco sobre o mundo".

"Você, como qualquer outro aprendiz de bruxaria, tem um campo enorme onde treinar. Por exemplo, aí estão seus altos e baixos emocionais, suas drenagens energéticas. Tape-os e você verá como as coisas mudam. Aí estão essas oito horas que você passa todas as noites como um vegetal, sem perceber nada. Explore-os, tome o controle e se atreva a testemunhar. Se você elucida os segredos de seu sonho terminará vendo o que eu vejo e já não haverá dúvidas em sua mente".

Nós permanecemos calados por um momento enquanto nos serviam nossas comidas.

Carlos interrompeu o silêncio.

"Lembre-se, as dúvidas são o ruído de nossos escombros mentais. Nada muito profundo".

Respondi que, de acordo com o pouco que eu havia aprendido em meu caminhar pela vida, duvidar é a base de todo o conhecimento verdadeiro.

Mas ele tinha uma teoria diferente. Arguiu:

“Passamos tanto tempo acumulando porcarias que nos é muito difícil aceitar algo novo. Estamos dispostos a perder anos de vida enchendo formas ou discutindo com os amigos; mas se nos dizem que o mundo é único e está cheio de magia, sentimos desconfiança e corremos a nos refugiar em nosso catálogo de idéias pré-concebidas”.

“Por outro lado, um animal que preda luta toda sua vida para aperfeiçoar suas técnicas de caça, mantém permanentemente preparado seu sentido de oportunidade e não se deixa aturdir pelas aparências das coisas. É cauteloso e paciente. Sabe que sua vítima pode saltar detrás de qualquer moita e que a menor hesitação pode ser a diferença entre continuar vivendo ou perecer. Não carrega dúvidas”.

"Um guerreiro é caçador, não um cínico oportunista. Ou aceita completamente o desafio do conhecimento, com tudo o que isso envolve, ou suas próprias realizações o levarão a retroceder a uma condição mais terrível que a do homem comum".

Senti que as palavras dele continham uma repreensão oculta. Tentei me justificar, mas ele interrompeu:

“É evidente que você tem praticado. Em tais circunstâncias, sua mente se inquieta. Mas o lado doloroso de sua inquietude desaparecerá assim que você reconhecer que o que o preocupa é uma dúvida implantada”.

“Como todos nós, você foi treinado para passar toda a informação que recebe pelo filtro da razão. Você me lembra um cachorro que morava num asilo de velhinhos. Quando alguém, por compaixão, lhe lançava alguma migalha, ele se emocionava tanto que já não podia desfrutá-la com tranquilidade. Você é assim. Está tão agradecido por sua ciência que pensa que lhe deve algo, que não lhe pode ser infiel. Você já não ousa sonhar, não pode desfrutar o lado mágico do mundo”.

“Você tem fixado um parâmetro muito enganoso para suas verificações: a razão. O que eu proponho é que você substitua esse critério por outro, mais confiável e, principalmente, muito mais amplo: a sensatez. Eu já lhe expliquei que os bruxos estabelecem uma diferença radical entre ambos os conceitos. Para que você entenda melhor, pense, por exemplo, na história do mundo; foi feita na maior parte por pessoas muito sensatas que, porém, se atreveram a desafiar o sentido comum e foram contra aquilo que em seu momento parecia razoável”.

“Se você for mais além de nosso mundo, verá que é a mesma coisa. O universo não é razoável, mas pode ser enfrentado com energia e sensatez. Quando você aprender a usá-lo, então você o entenderá de um modo básico, sem palavras. Quem precisa de palavras quando se trata de testemunhar?”.

"Estou de acordo contigo em que, a partir do ponto de vista cotidiano, os conceitos da bruxaria são uma enorme ausência de sentido. Mas há uma dimensão profunda em nossa consciência onde não chegam as reclamações da mente, e um guerreiro não descansa até encontrá-la. Uma vez ali, descobre que a própria razão, quando é exercida com rigor inflexível e em sua totalidade, leva automaticamente à bruxaria, porque a essência da razão é a sobriedade, o desapego, a não compaixão.

“Uma vez dono da razão e não se deixando manipular por ela, o bruxo pode tentar o prodígio da fala, expressando em palavras o insondável enigma da existência. Mas essa é uma arte tão difícil que você só pode abordá-la por meio de um grande excedente de energia”.

“Ser um guerreiro é uma luta interminável por ser impecável. O truque dos bruxos é que eles sabem que a mesma energia que nós investimos em nos escravizar, é aque nos libera. Só temos que recanalizá-la e as histórias de poder começarão a se materializar diante de nossos olhos”.

"Portanto, não lute contra sua incerteza, vá com ela, use-a como estímulo para a verificação e a coloque a serviço de seus interesses energéticos. Verifique tudo, não deixe que uma história de poder permaneça no âmbito do mito. Comprometa-se intimamente com o conhecimento, mas comprometa-se como um guerreiro, não como um escravo da razão!"

Mostrou uma moça indígena que passava pela rua com um menino de uns nove meses de idade amarrado às suas costas. A face do pequenino irradiava uma curiosidade insaciável, que se derramava a borbotões de seus olhos pretos e redondos como pequenos espelhos de obsidiana, ávidos de olhar por toda parte.

Carlos continuou:

“O compromisso do guerreiro ante o espírito consiste em um retorno à nossa natureza original. É um pacto que todos fazemos pelo simples fato de termos nascido”.

"O impulso de atestar tudo nasce com o homem, mas é brutalmente mutilado desde os primeiros anos, sendo necessário descobri-lo novamente. Você tem que limpar seu interesse de todo o preconceito e voltar à pura curiosidade daquele menino. Um guerreiro é obrigado a verificar todo conhecimento que chega até sua porta, a experimentá-lo em princípio, não importando de onde proceda. E então tem que ter o discernimento necessário para selecionar e coletar o útil".

"Devo aplicar esse sentido de discernimento ao caminho que você apregoa?"

Pareceu se aborrecer com minha pergunta; e respondeu em tom firme:

"Eu já lhe falei que não há um caminho de Castaneda, como não há um de Buda, nem de Jesus Cristo! Você ainda não entendeu que não são necessários mestres? Eu não lhe estou vendendo uma mercadoria, não me interessa que você concorde comigo. Só lhe estou mostrando a direção, por mero afeto pessoal: vá e verifique, se é isso o que você quer; e se não, fique com a dúvida".

No momento de despedir, Carlos me disse:

"Você não deve prestar muita atenção às suas inquietudes. Elas são sintomáticas. Algo em seu interior está cedendo e é normal que sua forma humana se defenda. Muito logo, o trato com o nagual o sacudirá em sua cueca e então você precisará como nunca de sua sensatez. Talvez lamente haver me pedido um sinal!"

CREIO PORQUE QUERO

Eu acho difícil escrever sobre um conceito tão pessoal como "a verificação dos postulados dos bruxos", porque conseguir estar de acordo com eles não é questão de chegar a explicações coerentes, mas de envolver-se em alguns compromissos práticos mínimos para ir construindo uma nova forma de consenso a partir daí. Os elementos dessa nova linguagem, verdadeiro diálogo de guerreiros, não se fundamentam em nossas razões, mas em nossos ganhos energéticos.

Como explicou Carlos, a validade de um tópico tão irracional como é "o movimento do ponto de aglutinação" só pode ser feito através de premissas de poder. Como todo intento de explicarmos algo só é o produto da fixação desse ponto em uma posição específica, então não é possível outra forma de corroborar seu movimento que movê-lo por si mesmo e observar o que acontece.

Ao confrontar a esmagadora lógica de seu argumento, perguntei:

"Isso significa que não é possível verificar as declarações dos bruxos de uma perspectiva exterior?"

"Pelo contrário! - respondeu. Os efeitos do poder só podem ser vivenciados a partir do exterior, porque, uma vez que a atenção flui, deixamos de ser um eu rígido e isolado e nos fundimos com o mundo que nos cerca. Por isso os videntes dizem que o mistério do mundo não está dentro, mas fora. Ou, dito em outros termos, a solução não é mental, é prática!"

Perguntei o que tinha de prático um tópico tão vago como o movimento do ponto de aglutinação.

Respondeu que esse movimento era algo vago para mim, porque eu não tinha um controle voluntário sobre meus estados de consciência. Deu como exemplo aprender a ler e escrever, algo que pode parecer transcendente para um selvagem, mas que acaba se tornando uma necessidade vital para o homem civilizado. Sustentou que esse exemplo dava apenas uma pálida imagem da importante urgência que chega a ser o controle do ponto de aglutinação para o bruxo.

Quis saber como era possível que um tópico de tanta relevância passasse despercebido na vida da imensa maioria das pessoas.

Respondeu que o movimento do ponto de aglutinação é algo tão natural e ao mesmo tempo tão sofisticado como falar ou pensar. Se nunca nos ensinam como fazê-lo, nunca o faremos.

Assegurou que a chave para alcançar ou perder as extraordinárias realizações da bruxaria reside no consenso.

“Para verificar os fatos, primeiro é necessário concordar em seus significados. O ruim é que, para a maioria das pessoas, concordar é ser rígido, não sair da descrição oficial. É necessário ter muito desejo de saber para ousar explorar outras áreas de consenso”.

“Os bruxos comprovaram que há dois modos de estar de acordo. O primeiro é o consenso coletivo; parte da razão e pode levá-lo muito longe, mas inevitavelmente terminará lançando-o em um paradoxo. O segundo é o consenso induzido pelo movimento do ponto de aglutinação e só pode ser corroborado por aqueles que compartilham circunstâncias semelhantes”.

“Um consenso baseado na experiência individual leva vantagem a um embasado em explicações, porque a vivência dos sentidos é completa em si mesma; por outro lado, a razão só funciona por meio de comparações, positivo e negativo, certo ou errado, e assim por diante”.

“O primeiro efeito de penetrar no consenso dos bruxos é que essas dualidades que sempre aceitamos como algo evidente deixam de ser operantes, o que, em princípio, é extremamente desconcertante para a razão. Com o tempo, os bruxos aprendem que, em um mundo onde não há objetos sólidos, mas seres que fluem entre diversos estados de consciência, não faz sentido tentar separar a verdade da mentira”.

“Don Juan dizia que a verdade é como a pedra angular de um edifício, um homem sensato não deveria tentar removê-la! Quando nos rendemos às definições estagnamos a energia. Essa tendência, é uma imposição da mente alienígena e é necessário acabar com ela. Don Juan chamava à substituição do consenso da razão pelo consenso da experiência, ‘acreditar sem acreditar’. Para os bruxos, isto redefine completamente o conceito de corroboração”.

“Eles não buscam definições, mas resultados. Se uma prática consegue elevar nosso nível de consciência, que importa como a expliquemos! Os meios que nos levam a agir para economizar e aumentar nossa energia não têm nenhuma importância, porque uma vez em

posse de nossa totalidade, entraremos em um novo campo de atenção onde já não nos importam os conceitos e as coisas se demonstram por si mesmas”.

“Talvez você considere que estas afirmações sejam uma permissão para a irresponsabilidade. Mas um guerreiro entende a verdadeira mensagem: a ‘realidade’ é um fazer, e um fazer se mede por seus frutos”.

“Qualquer pessoa que julgue um bruxo do ponto de vista cotidiano, achará que ele é um mentiroso incorrigível, porque os universos de ambos não coincidem. E se é o bruxo quem tenta explicar o inexplicável com palavras emprestadas, inevitavelmente se emaranhará em contradições e parecerá um farsante ou um louco. Por isso eu disse que, visto da perspectiva do cotidiano, o mundo do nagual é uma fraude”.

“Na realidade, todos os ismos são iguais e o nagualismo não é a exceção. Mas, ao contrário dos defensores da razão, interessados em achar seguidores para sua forma de consenso, o bruxo não diz que sua visão do mundo é a verdadeira; ele diz: ‘acredito porque quero, e você também pode fazê-lo’. Esse gesto de vontade é em si mesmo algo muito poderoso e causa, como uma avalanche, eventos de poder”.

“Se você notar bem, comprovará que as crianças não acreditam na magia do mundo por ingenuidade, elas acreditam porque estão completas e VÊEM! A mesma coisa acontece com os bruxos. As histórias fabulosas que tenho contado não pertencem ao plano da realidade em que você e eu estamos conversando neste momento, mas aconteceram!”.

“O nagualismo é como alguém que herdou uma história e um mapa de um tesouro, mas não acreditou nisto; assim, vem e transfere para você seu segredo. E você é tão inteligente ou tão ingênuo que toma a história como certa e se esforça por decifrar o mapa. Mas o mapa está codificado com diversos códigos que o levam a aprender vários idiomas, ir a lugares difíceis, a escavar a terra, escalar montanhas, descer em desfiladeiros e mergulhar em águas profundas”.

“No final, depois de anos de procura, você chega no lugar onde deveria estar o tesouro e, oh decepção!, você só acha um espelho. Era uma mentira? Bom, você está saudável, forte, culto, cheio de aventuras e com uma grande experiência. Verdadeiramente, havia um tesouro ali!”.

"Levando em consideração que não há verdades nem mentiras no fluxo da energia, um guerreiro escolhe acreditar por predileção, pela emoção da aventura, e assim ele aprende a enfocar o mundo a partir de um outro ponto de vista - o enfoque do silêncio. É então quando o imenso tesouro do ensinamento se revela"

UMA NOVA ETAPA DO CONHECIMENTO

Ao terminar a apresentação do seu novo livro, saímos caminhando pela avenida dos Insurgentes. Era uma noite um pouco fria e surpreendentemente clara. O ar cheirava a limpeza.

Enquanto passeávamos, Carlos comentou que não gostava desse tipo de atividade pela quantidade de bajuladores que se reuniam e porque lhe obrigavam a brindar com champanhe. A técnica dele era manter um cálice cheio durante todo o evento, sem provar um gole; desse modo paravam de convidá-lo.

Acrescentou que sua carreira literária começou com um desafio. Em certa ocasião don Juan lhe propôs que, a fim de usar a grande quantidade de notas que ele tinha acumulado durante seu ensinamento, escrevesse um livro. No princípio ele considerou isto como uma brincadeira, já que ele não era um escritor. Porém, don Juan fez a sugestão como um exercício de bruxaria.

A partir daí, ele começou a tomar gosto pelo seu trabalho e terminou compreendendo que, para ele, os livros eram uma avenida à sua verdadeira missão como nagual.

Perguntei se ele não temia que a divulgação do ensinamento entre todo tipo de público acabasse corrompendo-o.

“Não! - respondeu. O que degenera o conhecimento é o hermetismo; por outro lado, colocá-lo ao alcance das pessoas o renova. Não há nada mais saudável para a energia que a fluidez, e isso implica, em primeiro lugar, ao conhecimento dos bruxos. Somos recipientes temporários do poder, não temos o direito de retê-lo. Ademais, este conhecimento só faz sentido para aqueles que o praticam e alcançam a energia necessária para corroborá-lo. O resto não importa”.

"Eu entrei no mundo do nagual no momento exato em que era necessário uma ruptura. Isso me forçou a tomar a decisão mais dramática de minha vida: publicar os ensinamentos. Foi muito duro para mim ser o divisor de águas da situação, e durante anos vivi com o trauma de não entender o que estava fazendo. Inclusive houve pessoas que me escreveram cartas ameaçadoras em nome da tradição; os bruxos da velha guarda não queriam perder suas prerrogativas”.

Comentei o extraordinário que me parecia que ele houvesse escolhido romper de um modo frontal com a tradição milenária do hermetismo.

“Eu não rompi nada! - replicou. O comando do espírito foi claro e não fiz outra coisa senão segui-lo”.

“No começo de minha aprendizagem fui preparado para tomar as rédeas da linhagem. Um dia tudo mudou. Os guerreiros do grupo viram que minha estrutura energética era diferente da do nagual Juan Matus, e interpretaram-na como um comando inapelável. Como dita a regra, eles puseram em minhas mãos a pesada responsabilidade de fechar a linhagem”.

“Durante séculos, os grupos de guerreiros tinham agido como uma esponja, absorvendo experiência para corroborar os sofisticados princípios do caminho do conhecimento. A única saída que me restava foi devolver esse conhecimento às pessoas”.

"O ciclo de meus livros é um começo, um humilde intento de pôr ao alcance do homem moderno fragmentos de um conhecimento que durante gerações ficou escondido. O momento das corroborações virá depois e a esse seguirão outros ciclos, porque, uma vez que o ensinamento dos bruxos chegue às mãos do público, será inevitável que alguns comecem a questionar-se e experimentar com a percepção, descobrindo deste modo todo o potencial do qual nós somos capazes”.

Perguntei qual havia sido a reação de don Juan e seus companheiros quando eles souberam que os segredos do grupo estavam sendo divulgados.

Respondeu:

“Eu já contei como em uma ocasião, ao levar uma cópia de um de meus livros para don Juan, ele o devolveu com um comentário desdenhoso. Isso é só a metade da verdade. O fato é que ele foi o autor desses textos. Não que os haja escrito letra por letra, mas que assumiu a responsabilidade pelo assunto e supervisionou cada uma de minhas afirmações. Com o tempo, descobri que a estratégia de don Juan tinha sido cuidadosamente calculada”.

“O plano do nagual é de um atrevimento supremo e de uma simplicidade genial. Ele introduziu publicamente o conhecimento dos videntes, não para o engrandecimento das academias, mas para a elevação do nível de consciência das massas; e o introduziu através

das próprias instituições que o poderiam refutar. Ele sabia que expor os ensinamentos por meio de um formato místico ou religioso não calaria tão fundo quanto uma apresentação apoiada com o aval da ciência. Por isso me exigiu que redigisse meu primeiro livro como uma tese universitária”.

"A operação do nagual Juan Matus começa como uma nova etapa na transmissão do conhecimento, uma etapa sem precedentes. Nunca antes os segredos do movimento do ponto de aglutinação haviam sido postos por escrito!".

O COMPROMISSO É COM O ENSONHO

Quando contei que eu havia estado freqüentando certos grupos da tradição mexicana à procura das chaves do conhecimento antigo, Carlos o tomou como se fosse uma piada e começou a rir. Observando minha reação de desconcerto, pediu que não interpretasse seu riso como uma alusão pessoal. O que acontecia era que minhas investigações lhe recordavam seus próprios passos quando ele tinha chegado ao México como um estudante à procura de informação.

Explicou que, de acordo com os ensinamentos de don Juan e pelo que ele mesmo tinha podido descobrir, há dois tipos de tradição: a formal e a energética. Uma não tem nada a ver com a outra.

"A tradição formal se apóia no segredo e na conservação das rotinas, transmite alegorias e produz pastores e rebanhos. A tradição energética maneja realizações concretas, como o VER e o mocimento do ponto de aglutinação; sua fortaleza é a renovação e a experimentação,e produz guerreiros impecáveis.

"Um guerreiro se entrega à sua tarefa, não gasta sua energia seguindo a ninguém. Os costumes sociais os têm sem cuidado, não importa que sejam contemporâneos ou que tenham milênios de tradição. Ademais, o secreto não faz parte de sua espreita".

Respondi que, na minha opinião, a existência de um conhecimento ancestral em diversas tradições da Terra está justificada no fato de que suas técnicas de manipulação da consciência não podem ser dadas por meio de livros, mas oralmente. A interação com um mestre de sabedoria tem que ser pessoal.

Comentou:

"Isso você leu por aí, verdade?"

Ambos rimos.

Falou que o conhecimento verdadeiramente útil é muito simples e cabe em umas poucas palavras.

"Não é necessário formar tanto estrondo com ele, e não importa como é transmitido. Se é de forma oral, que bom; mas qualquer outro meio serve igualmente. A coisa importante é convencer-se a si mesmo de que não há tempo para tolices, porque a morte vem pisando nossos calcanhares. Fora dessa verdade, é muito pouco o que um guerreiro necessita, porque o sentido da urgência o levará a economizar sua energia e a energia acumulada lhe permitirá descobrir sua totalidade".

Comentei que, de acordo com o que eu tinha lido, a divulgação do conhecimento secreto é uma característica da atividade dos bruxos "negros"; por outro lado, os "brancos" transmitem o que sabem com cautela, porque eles estão conscientes de que o conhecimento envolve certo perigo para os que não estão preparados para recebê-lo.

Carlos moveu a cabeça com incredulidade.

"Mas, o que acontece com você? - perguntou. O que nos destrói é a ignorância, não o conhecimento! Não há nada nas profundezas do conhecimento que possa pôr em risco os autênticos interesses do homem!".

"Você parte de uma idéia errônea, mas muito comum: que há dois tipos de conhecimento o de 'fora' e o de 'dentro'. Os videntes, por outro lado, dizem que o conhecimento é um e o que não o leva diretamente à liberdade, não vale a pena. Para eles é ao contrário do que você diz; a feitiçaria escura dos antigos está associada com os segredos, enquanto a transparência é característica dos novos videntes".

"Então, Carlos, você nega a existência de certo conhecimento iniciático dentro da tradição mexicana?"

Em vez de responder, Carlos exigiu que lhe definisse o termo 'iniciado'. Isto me pôs em apuros, porque na realidade eu não tinha uma idéia muito clara a esse respeito. Fazendo um esforço, expliquei que os iniciados são as pessoas que, graças a seus méritos, são receptores de certos conhecimentos tradicionais que o resto de seus semelhantes não possuem.

Enquanto eu falava, Carlos concordava com gravidade. Quando terminei, ele comentou:

"Essa definição é um retrato da importância que você concede a si mesmo".

Sustentou que classificar os seres humanos pelo que sabem é um mero arranjo do inventário coletivo, algo assim como fazer distinções entre as formigas de uma fileira porque algumas são mais escurinhas que as outras.

"O irônico é que, na realidade, os humanos sim se dividem em dois grupos: os que dissipam sua energia e os que a conservam. A estes últimos você pode chamá-los como quiser: bruxos, toltecas, iniciados; é o mesmo, tenham um mestre ou não tenham. Sua realidade luminosa é tal que estão a um passo da liberdade. O que ninguém pode ensinar, os guerreiros obtêm deles mesmos ouvindo os comandos silenciosos do espírito.

"Abrir-se ao poder é um processo natural. Nenhum homem pode dizer para outro: 'você está aberto!' - a menos que seja um farsante. Tampouco existe um atalho que nos leve de forma automática à liberdade. Os segredos iniciáticos são símbolos da arrogância dos antigos, chaves sem portas que não conduzem a nenhum lugar. Você gasta sua vida procurando-os e no fim, quando os obtém, você descobre que não tem nada".

"Você acredita que o que diferencia o conhecimento é o modo como é transmitido, se é por livros ou por tradição oral. Não pensa que ambos os meios são a mesma coisa, porque ambos pertencem a nosso consenso cotidiano. Que importância tem o modo que você receba a informação? O que importa é que você se convença para que atue!".

"O método dos bruxos é a economia sistemática da energia. Eles afirmam que, o que separa os homens não é o que sabem, mas quanta energia possuem. A verdadeira forma de transmitir o conhecimento é em estados acrescentados de consciência. O compromisso dos bruxos não é com um livro ou com uma cerimônia, mas com o ensinho. Quando um guerreiro aprender a capturar a experiência através de seus sonhos, já não importa como lhe

são apresentados os ensinamentos, posto que sua percepção é pura e ele pode corroborá-la com seu ver".

A MASSIFICAÇÃO DO ENSINAMENTO

Em outras de nossas conversações me contou que, apesar de que em muitos aspectos eram opostos, há algo que os antigos e os novos videntes nunca puseram em julgamento: a necessidade de esconder o conhecimento. Eles transformaram o idioma tolteca em um bosque de metáforas, onde quase qualquer coisa podia ser dito com quase qualquer combinação de palavras. E também foram eles os que afundaram as sociedades pré-hispânicas sob uma carga insuportável de rituais, procedimentos e contra-senhas. Isso, em vez de fortalecer a bruxaria, a debilitou.

"A herança do secreto ainda pesa sobre os grupos de conhecimento, embora eu tenha tentado sacudir isto".

Perguntei a que se deve o interesse dos bruxos em esconder o ensinamento.

Respondeu que cada ciclo de videntes teve suas próprias razões para isto.

"Os antigos partiram de uma compreensão de que nós somos transitórios, mas eles se deixaram corromper com sedutoras idéias de sobrevivência. Como resultado, se encheram de importância e caíram na exclusividade. Eram como as pirâmides que construíram: tão evidentes e atraentes quanto herméticas e inacessíveis. Desfrutavam em se manter a distância das pessoas comuns, as quais consideravam indignas e ignorantes. Mas, ao mesmo tempo, eram incapazes de prescindir de uma corte de seguidores. Essa contradição causou longas batalhas pelo domínio do rebanho e destruiu grande parte do verdadeiro conhecimento.

"A importância pessoal e seus desagradáveis parentes, o secreto e a exclusividade, se alimentam da fixação do ponto de aglutinação. Por isso, o grande interesse dos antigos era gerar tradições rígidas, para desse modo conseguir a máxima estabilidade no seio de suas sociedades. Na realidade, seu interesse pelo espírito estava muito misturado com suas ambições de poder temporal".

"Os novos videntes descontinuaram tudo isso porque puseram em primeiro plano a fluidez do ponto de aglutinação. Eles tinham observado que, assim que esse ponto se move, a idéia do secreto se torna uma estupidez, porque no reino da energia não há limites rígidos entre os seres conscientes. Em consequência, para eles era de máxima importância descartar a especulação e enfatizar o lado prático do caminho.

“Porém, logo eles entraram em contato com uma amarga realidade: as pessoas comuns não os entendiam; pelo contrário, elas lhes temiam e tentavam destruí-los onde queira que os descobrissem. O hermetismo dos novos videntes não foi motivado pelos sentimentos de superioridade que moveram seus antecessores, mas por razões de estratégia. Seu hermetismo lhes correspondeu viver uma perseguição extrema e se viram obrigados a se protegerem”.

“É uma ironia histórica que apesar da legitimidade de seus motivos, com o tempo a estratégia dos novos videntes desencadeou os mesmos efeitos que a arrogância dos antigos. Depois de séculos de hermetismo, todas as suas energias se voltaram para esconder o conhecimento, e muitos acabaram esquecendo o que era que tinham escondido”.

"Na atualidade, a modalidade de nossa época está mudando depressa; em consequência, também muda algo que parecia imutável: a forma de transmitir os ensinamentos. Os naguais de agora estão forçados a achar novas formas para a energia, ainda que isso signifique jogar fora os mais arraigados costumes".

"Por que essa mudança?".

“Porque as circunstâncias se adiantaram à tradição. Manter oculto o conhecimento já não é mais uma exigência vital. Há quem poderia criticá-lo por divulgá-lo, mas hoje ninguém mata por isso. Assim, continuar com a prática de censurar porções do conhecimento se tornou catastrófico para o objetivo total da bruxaria, pois, ao não ser parte de uma verdadeira espreita, essas porções fermentam dentro de nós e servem de alimento ao arraigado sentido da importância”.

“Minha primeira medida como nagual foi acabar com o hermetismo de meus antecessores queimando os segredos. A escolha dos guerreiros atuais é a liberdade. Hoje nós podemos dizer o que quisermos, deixando quem nos escuta em posição de aceitar ou não. Isso gerou imediatamente uma extraordinária consequência, que os naguais anteriores a mim nunca puderam desfrutar: a massificação das práticas”.

"A massificação é nossa válvula de segurança. Você pode enganar à mente das pessoas, porque afinal de contas a mente não é algo deles. Mas você não pode confundir a massa luminosa de centenas ou milhares de intentos enfocados em forma coletiva sobre o objetivo da liberdade.

"A massa é energia, e a energia nos permite romper a estagnação da atenção. Através da prática coletiva dos passes mágicos, eu fui testemunha de uma verdadeira manifestação energética no mundo inteiro, algo que, pela primeira vez, me permitiu acreditar na viabilidade de minha tarefa. Minhas companheiras e eu estamos tão emocionados com o que está acontecendo que não temos palavras para descrevê-lo".

OS PASSES MÁGICOS

Durante anos, Carlos tinha ensinado a pequenos grupos alguns movimentos aos quais ele chamava "passes mágicos", porque, de acordo com ele, serviam para impedir que a energia se estagnasse e formasse "bolas". Entre estes estava "o toque do tambor", "o flechaço à direita e a esquerda", "o dínamo" e vários outros. Ele disse que don Juan os praticava a qualquer hora do dia e em qualquer lugar em que estivesse. A maioria das vezes os fazia antes ou depois de carregar algo, ou quando havia estado um longo tempo em uma única posição.

O assunto me interessou muito, pois eu praticava por minha conta algumas posturas orientais e tinha uma grande inclinação aos exercícios físicos. Portanto, na primeira oportunidade que eu tive, perguntei onde ele tinha aprendido os passes mágicos.

Respondeu:

"São a herança dos antigos videntes".

Naquele tempo ele não se deixava ver muito em público. Mas, pouco a pouco, foi flexibilizando seu hermetismo e começaram a se aproximar grandes grupos de pessoas. Por causa da divulgação, Carlos começou a mudar o desenho dos passes, fazendo-os mais complicados e dividindo-os em categorias. Acabou pondo-lhes um nome tirado da arquitetura: Tensegridade. E, como ele nos disse, era a combinação de dois termos, tensão e integridade.

Desde o primeiro momento houve alguns detratores, pessoas ressentidas que, sem parar para avaliar o lado prático desses exercícios, começaram a propagar que o nagual os havia tirado da manga.

Quando comentei minha inquietude a respeito, ele foi firme:

“A Tensegridade é meu intento! Um nagual tem autoridade e esse é meu presente ao mundo”.

"Don Juan e seus guerreiros ensinaram a seus aprendizes muitos movimentos específicos que nos encheram de energia e bem-estar; que nos ajudaram a sacudir o domínio da mente alienígena. Meu papel foi modificá-los ligeiramente, tirando-os do aspecto pessoal e adaptando-os à generalidade das pessoas, de forma que eles sejam úteis a outros grupos de praticantes".

Contou que o método que ele tinha escolhido no princípio, de ensinar os passes mágicos de forma limitada, foi em certo sentido um fracasso, já que aqueles que se animaram a praticar eram muito poucos para acumular a suficiente "massa energética". Assim, nesta nova fase, ele tinha criado um sistema capaz de causar impacto na consciência das multidões.

“Minhas companheiras e eu abriremos uma grande porta na energia. Essa fissura é tão poderosa que perdurará durante eras e os que se aproximarem para olhar serão engolidos para o outro mundo. Com a Tensegridade, o que eu busco é treinar aos interessados para que suportem essa transição. Aqueles que não tenham a disciplina necessária, perecerão no intento”.

"O plano de divulgar o ensinamento é o resumo de trinta anos de práticas e experiências. Como homem e como nagual, eu fiz tudo o que pude para que isto funcione, porque sei que a massa congregada de muitos guerreiros pode causar uma comoção na modalidade de nossa época".

O FIM DA LINHAGEM

Em diversas ocasiões, Carlos afirmou que a linhagem de don Juan Matus terminava com ele. Mas quando quis saber algo mais a respeito, assegurou que, no momento, não podia me dar outros detalhes.

"Eu não posso saber com precisão qual será o desígnio do poder. Quem sou eu para determinar algo assim? Eu sei que a forma tradicional da linhagem à qual eu pertença acaba comigo. Mas, se vai continuar no futuro sob um novo formato ou não, isso é determinado por uma força superior".

Falou que levava anos esperando sinais de continuidade. Concretamente, uma pessoa que tivesse as características luminosas para ser o novo nagual, mas esses sinais não apareciam. Por conseguinte, ele tinha decidido agir de um modo impecável, como se ele fosse o último nagual sobre a terra. Daí sua urgência por contar tudo.

"Aproveite-me! - falou. Estou liquidando tudo o que me foi entregue".

Com tristeza, perguntei se isso significava que, a partir dele, acabava a transmissão do ensinamento.

Respondeu:

"Não. Meu destino é fechar uma linha, só isso. Estou seguro de que o espírito achará a forma de seguir adiante, porque a corrente do conhecimento não pode parar".

"A extinção de uma linhagem de bruxos ou o nascimento de outra são incidentes constantes no vai e vem da energia. Sei de vários grupos de guerreiros que estão vivos na atualidade, preparando-se para o salto final, e também posso prever o começo de um novo ciclo, correspondente à renovação dos paradigmas culturais para o próximo milênio".

A EVOLUÇÃO DO CAMINHO

Essa manhã, Carlos pediu que escolhesse bem minha pergunta, porque tinha pouco tempo para conversar comigo antes embarcar em seu avião.

Comentei que tinha estado lendo seus livros sobre os ciclos de guerreiros que ele chamava de "antigos" e "novos" videntes, mas que a diferença entre eles me escapava.

Respondeu que eu tinha escolhido um bom tópico de conversação, já que entender essa diferença era básico para evitar os erros dos antigos.

Explicou que, como tudo neste universo, o caminho dos bruxos é evolutivo. Por isso, um nagual é obrigado a se referir aos ensinamentos de uma maneira sempre nova. Como consequência dessa estratégia, o nagualismo, como sistema total de práticas, divide-se em castas ou ciclos.

“Desde que começou a aventura do homem à procura do espírito até hoje, houve pelo menos três castas de bruxos: os dos primeiros tempos, os videntes antigos e os novos. Os primeiros bruxos viveram faz tanto tempo, que eram muito diferentes de nós. Hoje apenas compreendemos sua visão do mundo, mas sabemos que eles sobreviveram em condições muito difíceis nas quais qualquer um de nós sucumbiria”.

“Os antigos videntes foram um refinamento dessa estirpe original. Eles se adaptaram ao solo da América e souberam criar aqui verdadeiras civilizações. Foram homens temerários que usaram o intento a um nível incompreensível para nós. Eles estavam embriagados de poder. Podiam mover pedras gigantescas, voar ou se transformar à vontade. Conviviam com seres inorgânicos e criaram uma cultura à sua medida, repleta de histórias fabulosas”.

“As lendas os descrevem com acerto. Esses bruxos são os heróis de nossa mitologia. O que eles procuravam era viver a qualquer preço, e conseguiram!”.

“Os antigos começaram a mover seus pontos de aglutinação através do consumo de plantas de poder. Logo, seus mestres inorgânicos lhes indicaram como fazer as coisas. Eles só precisaram de interesse para entender o que é este mundo e esse interesse os levou a desenhar as mais extraordinárias técnicas para a exploração da consciência”.

"Mas não pense que os antigos eram só homens de ação. Eles também eram pensadores muito profundos que levaram a arte de compreender até os limites da atenção.

Comparado com eles, nós somos umas bestas. Ao homem de agora não lhe interessa a razão de por quê está vivo, por isso não encontra a paz, não se encontra a si mesmo. Nós temos muito o que aprender daqueles precursores que acharam as respostas para o beco sem saída em que nos metemos".

"A que beco se refere?".

"A nossa visão de um mundo de objetos. Essa visão tem sido muito útil, mas, ao mesmo tempo, a pior de nossas calamidades. O interesse do homem atual é o de um animal predador: usar, possuir, aniquilar. Mas esse animal tem se domesticado a si mesmo, condenando-se a viver dentro de um inventário material. Como cada um dos objetos que usa tem uma longa história, o homem moderno vive perdido dentro de sua própria criação".

"Por outro lado, o interesse dos antigos era a relação entre o Cosmos e o ser que vai morrer. Eles conseguiram chegar à sua própria visão. Eles não tinham se esquecido de que nós somos viajantes em uma estação de parada".

Perguntei por que, se a visão deles era a correta, chegou o momento em que os antigos foram substituídos pelo ciclo dos novos videntes.

Respondeu que VER não é garantia de impecabilidade.

"Os antigos não puderam separar de suas práticas uma grande dose de importância pessoal. Como eles desfrutavam do poder sobre seus semelhantes, eles nunca puderam focalizar com clareza a proposta da liberdade total. Embora fossem videntes insuperáveis, foi impossível a eles prever que seu entusiasmo para descobrir o mundo ia terminar metendo-os em compromissos dos quais já não poderiam escapar".

"A maioria dos bruxos atuais são herdeiros dos antigos videntes. Ao ignorar os princípios do guerreiro, desvalorizaram o conhecimento. Eles se tornaram contadores de histórias, herbolários, curandeiros e dançarinos, mas perderam o domínio do ponto de aglutinação. Em muitos casos, eles nem mesmo se lembravam de que esse ponto existe".

"Os novos videntes tentaram dar um basta a tudo isso; aproveitaram a visão dos antigos, mas eles foram mais sábios e mais moderados. Eles cultivaram o intento inflexível e fixaram toda sua atenção no caminho do guerreiro. Desse modo, eles mudaram o intento total das práticas. Ao completar sua energia, alguns deles chegaram a vislumbrar um objetivo mais elevado que a aventura da segunda atenção e propuseram a possibilidade de ser livres".

“Através do ver, os novos videntes descobriram algo aterrador: que o entusiasmo dos antigos serviu de pasto a certas entidades conscientes chupadoras de energia. No princípio, o contrato entre esses seres e os humanos parecia muito bom, nós lhes dávamos parte de nossa energia e eles nos retribuía com uma ferramenta que então era uma novidade: a razão. Mas, com o tempo, demonstrou-se que o contrato era um roubo. A razão só serve para inventariar as coisas, não para compreendê-las. Também, deixa um desagradável subproduto que os videntes VÊEM como uma membrana escura que cerca nossa luminosidade: a importância pessoal”.

“Para os novos videntes isso era intolerável, porque eles pensaram em uma meta que os antigos nunca avistaram: a possibilidade de nos fundir diretamente com o universo, sem passar pela mediação inorgânica”.

"Os novos videntes foram bruxos pragmáticos, apaixonados pela validação. No desejo de apagar de suas práticas todo o vestígio de ego, tornaram-se pessoas desconfiadas. O método deles foi a eliminação: suprimiram tudo aquilo que não apontava diretamente a seu objetivo de liberdade total. O resultado foi que eles conseguiram fixar seu intento no intento mesmo, tornando-se um com ele. Infelizmente, esse método os obrigou a sacrificar enormes porções do conhecimento.

"O intento deles foi tão feroz que os levou a se fecharem sobre si mesmos. Eles encheram os ensinamentos de segredos. Considerando que as relações sociais não eram importantes para seus objetivos, eles se isolaram da sociedade, criando seus próprios e seletos grupos. Quase todos foram viver nas montanhas, na selva ou nos desertos onde eles permanecem até hoje, adquirindo características étnicas. Isso, certamente, não lhes ajudou a refinar a arte da espreita; e mais, terminou transformando sua busca de liberdade em um objetivo retórico".

OS VIDENTES DA NOVA ERA

“Os antigos e os novos videntes representam duas posições extremas ante o mesmo desafio: o resultado da adaptação dos bruxos às circunstâncias históricas muito concretas. Mas hoje os tempos mudaram”.

“Pelo desígnio da águia, ao menos uma das linhagens dos novos videntes foi capaz a recanalizar sua tarefa. Os últimos vinte e sete nagueais de minha linhagem têm procurado recuperar o espírito ousado dos antigos, mantendo ao mesmo tempo a sobriedade de propósito dos novos. Desse modo, conseguimos reunir a energia suficiente para intentar uma nova e mais equilibrada adaptação dos ensinamentos”.

"De acordo com don Juan, na atualidade estão ocorrendo mudanças volumosas na energia que inevitavelmente provocarão o aparecimento de um novo ciclo de guerreiros. Para os diferenciar dos seus antecessores, eu os chamei de videntes modernos ou videntes da nova era".

Antes de seguir adiante com seu relato, Carlos me esclareceu que, para ele, o conceito de "nova era" não tem nada a ver com o movimento místico contemporâneo do mesmo nome, mas que é uma extensão da antiga crença pré-hispânica em uma séries de idades que se sucedem uma depois da outra na história do mundo.

Perguntei por que nos seus livros ele não tinha mencionado nada sobre essa nova casta de guerreiros.

Respondeu:

"Meus livros descrevem uma fase de minha aprendizagem relativa a meu benfeitor e seus companheiros. Embora eles haviam conceitualizado o novo ciclo como uma necessidade estratégica, ainda não era parte de sua vivência imediata. Eles perceberam que suas próprias ações, ao me permitir e estimular a divulgação do conhecimento, fugia muito da regra para os novos videntes. Mas eles deixaram a meu critério encontrar termos adequados para descrever o que estava acontecendo".

"Em que momento começaram a surgir esses videntes?"

"Apenas estão aparecendo.

"Tudo começou com a conquista do México. Os novos videntes tomaram a mudança como um sinal e eles compreenderam que era necessário revisar a tradição. Mas as coisas teriam ficado por ali, se não fosse pela manifestação em nossa linhagem de um ser a quem chamamos 'o desafiante da morte'. Ele devolveu aos novos videntes o sentido da aventura e a fascinação pelo desconhecido. O contato com essa entidade foi decisiva para nós".

Avidamente, pedi que me contasse mais sobre o desafiante, um dos personagens mais extraordinários e incompreensíveis de seus livros.

Respondeu:

"O desafiante é uma entidade de suprema consciência. Nasceu há aproximadamente uns dez mil anos atrás. Mas só se introduziu fisicamente na linhagem pela época do nagual Sebastian, no ano de 1723".

"O desafiante é uma pessoa?"

"Foi um homem em outros tempos, quando a sede de saber estava viva e o ser humano se rendia ao seu amor pela Terra. É o expoente típico daquela mentalidade. Se você falasse com ele, notaria que nós compartilhamos uma mesma ânsia de companheirismo, um interesse pelo engrandecimento da consciência. Mas também veria coisas estranhas. Ele vive em outra visão. Seu sentido do 'eu' é muito diferente do nosso, porque abarca uma gama de sensações muito maior, não tem sexo, idade, nacionalidade ou idioma definido. não tem amigos nem parentes; pior ainda, não tem semelhantes. Passa pelo mundo como um fantasma e a maior parte de seu tempo permanece recluso em algum profundo nicho de ensonho.

"A contribuição dele para nossa linhagem, tanto em técnicas como em conhecimentos teóricos, foi monumental. Esse guerreiro conhecia todas as artes dos antigos e muito mais! Se pode dizer que foi a partir de sua presença que germinou o ciclo dos videntes modernos.

"O segundo sinal de que chegavam tempos de mudança foi a presença na linhagem de um estrangeiro: o nagual Luhan. Como você já sabe, Luhan era chinês. Embora ele tivesse recebido uma alta educação em seu país, seu caráter aventureiro o levou a tornar-se marinheiro, e viveu uma existência errática pelo planeta, até o dia em que sua sorte o colocou no caminho do poder".

"O jovem Luhan tinha desembarcado no porto de Veracruz e passeava à procura de diversão, quando um incidente de azar fez com que ele saísse cambaleando da porta de um bar e fosse colidir de cabeça contra o nagual Santiesteban que não teve tempo de reagir. Este evento, incomum na vida de um bruxo, foi tomado como um sinal.

“Você pode imaginar a confusão dos novos videntes! O espírito tinha falado de forma óbvia e ordenado que os segredos vigiados por muitas gerações de guerreiros fossem postos nas mãos de um estranho. Desse modo, Luhan foi aceito como o novo nagual e seu domínio das artes marciais se tornou um patrimônio da linhagem”.

"Mas a confirmação desses sinais aconteceu dois séculos depois, quando outro nagual cuja constituição luminosa saía inteiramente do convencional, veio cair nas mãos daquele velho estranho, don Juan Matus. Nem ele nem eu sabíamos disso então, mas o destino do conhecimento dos novos videntes tinha sido selado".

PREPARAÇÃO INTELECTUAL

Em uma das últimas conversas que tivemos, Carlos caracterizou os videntes de agora como guerreiros que se destacam pela franqueza. Detestam as atitudes furtivas que tradicionalmente tinham distinguido os bruxos e renunciaram a toda a doutrina que não fosse transparente como o cristal e que não se apoiasse na verificação imediata.

“Outra peculiaridade que os identifica é que, ao contrário de seus antepassados, eles estão coletivamente orientados para a liberdade. Os antigos videntes delinearão a liberdade como uma meta teórica, algo que estava além de suas possibilidades concretas. Por outro lado, os novos viram isto exclusivamente como um compromisso individual. Para os videntes atuais, por outro lado, ser livre é o propósito coletivo do grupo de poder, a essência de suas ações e sua razão de ser”.

“Os guerreiros modernos estão inflexivelmente comprometidos entre si. Eles sacrificaram seus interesses como indivíduos em pró do grupo. Seu vínculo de poder os leva a se estimularem e a se reatraírem continuamente a fim de não baixar a guarda. E seu juramento como guerreiros se baseia no propósito de irem todos juntos à terceira atenção. Ao estarem mais próximos que nunca da liberdade, estes guerreiros são mais independentes e mais auto-suficientes que seus antecessores”.

“Porém o mais notável deles é sua capacidade de revisão. Nestes momentos os buscadores de conhecimento são obrigados a examinarem atentamente tudo aquilo que foi dito no passado, adaptando o conhecimento tradicional à modalidade da época a fim de que o caminho do guerreiro chegue a ser verdadeiramente entendido pelas pessoas”.

“A técnica para que essa revisão não derive para o capricho, é o VER. Ver a natureza luminosa do mundo nos permite escolher, sem possibilidade de erro, os símbolos mais apropriados para transmitir as idéias”.

“Parte de minha tarefa como nagual foi renovar a nomenclatura. As palavras se desgastam. Mesmo don Juan empregava termos que, do meu ponto de vista, já são arcaicos, porque estão vinculados com a antiguidade do México, não com o mundo de hoje. Porém, por falta de tempo, não dediquei bastante atenção a este assunto. É uma tarefa que deixo aos que queiram assumí-la”.

“A fase do conhecimento inaugurada por meus livros rompe em dois o curso do nagualismo. Eu vim dar ênfase ao intento, à busca de sensatez, à sobriedade e o sentido do

grupo de poder; vim abolir a servidão do hermetismo e revelar publicamente os passes mágicos”.

“A meta dos videntes atuais é hoje, mais que nunca, a liberdade total; mas, para alcançá-la, é importante o uso de estratégias cada vez mais refinadas. Já não nos serve como treinamento uma sociedade que parou de perseguir os bruxos abertamente. É nosso dever, então, achar novos campos onde treinar nossas potencialidades”.

“Conforme don Juan, o melhor desses campos, e ao mesmo tempo a garantia para que as estratégias de divulgação e de adaptação funcionem corretamente, é o intelecto. A ignorância já não é tolerável, o tempo dos bruxos do meio do mato já passou. Os bruxos da velha guarda ficaram enroscados nas tradições e eles perderam seu ingresso à eternidade; os de agora não querem que lhes aconteça a mesma coisa”.

“Portanto, a regra para os videntes da nova era é a preparação, esse é seu selo distintivo. Eles não só devem se preparar nas artes da bruxaria, mas, também, devem cultivar sua mente, com o propósito de saber e entender tudo. O intelecto é hoje o consolo do tolteca, tal como no passado foi sua preferência pelos rituais”.

"Don Juan dizia que cada guerreiro deste novo ciclo deveria ter pelo menos um título universitário a fim de aproveitar as armas que criou a ciência moderna e dirigí-las contra a desinformação. Isso elevará os níveis de sobrevivência do grupo e, no futuro, é algo que terá ainda maior peso".

A TAREFA DO NAGUAL

"Poderia me dizer qual é a tarefa que lhe deixou encomendada o nagual Juan Matus?"

Olhou-me com um ar de surpresa.

O habitual era que Carlos escondesse suas respostas entre palavras, ou que nos fosse dando, pouco a pouco, nas conversas dele. Mas desta vez mudou de tática.

Falou que minha pergunta era tão extraordinária, que não lhe restava mais remédio que tomá-la como um augúrio. Mas a resposta o comprometia de um modo tão pessoal, que só poderia transmití-la em um lugar apropriado. Por conseguinte, combinamos de nos ver no dia seguinte no Café Tacuba, um dos restaurantes favoritos de don Juan.

Depois do café da manhã, falou em tom solene que eu deveria silenciar meu diálogo interno, porque estávamos a ponto de visitar um lugar sagrado onde estava enterrado um famoso guerreiro da antiguidade. Acrescentou que o dia era perfeito para isto, porque desde o amanhecer tinha caído sobre a cidade uma escura névoa.

"E como tudo se tornou sinistro, hoje nossos sinais virão pela esquerda".

No princípio me causou graça o esforço dele para me impressionar. Mas, enquanto avançávamos em direção ao Zocalo, eu ia ficando mais e mais apreensivo.

Entramos pela bonita porta lateral da Catedral de México e ingressamos no gigantesco salão principal. Imediatamente, Carlos se aproximou da pia de água benta, molhou seus dedos e fez o sinal da cruz. Chamou minha atenção a familiaridade de seus movimentos, como se ele estivesse acostumado a assistir à missa.

Observando minha curiosidade, explicou que um guerreiro deve respeitar todas as convenções, particularmente a de uma instituição como a Igreja católica que durante séculos serviu como santuário para os bruxos.

Sentamos nos bancos da nave central e permanecemos durante algum tempo em silêncio. A atmosfera era muito calma, havia poucas pessoas naquele momento. Eu notei que a postura dele era muito direita e que seus olhos, nem abertos nem fechados, pareciam perdidos no emaranhado de decorações do altar principal. O suave cheiro de velas chegava até nosso banco e também o rumor de algumas vozes infantis que ensaiavam um coro; ou talvez fosse um gravador.

Pouco a pouco fui ensimesmando, até que perdi a noção do meio. A voz dele me sobressaltou:

"A tarefa que meu mestre me encomendou e minha missão como nagual para a era que começa, é mover o ponto de aglutinação da Terra".

Eu esperava qualquer coisa menos isso. Durante alguns segundos, minha mente não reagiu; simplesmente não tinha a menor idéia do que Carlos estava dizendo. Mas, de repente, a monstruosidade de sua tarefa me bateu no centro da razão e me descobri pensando que Carlos, ou estava louco, ou estava falando de algo do qual eu não tinha nem a mínima idéia.

Para aumentar minha confusão, ele parecia estar consciente de meus pensamentos, porque concordou ligeiramente com a cabeça e murmurou:

"É assim. Tem que estar louco para se deixar comprometer desse modo, e mais louco ainda para acreditar que seja possível cumprir".

Perguntei como era possível que um homem se propusesse uma semelhante façanha.

Respondeu:

"Assim como o outro mundo tem sua unidade móvel - os seres inorgânicos -, a Terra também a tem, e somos nós. Nós somos os filhos da Terra. O movimento do ponto de aglutinação de um número suficiente de guerreiros pode mover a modalidade de uma época, e isso é algo no que eu estou trabalhando agora".

Explicou que o ponto de aglutinação da Terra mudou muitas vezes no passado e o fará no futuro. Nos últimos tempos tem derivado de um modo contínuo para a área da razão.

“Isso é magnífico, porque, uma vez que se fixe lá, a humanidade terá uma oportunidade para mover-se ao outro lado e muitos homens e mulheres ficarão conscientes. O desafio para os videntes do futuro consistirá em manter esse enfoque durante o tempo que seja necessário para que se fixe, tornando-se uma posição permanente do planeta, um novo centro ao qual se poderá recorrer em qualquer momento e com inteira naturalidade”.

"O reenfoque da atenção da Terra é produto da ação combinada de muitas gerações de naguais. Os novos videntes o conceberam como uma possibilidade e descobriram que fazia parte da regra. Eles o incubaram com seu intento e determinaram que já chegou o momento".

"Qual é o resultado desse movimento?".

“Mover a fixação di planeta é a única saída ao dramático estado de escravidão ao qual fomos reduzidos. O leito de nossa civilização não tem saída, porque estamos isolados em um ponto remoto do Cosmos. Se não aprendermos a viajar pelas avenidas da consciência, chegaremos a um estado tal de frustração e desespero que a humanidade terminará destruindo-se a si mesma. Nossa opção atual é o caminho do guerreiro ou a extinção”.

“Porém, eu mesmo não posso atestar os efeitos totais de minha tarefa. O ponto de aglutinação da Terra é muito grande, tem uma inércia enorme. Minha missão é acender o pavio, mas levará seu tempo armar a fogueira. Na realidade, essa tarefa não é só minha, mas da totalidade dos videntes que chegarão”.

“O conhecimento do ponto de aglutinação é um presente maravilhoso que o espírito deu ao homem moderno, e é o catalisador para a mudança da modalidade desta época. Não é uma utopia, mas uma possibilidade real que espera ali, ao dobrar da esquina”.

"Não quero especular sobre as possibilidades que tenho de sair vitorioso em minha tarefa, mas insisto, porque isso é tudo o que me resta fazer. No íntimo, não tenho dúvidas. Considero que o futuro é luminoso, porque pertence à consciência; o que, para os bruxos, significa que pertence ao nagualismo".

ENCONTRO NA CRIPTA

Depois de descrever-me sua tarefa, Carlos levantou-se do banco onde nós estávamos sentados e aproximou-se do corrimão que guarda a entrada da cripta que existe debaixo da igreja. Eu o segui.

Mostrando-me as escadas com o queixo, falou:

"Você deve descer lá. Dentro vai ver um círculo no chão, corresponde ao centro exato da abóbada principal da igreja. De acordo com a tradição, nesse lugar jaz enterrado Cuauhtémoc, o último imperador asteca".

Perguntei que grau de precisão histórica tinha essa informação.

Respondeu que não sabia, mas que, em todo caso, a catacumba era um lugar interessante.

"Tudo o que eu quero é que você fique de pé um tempo no centro desse círculo com os olhos fechados, de forma que sintonize com a energia do lugar. É um lugar de poder dos bruxos antigos e o ajudará em sua tarefa".

Apertando minha mão com brevidade, acrescentou que ele não podia acompanhar-me nesta ocasião porque lhe esperavam em outra parte, e que desejava-me sorte. Sem me dar tempo de reagir, deu meia volta e se foi.

A atitude de Carlos ao pedir-me que descesse à cripta e então partir de forma abrupta deixou-me sem saber o que fazer. Com certa desconfiança, olhei a estreita escada e senti um hálito úmido. Com uma apreensão que não tinha nenhuma razão lógica, comecei a descer a escada de pedra que leva à porta de entrada.

A catacumba estava vazia. Chamou-me a atenção o ar lúgubre, a escassa iluminação, o cheiro de mofo e pó centenário e seu compacto silêncio. Enquanto explorava as tumbas que pertenceram a algumas famílias privilegiadas do México antigo, um calafrio percorreu minhas costas. Teria saído correndo dali, se não fosse porque queria cumprir a tarefa que Carlos tinha me encomendado.

Tentando controlar minha excitada imaginação, coloquei-me no lugar indicado - um espaço circular delimitado pela interseção de duas passagens -, fechei os olhos e fiz um esforço para silenciar minha mente. Depois de um momento, pude detectar que meu diálogo interno se calava por si mesmo.

Eu não sei quanto tempo passou. De repente senti que era observado. Abri os olhos como um raio, a tempo de ver que, a curta distância de onde eu estava, se encontrava em pé um homem de chapéu, com feições indígenas e olhar penetrante. O homem era alto, forte e bastante velho; ele tinha uma aparência rural e vestia camisa branca por fora, sandálias feitas em casa e uma sacola. Ao notar que eu o tinha descoberto, deslizou depressa a um recinto anexo localizado ao final da passagem, chamada a 'cripta dos bispos'. Os passos dele não fizeram o menor barulho.

Apesar de que me sentia muito assustado, minha curiosidade pôde mais e, preparando-me psicologicamente para a confrontação com o estranho personagem, eu cobri a curta distância que nos separava - aproximadamente sete ou oito metros. Ao penetrar na cripta, minha surpresa foi total. Não havia ninguém à vista. Como eu pude conferir com uma rápida inspeção, o recinto não tinha nenhuma outra saída ou qualquer lugar onde uma pessoa pudesse se esconder.

Desta vez sim me assustei. Eriçaram-me os meus cabelos e saí correndo dali como alma que carrega o diabo.

TERCEIRA PARTE

A REGRA DO NAGUAL DE TRÊS PONTAS

INTRODUÇÃO

Desde tenra idade, a tendência reflexiva de meu caráter me levou a buscar uma explicação sobre quem sou e qual era meu propósito na vida. Baseado nesses interesses, em certa ocasião um colega de estudos me informou que Carlos Castaneda ia dar uma palestra privada na casa de um amigo dele, e que eu podia vir se quisesse. Fiquei encantado com o convite, porque já fazia tempo que eu esperava uma oportunidade dessas.

Castañeda era um famoso antropólogo, autor de vários livros sobre a cultura dos antigos bruxos mexicanos. Neles conta que, sendo ainda um estudante na Universidade da Califórnia, foi fazer um trabalho de campo entre os índios yaquis, ao norte do México, a fim de aprender sobre as plantas medicinais que eles usavam.

Em uma de suas viagens ele se encontrou com um velho herbanário que tinha a fama de ser feiticeiro, que se apresentou como Juan Matus. Com o passar do tempo, o ancião o tomou como aprendiz e o introduziu em uma dimensão totalmente desconhecida para o homem moderno: a sabedoria tradicional dos antigos videntes toltecas, comumente conhecida como "bruxaria" ou "nagualismo".

Em uma dúzia de livros, Carlos relata uma relação de mestre e aprendiz que durou treze anos. Naquele tempo, foi submetido a um árduo treinamento que o levou a confirmar pessoalmente os fundamentos dessa estranha cultura. As experiências adquiridas durante sua aprendizagem terminaram fazendo com que o jovem antropólogo sucumbisse ante à fascinação do conhecimento e fosse absorvido pelo sistema de crenças que ele estudava. Esse desenlace o distanciou bastante de suas metas originais.

"Nagualismo" era o nome que davam os bruxos do México pré-hispânico a seu sistema de crenças. Conforme a história, esses homens estavam profundamente interessados em sua relação com o Universo, a tal grau, que se entregaram à tarefa de investigar os limites da percepção através do uso de plantas alucinógenas que lhes permitiram mudar os níveis de consciência. Depois de praticar durante gerações, alguns deles aprenderam a "ver", quer dizer, a perceber o mundo, não como uma interpretação, mas como um fluxo constante de energia.

O nagualismo consiste em um conjunto de técnicas desenhadas para alterar a percepção cotidiana, produzindo fenômenos psíquicos e físicos de extraordinário interesse. Por exemplo, a tradição mexicana afirma que um nagual pode se transformar em um animal, porque aprendeu a sonhar a si mesmo em uma forma diferente da de um ser

humano. Atrás desta crença popular está o fato de que os bruxos exploram seu subconsciente com o propósito de lançar luz sobre aquele âmbito desconhecido de nosso ser.

O nagualismo foi durante milhares de anos uma prática socialmente aceita, tal como é aceita entre nós hoje em dia a religião ou a ciência. Com o tempo, seus postulados ganharam em abstração e sínteses, convertendo-se em uma espécie de proposta filosófica cujos praticantes recebiam o nome de toltecas.

Os toltecas não eram o que geralmente entendemos por bruxos, quer dizer, indivíduos que usam forças sobrenaturais para danificar a outros, mas homens e mulheres extremamente disciplinados e interessados em aspectos complexos de estar consciente.

Nos livros dele, Carlos se esforçou com muito talento para adaptar o conhecimento dos naguais a nosso tempo, tirando-o do ambiente rural e fazendo-o acessível a pessoas com formação ocidental. A partir das lições de don Juan, ele definiu as premissas do caminho do guerreiro ou o caminho do comportamento impecável, consistente em controle, disciplina e esforço contínuo. Uma vez interiorizados, estes princípios levam o praticante a outras técnicas mais complexas, cujo objetivo é perceber o mundo de um novo modo.

Alcançado isto, o estudante está em posição de mover-se pelo âmbito dos sonhos de forma voluntária e consciente, da mesma maneira que o faz em sua vida diária. Esta técnica se complementa com o que don Juan denominou "a arte de espreitar" ou a arte de conhecer-se a si mesmo, e com um exercício diário chamado "recapitulação", porque consiste em revisar os eventos de nossa história pessoal para encontrar seu enredo oculto.

Tanto o sonho como a recapitulação torna possível a criação do "duplo" energético, uma entidade praticamente indestrutível, capaz de atuar por conta própria.

Um dos descobrimentos mais relevantes dos videntes toltecas, foi que os seres humanos possuem uma configuração luminosa ou campo de energia ao redor de nosso corpo físico. Eles também viram que algum poucos vinham com uma configuração especial dividida em duas partes. A estes chamaram naguais, quer dizer, "pessoas duplicadas". Por sua particular conformação, o nagual tem maiores recursos do que a maioria das pessoas. Eles também viram que, por causa de sua duplicidade e excepcional energia, eles são líderes naturais.

A partir destas descobertas, foi inevitável que os videntes se estabelecessem de acordo com os comandos da energia, organizando grupos harmônicos cujos participantes se complementavam uns aos outros. Os guerreiros destes grupos estavam comprometidos com

a procura de novos níveis de consciência. Com o tempo, eles começaram a perceber que, atrás de suas práticas e formas de organização, havia uma regra impessoal.

Neste sentido, a regra é a descrição do desenho e os meios pelo quais podem se unir as diversas conformações luminosas da espécie humana para integrar um único organismo denominado "o grupo do nagual". A meta destes grupos é a liberdade total, a evolução da consciência ao ponto de poder viajar pelo oceano da energia cósmica, percebendo tudo aquilo que nos é acessível.

Existe uma seção especial da regra que descreve como se entrelaçam as diversas gerações de guerreiros formando linhagens, e como as linhagens se renovam de vez em quando.

Para Carlos, lhe correspondeu viver uma dessas fases de renovação. Porém, ele mesmo não entendeu o que isto significava, até que recebeu uma mensagem que o guiou para a divulgação do conhecimento.

Quando eu o conheci, ele ainda tinha uma grande reserva para com o público e tentava se manter a distância das pessoas. Nossa relação foi principalmente através de palestras que ele dava a pequenos grupos e conversações privadas.

Ele me exigiu que passasse despercebido frente aos outros a fim de manter sob controle minha história pessoal. Tempos depois, admitiu que essa medida possuía um sentido mais profundo, porque eu tinha um compromisso com o espírito e devia executar minha tarefa quatro anos depois de sua partida.

Quando perguntei a razão desse requisito, falou que sabia que sua obra seria obstruída por detratores que tentariam frustrar o plano desenhado por don Juan para uma revolução da consciência. Minha função seria dar um testemunho da mensagem que recebi.

O AUGÚRIO

Em certo dia, depois de dar uma palestra num salão privado de um restaurante onde convidou a todos para comer, Carlos pediu que o acompanhasse a outro lugar. Logo depois, ambos saímos, deixando os outros convidados em uma conversa animada.

Em nosso caminho tivemos que cruzar uma grande avenida. Adiantando-me ao tráfego dos automóveis, corri para uma ilha triangular no meio da via, pensando que Carlos me seguiria. Mas quando cheguei ali, notei que ele tinha ficado esperando do outro lado.

Então aconteceu algo imprevisto; uma magnífica rajada de vento açoitou a avenida tão fortemente, que eu tive que me agarrar a um poste metálico que servia como sinal para os motoristas. Antes que pudesse me proteger, uma nuvem de pó se introduziu em meus olhos e garganta, fazendo-me tossir e me deixando momentaneamente cego.

Quando me recuperei, Carlos estava ao meu lado, olhando para mim com o rosto radiante de alegria. Deu palmadinhas nas minhas costas e fez um comentário muito estranho:

"Já sei o que fazer com você!"

Olhei para ele interrogativamente, e ele me explicou:

"Esse era o mesmo vento, anda atrás de você".

Suas palavras me fizeram lembrar o momento em que o conheci, quando um turbilhão outonal nos obrigou a fechar apressadamente as janelas da sala onde um grupo de amigos esperavam por ele.

"Naquela ocasião você o viu como um vento forte, mas eu soube que era o espírito dando voltas sobre sua cabeça. Foi um sinal, e agora eu sei com que propósito o sinalizou".

Pedi que me explicasse sua enigmática declaração, mas a resposta dele foi ainda mais obscura:

"Eu sou o herdeiro de certa informação. É um aspecto do conhecimento que me incumbe tão profundamente que eu mesmo não posso explicar aos outros. Deve ser transmitido através de um mensageiro. Um momento atrás, enquanto eu observava como o espírito o sacolejava no meio da avenida, eu soube que esse mensageiro é você".

Insisti para que me revelasse algo mais, mas ele falou que esse não era nem o momento nem o lugar apropriado.

O QUE É A REGRA

Um tempo depois, enquanto caminhávamos pela Alameda, quase chegando ao Palácio de Belas Artes, ele me fez sinais para que nos sentássemos em um banco milagrosamente livre, a um lado da praça. Era um banco de ferro forjado. Sua localização, em frente à porta principal de uma velha igreja construída com blocos de lava vermelha e preta, teve a virtude de bloquear ligeiramente meu diálogo interno, transportando-me a um oásis de serenidade entre o alvoroço dos carros e as pessoas que passavam.

Pelo visto, Carlos havia previsto esse impacto como uma função didática. Comentou que eu estava sentado no banco favorito de don Juan, o que me comoveu muito. Esfregando-se as mãos, assegurou que era tempo de ir direto à questão.

"Você sabe o que é a regra?", perguntou.

Ainda que eu já tivesse lido algo a esse respeito em um dos seus livros, não tinha entendido grande coisa, pelo que recusei com a cabeça.

Continuou:

“Esse é o nome que dão os videntes àquilo que guia um grupo de bruxos, um tipo de carta de navegação ou um manual dos deveres do guerreiro dentro do seu grupo de práticas”.

“Depois de comprovar exaustivamente sua presença, os bruxos do México antigo chegaram à conclusão de que, assim como todos os seres vivos possuem um padrão biológico definido que nos permite reproduzir e evoluir, nós também temos um padrão energético responsável por nosso desenvolvimento como seres luminosos”.

“A regra é a matriz da qual extraem sua energia os moldes das espécies. Você pode entendê-la como o plano evolutivo de cada ser vivo, não só da Terra, mas de qualquer canto do Universo onde haja consciência. Ninguém pode se desligar dela. O máximo que podemos fazer é ignorar que existe, em cuja situação nós não passaremos de ser o que somos: massa viva a serviço de um propósito que não entendemos”.

“Dito em termos de bruxos, a regra é o esquema dos comandos da águia, uma equação que correlaciona a efetividade das ações com a economia da energia. No âmbito da praticidade, tal combinação não pode produzir outra coisa senão um guerreiro”.

"A regra é completa em si mesma e cobre todas as facetas do caminho do guerreiro. Descreve como se cria e se nutre um grupo de naguais, de que maneira se conectam as gerações para conformar uma linhagem e os orienta à liberdade. Mas, a fim de usá-la como chave para o poder, a pessoa tem que verificá-la por si mesma".

"Como se pode verificar?"

"A regra é auto evidente para o bruxo que VÊ. Para um principiante como você, o melhor modo de atestar seu funcionamento consiste em detectar sua intrusão nos transcurso de sua vida".

A ORIGEM DA REGRA

Perguntei como chegou o homem a se contactar com essa matriz.

Respondeu:

“Sempre existiu. Porém, os videntes são seus descobridores e guardiães”.

“A regra é a origem da ordem universal. Seu funcionamento e finalidade são desconhecidos, não porque não se saibam, mas porque não são compreendidos. Centenas de gerações de bruxos deram suas vidas no empenho de elucidar e desenvolver propostas práticas para cada uma de suas unidades conceituais”.

"No princípio, nenhum homem pretendeu ter um vislumbre dessa estrutura, porque ninguém sabia que estava ali. À medida que os videntes do México antigo travaram contato com outras entidades conscientes desta Terra, muito mais antigas e mais experimentadas que eles, foram adquirindo porções da regra. Um dia viram que todas essas porções se encaixavam entre si como um quebra-cabeça. Nesse dia descobriram o que eles chamam 'o mapa' e assim começou a linhagem dos antigos videntes.

“Através do VER, eles verificaram quase cada porção relativa aos ensonhadores. Provaram todas as combinações, determinando seus efeitos sobre a consciência. Organizaram os exercícios do ensinho em sete níveis de profundidade e penetraram até as vielas mais íntimas do Universo. Pouco a pouco, eles desenvolveram o desenho da partida, uma estrutura em forma de pirâmide extremamente estável e capaz de expressar com transparência os desígnios do poder”.

"Mas houve algo que os antigos não verificaram: a regra para os espreitadores. Eles sabiam da espreita como uma possibilidade latente que na prática não valia a pena explorar".

"Por que?"

"Porque, em uma época em que ser o bruxo era estar no cume da escala social, a espreita como arte não tinha objetivo. Haveria sido um mal investimento. Mas, quando mudou a modalidade da época, esse raciocínio quase levou os antigos à borda da extinção.

"Não foi senão até o aparecimento dos toltecas quando a outra grande porção da regra revelou seu extraordinário conteúdo. Só sobreviveram as linhagens que foram capazes de aplicá-la; o resto se dissolveu, perderam-se no redemoinho que significou a queda do regime dos videntes antigos. A incorporação da espreita determinou o nascimento dos novos videntes. Com eles, a regra do nagual ficou totalmente elucidada".

"Quando aconteceu isso?"

"O período dos novos videntes começou aproximadamente a uns cinco mil anos atrás e alcançou seu apogeu nos tempos de Tula. Através da espreita, a contribuição fundamental desses guerreiros para a bruxaria foi a noção da 'impecabilidade'".

UM ORGANISMO IMPESSOAL

"O objetivo da regra do nabal é gerar grupos, quer dizer, organismos auto-conscientes capazes de voar por essa imensidão lá fora. Tais organismos estão compostos pela soma de um grupo de guerreiros que harmonizaram seus intentos individuais. A finalidade desse desenhom é perpetuar uma dimensão não humana da consciência".

"Não humana?"

"Sim. Uma dimensão na qual a personalidade já não é a meta".

"Os seres humanos não podem entrar e permanecer um longo tempo dentro da consciência cósmica, o estado ao que don Juan chamava 'a terceira atenção'. Ou saímos dali e nos esquecemos, ou ficamos e nos fundimos com esse insondável mar. Mas o poder que nos rege achou um modo de ignorar tal limitação, criando organismos nos quais as entidades individuais funcionam como membros".

"No seio desses organismos se gera um tipo radicalmente novo de atenção, um intento orientado a explorar o desconhecido e investigar em equipe aquilo que não se pode conhecer. Os sentimentos de individualidade já não são mais o centro de seu perceber, porque eles são substituídos por algo muito mais intenso: a vivência dentro do todo, um estado energético que nenhum homem comum pode sequer conceber. Ali não há rotinas, não há ego, não há ignorância, não há interpretação. Esse tipo de organismo é só uma etapa no caminho infinito da consciência, mas, para nós seres humanos, essa etapa é final".

Perguntei como opera a consciência de um grupo.

Apresentou uma analogia tomada do corpo físico.

"Embora de um modo nebuloso, cada uma de nossas células está consciente de sua unidade e, dentro de certos limites, pode atuar com independência. Porém, seu intento individual está subordinado a um propósito superior, que é formar o conjunto ao qual chamamos 'eu'".

"Quando a incrível realização de perceber os fins do propósito global nos chegam a ser evidentes, é então que vislumbramos uma linha evolutiva superior. Percebemos a possibilidade de nos integrar com nossos recíprocos energéticos em uma forma de vida cujos propósitos distam tanto das preocupações do mundo diário, como a consciência que

tem uma célula de nossa totalidade. Os novos videntes chamam àquela formação 'o grupo do nagual'".

"O que são os recíprocos energéticos?"

"São seres humanos que possuem características luminosas que se complementam".

"A energia é periódica, gera padrões que todos nós compartilhamos. Em termos gerais, pode ser dito que há quatro matrizes luminosas básicas com doze variantes, sintetizadas pelo homem e pela mulher nagual. Na medida em que um tonal se aproxima ao ideal luminoso de sua classe, manifesta um grau de consciência superior".

"Quando os modelos ideais se encontram, eles tendem a combinar. Os sentimentos de atração entre os seres humanos podem ser explicados como resultado da fusão dos seus moldes de energia. O normal é que essa fusão seja parcial, mas às vezes ocorre uma repentina e inexplicável onda de simpatia; um vidente diria que houve um ato de reciprocidade energética".

"Os guerreiros de uma partida se combinam de tal modo que sua relação produz ótimos resultados no sentido de ganhar e acumular poder".

"É difícil de encontrar corpos luminosos característicos que estejam disponíveis para a tarefa do nagual; o normal é achar tonais deformados pela vida mundana. Mas, quando um nagual consegue integrar a sua partida, a energia de seus guerreiros se fundem. Eles sacrificam sua individualidade por uma meta superior, e voltar a seu prévio isolamento já não é mais possível, só lhes produziria a morte. Pode ser dito que uma partida não está formada por individualidades, mas é um único organismo vivo, de alcances que já não são humanos".

A FORMAÇÃO DE UM GRUPO

"Que consciência tem cada membro do objetivo do grupo?"

"Consciência plena. Cada um deles sabe as histórias de poder pertinentes à sua especialidade e sabe que sua função é parte de um propósito que o transcende".

"A relação entre a regra e o grupo é por tarefas. Por exemplo, quando as guerreiras de um grupo recebem o comando de rastrear energia no espaço até dar com possíveis candidatos para uma nova geração de bruxos, eles se concentram nessa tarefa como sua avenida para a liberdade. Não lhes interessa outra coisa. Quando se estilhaça a disciplina desse intento, resultado pode ser caótico".

Ele me deu um exemplo do efeito de um interesse pessoal deslocado dentro da tarefa do bruxo.

"Pouco depois de começar minha aprendizagem, e ainda que ninguém me pedisse que o fizesse, eu me ofereci a ajudar don Juan a constituir o novo grupo. Cada vez que uma moça bonita me prestava atenção, eu via nela a minha recíproca energética. E tentava 'vendê-la' a don Juan elogiando suas qualidades".

"No princípio, os guerreiros levaram isto na brincadeira. Mas, pouco a pouco foram ficando bravos, e um dia em que lhes levava minha nova 'mulher nagual' já não os encontrei: todos tinham mudado de casa. Sentir-me só me ajudou a recuperar a sobriedade".

"O grupo é um ser autoconsciente que nos supera amplamente. Participar de seu intento é algo tão excepcional, que assim que um aprendiz vislumbra sua totalidade, a posição de ego simplesmente se derrete. Isso não implica que ele automaticamente fica impecável; ainda vai ter que se esforçar durante anos para temperar seu caráter e extirpar a importância pessoal, assim como a obsessão pelo poder".

"Só o homem e a mulher nagual têm uma visão total do funcionamento da partida. Seguindo a analogia, eu lhe diria que eles são suas células nervosas, as unidades que comandam o processo de perpetuação. Os outros integrantes servem como apoio e levam a cabo as tarefas concretas de reduplicação do grupo".

"O trabalho do nagual é esgotador. Ele tem que dominar as artes da espreita e do ensonho com perfeição, tem que aprender a ver e desenvolver ao máximo sua capacidade

de manipulação. E tem que dar um exemplo de sobriedade a fim de manter a coesão do grupo. Se você se deixa levar pelas emoções, o resultado é a desintegração".

Perguntei por quê.

"Porque o grupo é um organismo de massa crítica. Se qualquer um dos seus componentes se desvia do objetivo, a disfunção resultante causa um colapso e é necessário reiniciar tudo de novo. É por isso que o nagual é obrigado a exigir de seus guerreiros que dêem o máximo de si e dividir as tarefas de forma que todos participem com otimismo e confiança. O óleo do grupo é a impecabilidade de seus membros, e seu combustível, o anseio pela liberdade total".

A ORDEM DO GRUPO

"Quantos guerreiros integram um grupo?"

"A ordem normal de um grupo é quadrangular, já que a regra tem forma de pirâmide. A formação e o crescimento se realizam de acordo com essa estrutura básica. Como nas pirâmides, a arquitetura do grupo se compõe de uma base com quatro pontas, integrada cada uma delas por três guerreiros: uma ensonhadora, um espreitador e um assistente masculino. As pontas se conectam entre si por meio de mensageiros e por cima de tudo está o par de naguais.

"A regra é manifestada a um homem ou uma mulher duplos por meio de uma visão e eles têm que aceitá-la para ser considerados naguais. A partir dessa aceitação, os naguais vão juntando pouco a pouco seus guerreiros, seguindo sempre os sinais do espírito. Sua capacidade para dirigir é natural e indisputável, porque eles, ao serem duplos, refletem a cada um dos tipos de seu grupo.

"Se pode definir aos naguais como um homem e uma mulher de extraordinária energia envolvidos em um ato de fecundação de um alcance infinitamente mais elevado que

tudo quanto conhece o ser humano. Enquanto permanecem juntos, eles normalmente se apresentam à sociedade como marido e mulher.

"A faculdade do homem nagual é usar as palavras mais apropriadas para dizer as coisas com precisão, clareza intelectual, fluência e beleza. Entre os videntes da linhagem a que pertencia o grupo de don Juan, o presságio para ocupar este posto era estar morrendo. Todos os seus líderes, com exceção de mim, foram encontrados em tais condições".

"Por que seu caso foi diferente?"

"Porque, falando propriamente, eu sou um nagual excedente. Não vim para continuar a linhagem, mas para fechá-la".

"E qual é a regra para a mulher nagual?"

"A naguala é a luz que orienta todo o esforço, a verdadeira mãe. O normal é que ela parta antes do grupo e fique flutuando entre a primeira e a segunda atenção, visitando os aprendizes no ensinho. Funciona como um farol e, no caso de necessidade, pode voltar da segunda atenção para semear uma nova geração de videntes".

"Por outro lado, as guerreiras são de dois bandos, espreitadoras e ensonhadoras. Elas têm dois tipos de funções: servir como portais e como guardiães. Os portais pertencem ao rumo Sul, elas são o coador, o filtro por onde passam os aprendizes. Elas determinam se um guerreiro fica ou se parte e elas têm a maior ingerência na forma de dispor os membros da equipe. Também, são as convocadoras nas reuniões de poder.

"Os guardiães são uma espécie de versão externa dos portais; há um branco e um preto. Eles são os encarregados de vigiar pelo bom funcionamento do grupo, o que significa que estão alertas ante possíveis ataques do exterior e também estão prontos para resolver os problemas internos. Entre os novos videntes, todas estas funções estão a cargo das mulheres".

"Porque é deste modo?"

"Porque as mulheres têm maior mobilidade e mais energia que os homens. Quase todo o universo é de natureza feminina, e as equipes de bruxas viajam por ali como se estivessem em sua própria casa. Essa capacidade de circular sem interferências pela energia escura as transformam na bateria do grupo".

“Por outro lado, nós os homens somos detectados em seguida, porque nossa energia é clara e se delata. Também, como não fomos feitos para dar à luz, não temos um órgão especializado para o ensonho. Excluindo ao nagual, os elementos masculinos não têm muito brilho dentro de um grupo”.

“Mesmo assim, a regra estabelece que haja quatro guerreiros dedicados a organizar, explorar e entender. E para isso eles fixam seus pontos de aglutinação em lugares muito específicos da energia. Sua presença serve para estabilizar o grupo, neutralizando as freqüentes explosões de poder que protagonizam as guerreiras. Se não fosse por eles, a estrutura se volatizaria assim que as mulheres alcançassem certo grau de eficiência. Dessa forma, os homens funcionam como âncoras; eles fixam o grupo até que se consegue um máximo de poder”.

"Devido à sua forma, don Juan chamava o grupo 'a organização da serpente'. É um conceito que ele herdou dos velhos videntes, pelas manchas quadradas que tem a serpente cascavel sobre sua pele. Afirmou que a cabeça do animal, com seus olhos fixos e hipnóticos, representa o casal de naguais. O peito corresponde às guerreiras ensonhadoras cuja função é inalar as visões e distribuí-las por todo o grupo. O ventre, as espreitadoras, capazes de digerir qualquer situação concebível. O rabo são os assistentes que estão encarregados de dar mobilidade ao grupo. É uma disposição muito fluida".

"Existem grupos que tenham outras formações?"

"Em grande medida, os guerreiros são o resultado da manipulação implacável do nagual. Você pode entender então que, depois de alguns anos dessa constante pressão, a forma de um grupo, e inclusive o matiz luminoso que vai tomando a energia de cada um de seus componentes, fica muito específico. É por isso que existem tantas linhagens de bruxos. Mas todos têm, basicamente, o tipo de grupos piramidais que descrevi, já que a experiência tem demonstrado que esta é a forma mais estável".

O PROPÓSITO DA REGRA

"Qual é a finalidade de um grupo?"

"Do ponto de vista da águia, explorar, verificar e ampliar a regra. Cada geração de guerreiros deve deixar sua impressão, porque a regra é acumulativa. A herança da linhagem consiste em uma série de posições do ponto de aglutinação ao qual os sucessivos grupos vão agregando suas próprias aquisições. É normal que as linhagens levem um 'diário' de incidentes onde os nagaiais apontam suas descobertas".

"O interesse básico de todo organismo é reproduzir-se. Então, uma forma de defini-lo, seria dizer que a regra é o esquema de um processo reprodutivo. O que busca é a perpetuação da consciência, algo que, a partir de certo ponto, não pode ser feito através de caminhos individuais. Os recursos que pessoalmente adquire cada guerreiro durante seu treinamento, são realizações secundárias".

"Do ponto de vista dos bruxos, o objetivo de se agrupar é forçar o passo a outro nível de atenção, já que sem massa energética não há vôo".

"Quer dizer que os guerreiros solitários não têm possibilidades?"

"Não. O que eu quero dizer é que um grupo pode chegar mais longe".

"Imagine que você vive numa colônia de larvas gregárias em estado de metamorfose. De repente, um dos casulos faz eclosão e seu morador parte em uma momentânea explosão de luz e cor. A sensação que você sente é que aquela larva desapareceu. Para ela, por outro lado, sua verdadeira vida como borboleta terá começado. Agora, uma larva solitária é mais provável que termine no estômago de um pássaro".

"Da mesma maneira, o objetivo ulterior dos guerreiros é o salto definitivo à terceira atenção, a liberação de toda forma de interpretação. A quantidade de energia necessária para isto só se pode alcançar por meio de um consenso especial de massa crítica a fim de gerar os acordos necessários para compactar a energia".

"Porém, como muitos grupos não conseguem chegar à sua plenitude energética os nagaiais construíram um oásis habitável dentro da segunda atenção, um enorme edifício de intento em algum ponto afastado do ensonho, para onde vão os videntes solitariamente ou

em pequenos grupos. Eu o chamo 'a cúpula do intento', porque tem essa forma à vista, porém don Juan preferia chamá-lo de 'o cemitério dos nagueais'".

"Por que o chamava assim?"

"Porque ficar vivendo nesse espaço implica a morte literal do bruxo. Em um sentido nada alegórico, é um cemitério. Ainda quando os que escolhem esse destino hajam alcançado a expansão de suas consciências por um enorme período de tempo, eles terão que prescindir dela quando chegue o momento".

"Assim, para muitos bruxos, o objetivo imediato da partida é normalmente a cúpula dos nagueais, na esperança de poder usá-la como um porto passageiro onde se acumulam provisões para uma grande expedição. Para chegar até ali não é necessário que o grupo inteiro parta de uma vez só. Em certas ocasiões os guerreiros escolhem ir de um em um. Nesse caso, podem voltar parcialmente, enquanto não se complete a totalidade da estrutura energética do grupo".

"Como você entenderá, os desafios em que os guerreiros se envolvem durante sua existência humana são apenas o prelúdio; a coisa tremenda vem depois. Não me pergunte a que eles se dedicam enquanto permanecerem naquele mundo, para você isto soaria como uma história de fadas. A coisa importante é que todas as suas atividades estão regidas pela regra".

Comentei que, levando em consideração o objetivo da partida, a regra poderia ser interpretada como o equivalente pré-hispânico do que outras culturas chamaram "leis divinas", quer dizer, um grupo de normas desenhadas para a salvação do homem.

Respondeu:

"Não é igual, porque não parte de um ser supremo. O mecanismo da regra é impessoal, carece de bondade ou compaixão. Não tem mais objetivo do que sua própria continuidade".

"Deixando-se seduzir pelas analogias, os antigos videntes cometeram o erro de identificar a regra com suas interpretações particulares, e terminaram adorando-na e erigindo templos em sua honra. Os novos repudiaram tudo isso. Ao explorar a espreita, eles desempoeiraram a essência da bruxaria e redescobriram a meta da liberdade total, que não se parece em nada com as metas religiosas. Isso apagou neles a fascinação pelo molde

humano, mas teve um efeito secundário que já expliquei: o desenfreado entusiasmo dos antigos foi substituído por atitudes furtivas e de desconfiança”.

"O efeito da espreita sobre os grupos terminou traindo os motivos iniciais. Com o tempo, o objetivo da liberdade total chegou a propor-se só de forma retórica. Quase todos os bruxos da linhagem de don Juan preferiu o vôo à segunda atenção. Excluindo ao nagual Julian Osorio, nenhum deles quis privar-se da aventura e do êxtase de visitar a cúpula dos naguais, construída de intento lá em uma das estrelas da constelação de Órion”.

OS NAGUAIS DE TRÊS PONTAS

"A regra é final, mas seu desenho e conformação estão em constante evolução. Só que, ao contrário do que opinam os evolucionistas, que vêm nas adaptações da vida a acumulação de mutações genéticas por um acaso, os videntes sabem que não existe casualidade na regra. Eles vêm como um comando da águia, na forma de uma onda de energia, sacode de vez em quando as linhagens de poder, produzindo novas fases na bruxaria.

"Um modo mais exato de referir-se a isto, é supondo que todas as variantes possíveis da regra estão contidas em uma matriz prévia, e o que vai mudando com o tempo é o grau de conhecimento que têm os bruxos dessa totalidade e a ênfase que fazem sobre certas porções. Tais períodos de mudança são cíclicos e são representados pelo número três”.

"Por que três?”

“Porque os antigos toltecas associavam o numero três com o dinamismo e a renovação. Eles descobriram que as formações ternárias anunciam mudanças inesperadas”.

"A regra dispõe que, de vez em quando, apareça nas linhagens um tipo especial de nagual cuja energia não é quaternária, mas que tem só três compartimentos. Os videntes os chamam de 'naguais de três pontas”.

Perguntei em que estes se diferiam dos outros.

Respondeu:

“Sua energia é volátil, sempre estão em movimento, por isso lhes custa trabalho acumular poder. Do ponto de vista da linhagem, sua composição é defeituosa, não chegam a ser verdadeiros naguais. Em compensação, carecem da timidez e a reserva que caracterizam os naguais clássicos, e eles possuem uma capacidade incomum para improvisar e comunicar”.

“Pode-se dizer que os naguais de três pontas são como o pássaro cuco, que é incubado no ninho alheio. São oportunistas, mas necessários. Ao contrário dos naguais de quatro pontas, cuja liberdade é passar despercebidos, os de três pontas são personalidades públicas. Divulgam os segredos e propiciam a fragmentação do conhecimento, mas sem eles as linhagens de poder teriam se extinguido há muito tempo atrás”.

“Entre os novos videntes, a regra é que um nagual deixe como descendência um novo grupo. Alguns, por seus enormes excessos de energia, podem ajudar a organizar uma segunda ou terceira geração de videntes. Por exemplo, o nagual Elias Ulloa viveu o bastante para criar a partida de seu sucessor e influenciar a seguinte. Mas isso não significou que a linhagem se bifurcasse; todos esses grupos fazem parte da mesma linha de transmissão”.

"Por outro lado, ao nagual de três pontas está facultado transmitir seu conhecimento em forma radial, o que implica na diversificação das linhagens. Seus ovos luminosos exercem um efeito de desintegração sobre o grupo que rompe a estrutura linear de transmissão e fomenta nos guerreiros um desejo de mudança e ação, e uma disposição ativa a se envolver com seus semelhantes".

"Isso foi o que se passou com você?"

"Com certeza. Devido à minha disposição luminosa, eu não tenho preocupação em deixar focos de conhecimento onde queira que vá. Eu sei que preciso de uma quantidade enorme de energia para cumprir com minha tarefa, e que só posso obtê-la das massas. Por isso eu estou disposto a difundir o conhecimento e a transformar e redefinir os paradigmas".

A PORÇÃO DA REGRA DOS NAGUAIS DE TRÊS PONTAS

"Como você sabe, meu mestre entrou em contato com a regra para o nagual de três pontas quando tentou analisar certas anomalias dentro do novo grupo. Aparentemente, eu não sintonizava com o resto dos aprendizes. Então ele me dedicou bastante atenção para ver que eu mascarava minha configuração energética".

"Quer dizer que o VER de don Juan estava equivocado?"

"Claro que não! O que se confundiu foi o seu olhar. VER é a forma final da percepção; ali não há aparências, assim não é possível se enganar. Porém, devido à pressão que ele exerceu sobre mim durante anos, minha energia lutou para amoldar-se à sua. Isso é comum entre os aprendizes. Como ele estava dividido em quatro compartimentos, eu também comecei a manifestar em minhas ações uma carga energética similar".

"Quando eu consegui sair o suficiente de sua influência (coisa que me tomou quase dez anos de trabalho árduo), ambos descobrimos algo assombroso: minha luminosidade só tinha três compartimentos; não correspondia a uma pessoa comum que só tem dois, mas tampouco a de um nagual. Este descobrimento criou uma grande comoção no grupo de videntes, já que todos pressagiaram uma mudança profunda para a linhagem.

"Então Don Juan recorreu à tradição dos seus antecessores e desempoeirou um aspecto esquecido da regra. Disse que a escolha de um nagual de nenhuma maneira pode ser considerada como um capricho pessoal, já que em todas as épocas é o espírito quem escolhe o sucessor de uma linhagem. Portanto, minha anomalia energética era parte de um comando. Diante de minhas urgentes perguntas, ele me assegurou que, a seu devido tempo, um mensageiro me explicaria a função de minha presença como nagual de três pontas".

"Anos mais tarde, em uma ocasião em que eu visitava uma das salas do Museu Nacional de Antropologia e História, observei um indígena vestido à moda tarahumara que parecia ter o maior interesse por uma das peças que ali se exibiam. DAVA-lhe voltas, examinando-a por todos os lados e demonstrava uma concentração tão absoluta que despertou minha curiosidade e então me aproximei para olhar".

"Ao avistar-me, o homem dirigiu-me a palavra e começou a explicar-me o significado de um conjunto de desenhos cuidadosamente esculpido sobre a pedra. Depois então, enquanto eu meditava sobre o que ele tinha me falado, eu lembrei da promessa de don Juan e percebi que aquele homem tinha sido enviado pelo espírito para transmitir-me a porção da regra do nagual de três pontas".

"E o que diz essa porção?"

“Afirma que, assim como um grupo tem uma matriz de energia de número dezessete (dois nagueais, quatro ensonhadoras, quatro espreitadoras, quatro guerreiros e três mensageiros), a linhagem formada por uma sucessão de grupos também tem uma estrutura de poder, de número cinquenta e dois. A águia ordenou que cada cinquenta e duas gerações de nagueais de quatro pontas apareça um nagueal de três pontas que sirva de ação catártica para a propagação de novas linhagens quaternárias”.

"Também diz a regra que os nagueais de três pontas são destruidores da ordem estabelecida, porque sua natureza não é nem criativa nem provedora, e eles têm a tendência de escravizar a todos os que o cercam. Acrescenta que para alcançar a liberdade estes nagueais devem fazê-lo sozinhos, porque sua energia não está sintonizada para guiar grupos de guerreiros.

“Como tudo no âmbito da energia, o bloco de cinquenta e duas gerações se divide em duas partes; as primeiras vinte e seis são de expansão e criação de novas linhas, as restantes estão orientadas à conservação e ao isolamento. Esse padrão de comportamento vem se repetindo milênio após milênio, é dessa forma que os bruxos sabem que faz parte da regra”.

"Como resultado das atividades de um nagueal de três pontas, o conhecimento se massifica e se formam novas células de nagueais de quatro pontas. A partir dali, as linhagens retomam a tradição de transmitir o conhecimento de forma linear".

"A cada quanto tempo aparecem os nagueais de três pontas?"

"Aproximadamente uma vez por milênio. Essa é a idade da linhagem à qual eu pertenço".

A TAREFA DOS VIDENTES ATUAIS

"Ao verificar a regra do nagual de três pontas, don Juan deduziu que inevitavelmente se aproximava o tempo de uma nova casta de guerreiros, aos quais chamei os videntes modernos".

"Há alguma peculiaridade na composição luminosa desses guerreiros?".

"Não. Em todas as épocas o padrão energético do homem tem sido muito homogêneo, assim a organização do grupo é a mesma. Porém, os guerreiros atuais estão experimentando em sua luminosidade um deslizamento para o verde, o que significa que eles estão recuperando características próprias dos antigos videntes. Isto é algo imprevisto, ainda que seguramente esteja contemplado na regra".

"A verdadeira diferença entre os videntes do passado e os de agora é de comportamento. Atualmente nós não estamos submetidos às mesmas repressões de tempos prévios e, portanto, os bruxos têm menos restrições. Isto claramente tem uma finalidade: a divulgação do conhecimento".

"A mim coube viver em um momento de renovação. Minha tarefa é fechar com chave de ouro a linhagem do nagual Juan Matus e abrir possibilidades aos que venham depois. Por isso eu disse que sou o último nagual de minha linhagem, não em um sentido absoluto, mas no sentido de mudança radical".

Neste ponto, Carlos fez um corte em sua exposição e me recordou uma conversa que tínhamos tido quando acabáramos de nos conhecer.

Naquele tempo lhe pedi que me contasse histórias de poder. Ele me respondeu que não podia se recusar à minha solicitação, mas que me entregar tais histórias sem antes me encaminhar, teria sido vulgarizá-las.

"Espero que o que você tenha visto durante estes anos satisfaçam suas expectativas. Eu fiz o que pude, levando em consideração suas limitações e as minhas. Eu sei que você já começou a educar seu duplo de ensinhos e isso garante que você pode continuar por conta própria; seu duplo não o deixará em paz até que você chegue à sua totalidade. A parte teórica terminou e é tempo de oferecer-lhe um último presente".

O tom entre familiar e solene com que Carlos me disse estas palavras fez com que isso concentrasse toda minha atenção.

"A lição final diz que a relação que contrai com o intento toda pessoa que se aproxima do nagual ocupa seu lugar, qualquer que este seja, dentro do contexto total da regra. Assim, você não está sozinho: os bruxos esperam algo de você".

"Que coisa?", perguntei um pouco confuso.

Explicou:

"Todo guerreiro tem uma tarefa. A sua é que você cumpra com o que lhe encarregou o espírito; essa é sua rota ao poder".

"E qual é essa tarefa?"

"Bom, sua missão pessoal é algo que seu benfeitor lhe comunicará algum dia. Porém, ao lhe entregar a regra do nagual de três pontas, estou seguindo uma estratégia a longo prazo elaborada por don Juan e isso o compromete com o intento de meu mestre.

"O que se espera de você é que diga a quem lhe rodeia: 'vocês são livres, podem voar por sua própria conta! Já têm a informação necessária, que mais esperam? Atuem impecavelmente e verão como a energia acha um modo de ser canalizada'".

QUARTA PARTE

O MUNDO DOS ANTIGOS VIDENTES HOJE EM DIA

Com a permissão daquele que não tem nome, procedo com meu testemunho de forma que fique assentada toda a verdade.

Em um certo dia, de manhã muito cedo, fui acordado por uma chamada telefônica. Era ele e eu o ouvia francamente mal. Disse que estava hospedado no hotel 'Caminho Real' da cidade do México e que se sentia muito doente. Acrescentou que não tinha podido dormir a noite inteira, e que só estava esperando que amanhecesse para me chamar.

Perguntei em que poderia ajudar.

Respondeu que precisava com urgência de certa medicina preparada especialmente para ele por um curandeiro de uma cidade próxima, e que se eu podia ir buscá-la.

Coloquei-me às suas ordens. Então ele me deu as coordenadas e o nome da pessoa com quem deveria ir buscar a poção.

Nesse ponto, fez um comentário que eu achei estranho, já que nada tinha a ver com o que falávamos:

"Quando Hernán Cortez chegou ao México, ordenou que queimassem seus navios. Esse foi o ato mágico que lhe garantiu a vitória. Para ele, era ganhar ou perecer, não tinha outra opção. Portanto, é necessário levar em conta que cada empreendimento pode ser o último".

Continuou dizendo que tinha uma aguda dor no estômago e que essas plantas eram a única coisa no mundo que poderia aliviá-lo.

Não esperei mais. Quando desliguei o telefone já ia a caminho a Tepoztlán, uma cidadezinha pitoresca ao lado das montanhas, a só uma hora de ônibus da cidade do México. Minha intenção era voltar tão logo quanto possível com a encomenda para ajudar Carlos com sua dor.

Hoje, da perspectiva que eu tenho depois de tantos anos, entendo o que ele quis dizer com isso de que cada empreendimento poderia ser o último.

Ao descer do ônibus, fui diretamente para o mercado. Enquanto caminhava rua abaixo, não pude deixar de maravilhar-me com a beleza da paisagem. Lá em cima, empoleirada no alto da colina, podia se divisar a pirâmide do Tepozteco.

Era um dia ensolarado e só me tomou uns minutos percorrer o caminho até o centro do povoado. Já no mercado, procurei a seção de ervas e perguntei pelo nome de don Eládio. Ninguém parecia saber dele, ou talvez não queriam responder às minhas perguntas.

Fiquei ali parado sem saber o que fazer, até que um senhor de idade média e feições indígenas, vestido de branco, com chapéu de palha e huaraches, (sandálias feita em casa) perguntou-me o que desejava.

Respondi que procurava por don Eládio, o curandeiro, e que vinha em nome do Sr. José Cortés. Seu rosto se iluminou; com um grande sorriso, estendeu a mão para me cumprimentar e me falou que ele era Eládio Zamora, e que estava às minhas ordens.

Comentei que eu vinha pela medicina que lhe tinham encomendado.

Pareceu não saber do que eu falava, mas quando eu falei que o Sr. José Cortés estava sofrendo de uma forte dor de estômago, reagiu como se lembrasse de algo. De forma dramática, falou que já sabia do que se tratava, mas que, desafortunadamente, não tinha conseguido a erva em questão, razão pela qual não a tinha disponível naquele momento para preparar a bebida.

Fiquei alarmado, já que sabia muito bem o que acontecia com aqueles que falhavam em alguma tarefa que lhes chegasse a encomendar Carlos: simplesmente, eram descartados.

Eu perguntei a don o Eládio se havia alguma forma de conseguir a planta em outra parte.

Recusou com a cabeça.

"É inútil você procurar, ninguém a vende por aqui"..

Insisti que deveria haver algum lugar onde eu pudesse achá-la.

Observando o meu desespero, falou que naquele momento ele não podia buscá-la, mas, talvez se eu voltasse no fim de semana...

Eu fiquei muito nervoso e lhe disse que se ele me descrevesse como era a planta e onde crescia, eu estava disposto a ir buscá-la por minha própria conta para que ele preparasse a medicina.

Ao ver minha determinação, don Eládio consentiu e me advertiu que chegar até o lugar onde crescia aquela planta era cansativo e perigoso.

"Estou disposto a tudo!", exclamei.

Ele pareceu apreciar minhas palavras, porque trouxe um velho livro de botânica, depois de buscar entre suas páginas, mostrou-me um desenho da planta. Afirmou que o único lugar por ali onde cresciam era um vale estreito entre as colinas, e me explicou como chegar lá.

Calculei umas duas horas até lá. Assim, eu me despedi de imediato e saí a caminho.

A beleza daqueles lugares é imensa. Eu me enchia de júbilo ao pensar que por aquelas ermas e milenárias veredas em algum momento transitaram guerreiros de outros tempos.

A colina estava mais longe do que parecia. Quando cheguei ao vale, entrei como pude entre os altos arbustos que proliferavam por ali. O lugar em questão é formado pela união de duas colinas onde a água das últimas chuvas fica acumulada em diversas poças e flui de forma lenta e preguiçosa.

Eu procurei durante um longo tempo. Finalmente encontrei a planta; entretanto, enquanto a estava apanhando, senti um forte golpe na cabeça e perdi os sentidos.

Despertou-me um cheiro penetrante. Eu estava deitado em uma esteira de palha, em um montão de ervas. Dei uma olhada ao redor e descobri que estava em uma cabana rústica. O chão era de terra batida e o teto de telhas, sustentado por vigas de madeira escurecidos pela fumaça.

Perto de um fogão de lenha feito de barro onde estava o fogo, havia uma anciã que usava um traje indígena. Chamou-me a atenção que sua pele fosse branca.

Ao me ver desperto, sorriu e disse:

"Arre! Seja bem-vindo de volta ao mundo dos vivos! Durante algum tempo eu pensei que você já era".

Não soube o que dizer. Quis me mover e senti uma dor lacerante na cabeça; doía-me o corpo inteiro.

A anciã se dirigiu rapidamente a mim e com voz de urgência, ordenou-me que eu não me movesse, já que eu estava vivo por milagre.

Pela dor que eu sentia, pude perceber a gravidade de minha condição e fiz o que ela me indicou.

Perguntei o que tinha me acontecido.

Respondeu que ela não sabia; acreditava que eu tivesse sido atacado por assaltantes que tinham me espancado e deixado por morto no mato.

Mostrando a vestimenta que eu usava, falou que eu estava nu quando ela me achou. Naquele momento percebi que eu vestia uma bata branca com bordados de beija-flôres, ao estilo que usam as mulheres indígenas.

A anciã se apresentou. Falou que se chamava Silvia Magdalena, e que se dedicava a herbolaria e que estava curando minhas feridas.

Comentou que foi só por golpe de sorte que ela havia me encontrado em seu caminho, caído ali, sangrando e quase morto. Acrescentou que eu já levava três dias inconsciente e que em um par de dias a mais e eu poderia me levantar.

Suas palavras me sobressaltaram. Novamente eu quis me levantar, mas estava tão fraco que caí de novo na esteira.

Admiti meu assombro por tudo o que havia contado, e, em tom de lamento, lhe contei que tinha ido até aquele lugar em busca de ervas medicinais para um amigo, mas que tinha falhado em minha tarefa, pelo que certamente já não voltaria a vê-lo outra vez.

Ao escutar minhas queixas ela começou a rir. Eu não entendia por quê.

Vendo minha expressão de confusão, falou:

"Não me preste atenção! Sou dada a explosões de risos".

Os dias seguintes foram os mais estranhos de minha vida. Podia observar como dona Silvia curava diariamente os pacientes que sofriam de todo tipo de mal. Quando me senti um pouco melhor de minhas feridas, ela até mesmo pediu que a ajudasse. Dessa forma, sem perceber, iniciei-me no curandeirismo.

Com o passar do tempo aprendi tudo relativo à essa arte. Ela me ensinou a limpar a energia das pessoas, a fazer curas para tipos diversos de males, como também muito de quiroprática e uma imensidão de receitas de chás.

Logo eu entendi que dona Silvia Magdalena era uma bruxa, e que tinha me tomado como seu aprendiz. Só o fato de estar perto dela era uma verdadeira delícia para mim, já que seu sentido de humor e teatralidade em cada coisa que fazia eram magníficos, e me lembravam as descrições que fazia Carlos dos seus mestres.

Passei quase três meses naquela esteira de palha. A parte mais difícil foi no princípio, quando eu ainda não podia me mover e tinham que vir uns assistentes da curandeira para me levar até o banheiro. O que piorava ainda mais a situação era que o banheiro ficava fora da casa.

Um dia, quando eu já estava muito melhor, dona Silvia falou que na próxima lua haveria uma cerimônia de iniciação para mim. Eu já tinha aprendido muito do mundo dela e aceitei o convite como uma verdadeira honra.

Acrescentou:

"A única coisa que me falta para lhe contar é que aqueles que participam destas cerimônias são mudados para sempre e eles nunca mais voltam a ser os mesmos. Já que não há retorno ao que eram antes".

Como de costume, não entendi a que se referia, pois a mulher estava cheia de frases estranhas.

Era mais ou menos às nove da noite quando pediu que a acompanhasse. Caminhamos pela escuridão por uma hora aproximadamente, até que chegamos a um lugar onde havia uma fogueira com pessoas ao redor. Quando nos aproximamos, ela indicou que me sentasse sobre uma pedra que havia ali.

O lugar da reunião estava perto de uma cascata. Eu podia ouvir seu rugido ao cair, como também sentir um pouco do ar úmido que chegava até onde nós estávamos.

O fogo dava suficiente luz para ver aos outros participantes. Era um grupo de umas quinze pessoas, a maioria era jovem, embora houvessem alguns velhos de aproximadamente a mesma idade de dona Silvia. Eu me sentia um pouco incomodado e deslocado, pois parecia que era o único novo ali.

Eu nunca tinha estado em uma cerimônia deste tipo e não sabia como proceder nem o que nos esperava; e isso me enchia de apreensão. Os participantes cantavam solenemente algo que eu não pude entender, mas que me envolvia em um indefinido sentimento de nostalgia.

Depois de um tempo de espera, saiu da escuridão um homem vestido com a pele de um coio e se aproximou do fogo, dançando de forma estranha. Tinha a cabeça do animal como máscara, assim, não era possível ver seu rosto. Pelos seus modos e forma de se mover, entendi imediatamente que era um bruxo.

Sem dizer nenhuma palavra, o homem veio para mim. Com um gesto muito habilidoso, agarrou minha mão esquerda e a passou por debaixo do seu braço, dando-me as costas. Senti uma dor aguda entre meus dedos e quis retirar meu braço, mas ele o tinha fortemente agarrado. Quando me soltou, notei que tinha feito um corte entre o dedo do meio e o anular, por onde o sangue fluía livremente.

E isso me perturbou enormemente; teria saído correndo de lá se não fosse pelo terror que me paralisava.

Então o bruxo apertou minha mão para tirar ainda mais sangue e verteu um pouco sobre a terra, outro tanto sobre o fogo e o resto em uma vasilha de barro ou cerâmica.

Logo depois, ordenou-me que me levantasse, que me despisse e mantivesse os olhos fechados. Havia tal força e autoridade nas palavras dele que fiz como mandou.

Durante um longo tempo, o bruxo rezou e cantou ao meu redor. Em certo momento sentia que me assoprava e passava ervas perfumadas por todo meu corpo. Então, ele me limpou com o fogo de uma tocha ou algo assim.

Em certo momento, senti que ele me vertia uma substância quente e viscosa sobre a cabeça. Minha curiosidade era grande, mas não ousei olhar para não desobedecê-lo.

Finalmente, ele me ordenou que abrisse os olhos. Fiquei chocado, meu corpo estava coberto de sangue! Em uma pedra diante de mim, vi o corpo decapitado de um pequeno cabrito negro. Quis protestar, mas a solenidade da ocasião me impediu.

Depois me ordenaram que fosse me lavar; e isso fiz. Caminhei desnudo diante de todos e fui para a cascata. A água estava fria, mas meu corpo queimava de calor e a senti muito agradável enquanto limpava o sangue que me pintava de vermelho.

Ao sair dali, alguém me esperava com uma toalha para que me secasse. Deram-me minhas roupas e me vesti, ainda aturdido pelos inesperados eventos. Logo regressei para tomar meu lugar junto ao fogo.

Apenas me sentei, e aqueles reunidos no círculo começaram a passar umas cestas cheias de botões de peiete. Cada um tomava um botão e passava a cesta para a esquerda. Pensei recusar, mas não havia nenhum caso; eu já tinha tomado minha decisão; assim, disse a mim mesmo: o que mais dá?, e entreguei-me a participar de forma gozoza da cerimônia.

Durante a maior parte da noite estivemos comendo peiote e cantando.

Em um certo momento, quando eu já estava sob o efeito da planta, o bruxo se aproximou, deteve-se diante de mim e tirou sua máscara. Quase desmaiei de medo. Poderia jurar que era o mesmo fantasma que eu tinha visto na cripta da catedral do México!

Um calafrio percorreu minha costa e quis gritar, mas o bruxo falou comigo com uma voz estranha, assim como áspera ou seca de algum modo. Disse que o nome dele era Melchor Ramos e que eu era bem-vindo entre eles.

Eu não soube o que responder; só concordei com a cabeça.

Eu estava em um estado de consciência muito especial, e a claridade que desfrutava naquele momento não era aquela de minha vida diária. Já bem de madrugada, os assistentes fizeram uma enorme espiral com as brasas da fogueira. Don Melchor veio até mim e falou que eu deveria ficar olhando a espiral até que Xolostoc (o diabo) se revelasse a mim.

Com crescente apreensão, fiz o que ele me ordenou, dizendo para mim mesmo que tudo isso era puro simbolismo. Mas, depois de um momento de olhar mesmericamente para as brasas, acabei ficando atordoado e senti que caía por um túnel, para uma escuridão total, onde eu já não me reconheci como eu mesmo.

Desde então, jamais voltei ao mundo do qual eu vim. Agora eu entendo tudo o que me passou e agradeço à minha esplêndida boa sorte de ter sido posto no caminho destes seres magníficos que são minha mestra e meu benfeitor.